



**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

CLEISY SILVA ALVES

**ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES: ESTUDO PRELIMINAR DE UM  
CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO/SE.**

ARACAJU/SE

2023

CLEISY SILVA ALVES

**ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES: ESTUDO PRELIMINAR DE UM  
CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO/SE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Ma. Tamyres Fontenele de Freitas Oliveira.

ARACAJU/SE

2023

A474e

ALVES, Cleisy Silva

Encontros nas memórias luzienses : estudo preliminar de um centro de tradições para o povoado crasto/se / Cleisy Silva Alves. - Aracaju, 2023. 125f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe.  
Coordenação de Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof. Me. Tamyres Fontenele de Freitas Oliveira

1. Arquitetura 2 Remanescente de quilombo  
3. Centro de tradições 4. Estudo preliminar I. Título

CDU 72 (043.2)

**ATA DA BANCA DE AVALIAÇÃO DE TCC**

Aos 18 dias do mês de dezembro do ano de 2023, às 19:00 horas, foi convocada e formada a banca examinadora, composta de três autoridades docentes, presidida por: **Tamyres Fontenele de Freitas Oliveira**, e as abaixoassinadas, para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC e sua apresentação oral, elaborado pela discente **Cleisy Silva Alves** cujo título é “**Encontros nas memórias Luzzienses: estudo preliminar de um Centro de Tradições para o Povoado Crasto/SE**”. Foi concedido o tempo máximo de 20 minutos para o discente fazer a exposição oral do trabalho, atribuindo-se outros 10 minutos para arguições. Após a apresentação, foram feitos os questionamentos ao discente, visando à atribuição de nota na disciplina. Concluídos os trabalhos, a banca passou à deliberação sobre a avaliação, considerando os critérios constantes na Ficha de Avaliação de TCC – Banca Examinadora. Após a deliberação, encerrada a presente banca, o(a) discente obteve as seguintes avaliações:

*A banca aprova a aluna com nota 6,0 e solicita correções conforme pontuações elucidadas pelas membros da banca.*

Aracaju, 18 de dezembro de 2023

*Tamyres Fontenele de Freitas Oliveira*

Presidente da Banca

*[Assinatura]*

Membro da Banca interno (A)

*Sauana dos Anjos Costa*

Membro da Banca externo (B)

*[Assinatura]*

Assinatura do Coordenador do Curso

*Cleisy Silva Alves*

Assinatura do Aluno(a)

Dedico este trabalho aos meus pais Cosminha e Elson e ao meu esposo Rafael que tanto me apoiaram e jamais me deixaram desistir. A toda a minha família e amigos que me acompanharam nessa jornada. Aos meus queridos professores da FANESE em especial a minha querida professora Tamyres Fontenele que acreditou e dedicou seu precioso tempo a me orientar sem me deixar desanimar. E por fim e não menos importante os meus queridos professores Italo Mota e Eduardo Rodrigues por me apresentar a comunidade do Crasto. Muito obrigada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por toda força, coragem e sabedoria que me concedeu, sem ele sei que nada disso seria possível, em especial a minha mãe, que por diversas noites seguiu acordada junto comigo enquanto produzia minhas atividades acadêmicas a mesma que rezava para que tudo desce certo, a que quando soube da minha aprovação no ensino superior através do Fundo de Financiamento Estudantil - FIES, não mediu esforços e foi na casa de cada amigo pedir uma contribuição para que pudesse conseguir pagar todas as documentações burocráticas necessárias para poder ingressar na faculdade. Ao meu pai por me apresentar a área da construção civil e me ensinar a nunca desistir dos meus sonhos.

Ao meu esposo que por tantas vezes me apoio, incentivou e me ajudou financeiramente a arca com despesas das quais não tinha condições. a minha sogra Railda (in Memoria) ao meu Tio Eraldo e sua família que sempre me ajudava, as minhas tias Sandra e Simone, a Dona Inaciene (in memória), ao amigo Alberto Vila Nova, por atender minha mãe em uma de suas visitas atrás de recursos.

Aos meus queridos professores, entre eles, Cristiano Pacheco, Zilton Cavalcanti, Marianna Albuquerque e Claudia Schweikart que sempre foram atenciosos comigo e aos amigos que sempre me emanam energias positivas.

Gostaria de agradecer imensamente a todas as pessoas que pararam para me conceder entrevistas ou conversar comigo durante minha inserção ao núcleo de estudos e foram essenciais para que esse trabalho acontecesse, muito obrigada Dona Maria, seu José Raimundo, seu Gilson leite, seu Risomario, Dona Teresinha e Denilma Santos.

Meu trabalho é primeiro e acima de tudo um instrumento social. As soluções de construção culturais, econômicas e ambientais são sempre permeadas por um processo social.

Diébédo Francis Kéré

## RESUMO

Esse trabalho final de graduação apresenta como proposta o estudo preliminar para um Centro de Tradições no Povoado Crasto, localizado em Santa Luzia do Itanhy/SE. Trata-se de uma comunidade de remanescentes quilombolas, que possui tradições e culturas seculares pouco exploradas e (re)conhecidas. O trabalho foi estruturado a partir do histórico do município e formação do Povoado Crasto, com o uso de fontes bibliográficas, e ainda, contou com a imersão da pesquisadora-observadora, que trouxe a dimensão das narrativas dos moradores para maior conhecimento sobre o objeto e percepção dos usuários. O trabalho apresenta nos primeiros capítulos, os estudos iniciais e de conhecimento do lugar, bem como as escutas e percepções para planejar o espaço físico. A proposta final considera em seu processo os capítulos anteriores e outras análises e referências para a construção do conceito e partido arquitetônico. Como resultado, compreende-se que o Centro de Tradições surge para fomentar a valorização da cultura local, bem como o turismo e economia local, fazendo com que seus líderes possam repassar saberes e criar replicadores da cultura.

Palavras-chaves: Crasto, remanescente de quilombo, Centro de Tradições, estudo preliminar.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização do município de Santa Luzia do Itanhy, com destaque para o Território Quilombola Luzienses.....	19
Mapa 2: Expansão dos Jesuítas no Brasil.....	28
Mapa 3: Mapa de macrozoneamento de Santa Luzia do Itanhy.....	33
Mapa 4: Mapa de localização e equipamentos do Crasto.....	38
Mapa 5: Diagnóstico do entorno imediato do terreno.....	68
Mapa 6: Esquema de possibilidades e intensidade.....	73
Mapa 7: Geomorfologia de Santa Luzia do Itanhy, com destaque do Crasto no círculo preto.....	75
Mapa 8: Uso de solo de Crasto.....	79

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tabela de horários de nascer e pôr do sol em Santa Luzia do Itanhy.....	76
Quadro 2: Programa de necessidade e pré-dimensionamento do Bloco I.....	93
Quadro 3: Fluxograma do Bloco I.....	94
Quadro 4: Programa de necessidade e pré-dimensionamento do Bloco II.....	96
Quadro 5: Fluxograma do Bloco II.....	97
Quadro 6: Programa de necessidade e pré-dimensionamento do Bloco III.....	99
Quadro 7: Fluxograma do Bloco III.....	100

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Paisagem do solo Massapê visto da rodovia SE-368.....	20
Figura 2: Vista da Mata Atlântica em território Luziense.....	20
Figura 3: Paisagem do solo Massapê visto da rodovia SE-368.....	21
Figura 4: Barracas de moradores ao longo da Rodovia SE-368.....	22
Figura 5: Mercadorias vendidas pelos moradores de Santa Luzia do Itanhy às margens da Rodovia SE-368.....	22
Figura 6: Entrada da cidade com a imagem da padroeira Santa Luzia.....	23
Figura 7: Vista da fachada da Igreja Matriz de Santa Luzia do Itanhy.....	23
Figura 8: Colônia de pescadores do Município de Santa Luzia do Itanhy.....	24
Figura 9: Gráfico de Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Santa Luzia do Itanhy.....	25
Figura 10: Projetos em andamento no município de Santa Luzia do Itanhy.....	26
Figuras 11, 12, 13, 14 e 15: Programa Ploc em processo de captura de áudio natural para trilha sonora, ao lado figura de um QR Code onde é possível ver como é feito todo o processo.....	26
Figura 16: Tupinambás, em uma gravura do século XVI.....	29
Figura 17: Evolução do número de engenhos em Sergipe até o final do século XIX.....	30
Figura 18: Engenho de São Félix.....	31
Figura 19: Vista da Ilha Mem de Sá.....	34
Figura 20: Turistas fazendo uso de espaço em um dos barzinhos do Crasto.....	36
Figura 21, 22 e 23: Faixa de Mangue com barcos e casa de taipa banhada de argamassa.....	39
Figura 24: Vegetação da Mata Atlântica com as pontes para as travessias de animais.....	40
Figura 25: Ruína da Primeira Igreja do povoado construída pelos Jesuítas.....	41
Figura 26: Entrada que dá acesso à praça principal do Povoado Crasto.....	41
Figura 27: Casas dos proprietários da fazenda Crasto Agro e Industria S/A- CAISA.....	42
Figura 28: Vista frontal do trapiche da família Leite (fazenda CAISA).....	42

Figura 29: Trapiche da família Leite, dona da fazenda CAISA.....	42
Figura 30, 31 e 32: Associação de artesanato e imagens do interior com peças produzidas pelos moradores.....	43
Figura 33: Biblioteca Luminescência.....	44
Figura 34, 35, 36 e 37: Campinho de grama da comunidade com praça anexada.....	44
Figura 38 e 39: Vegetação da Mata Atlântica com início de mangue e área de mangue próximo às casas da comunidade.....	45
Figura 40, 41, 42 e 43: Placas produzidas de forma artesanal para alertar sobre o descarte de lixo, Pescador saindo para mais um dia de pesca e imagens de seus equipamentos como rede e armadilhas utilizada pelos pescadores.....	46
Figura 44: Esteira com diversas espécies de peixe no processo de secagem.....	47
Figura 45: Artesanatos produzidos a partir de materiais extraídos da mata.....	48
Figura 46: Sr. Caceca consertando sua rede de pesca.....	48
Figura 47: Preparação dos barcos para a tradicional Festa dos pescadores no povoado Crasto... 49	
Figura 48: Fachada principal Centro Comunitário, Centro Cultural Nacajuca, México.....	58
Figura 49 e 50: Plantas localização e de Contexto.....	59
Figura 51: Vista Aérea da edificação.....	59
Figura 52, 53, 54, 55, 56 e 57: Vistas internas das áreas abertas.....	60
Figura 58: Planta de Situação.....	61
Figura 59 e 60: Croquis da fachada norte.....	61
Figura 61 e 62: Vistas laterais da fachada norte.....	61
Figura 63: Planta Baixa.....	62
Figura 64: Corte da fachada.....	63
Figura 65: Zonas úmidas.....	63
Figura 66: Vistas Internas das salas de músicas.....	64
Figura 67: Vistas da praça pública.....	64
Figura 68: Corte Longitudinal 01.....	65
Figura 69: Corte Longitudinal 02.....	65
Figura 70: Corte Transversal.....	65
Figura 71: Localização do lote onde será implantado o centro.....	67
Figura 72, 73, 74: Cabanas construídas pelos moradores para uso particular.....	69
Figura 75, 76, 77 e 78: Nível das casas e delimitação de lotes por cercados.....	70
Figura 79 e 80: Atracadouro feito por pescadores com troncos de coqueiro para manutenção e resguardo dos barcos.....	71
Figura 81: Atracadouros feitos por pescadores com troncos de coqueiro, que auxiliam os barcos que acessam o alto mar.....	71
Figura 82 e 83: À esquerda, Rodovia Adil Dantas do Amor Cardoso, sem pavimentação asfáltica, 2013.....	74
Figura 84: Pescador saindo para pescar no rio.....	74
Figura 85: Diagnóstico de escala arquitetônica do Crasto.....	75
Figura 87: Estudo Solar feito no mês de novembro do terreno e seu entorno.....	76
Figura 88: Diagnóstico climático do Crasto.....	77
Figura 89: Vista geral do terreno.....	78
Figura 90: Topografia considerando os desníveis da rampa náutica.....	78
Figura 91: Conceito do projeto.....	82
Figura 92: Integrantes do samba de coco da comunidade do Crasto, em pé com o pandeiro Benício Vitório, sentado com o pandeiro Emiliano Vitório e em pé com o ganzá Bernardino Vitório, ambos em memória.....	83
Figura 93: Mestre do samba de coco Josefa de Dedé.....	84

Figura 94: Trama feita por pescadores para ser utilizado o método construtivo da taipa.....	85
Figura 95: Secagem de peixe para comercialização.....	86
Figura 96: 1. Casa com a estrutura de trama de varas esperando a aplicação dos barro cercada por árvores da pindobeira. 2. trama de varas para criar limite de lote entre as residências. 3. ponte construída com troncos de coqueiro e tábuas. 4. toca do caranguejo. 5. cabana feita com barrotes e cobertura de pindoba. 6. preenchimento de parede com barro.....	87
Figura 97: Referências a ser utilizadas nos blocos, fachadas e telhados do centro.....	88
Figura 98: Estudo em croqui de setorização do Centro.....	89
Figura 99: Estudo em croqui de Implantação do Centro com seus fluxos.....	90
Figura 100: Estudo em croqui de Planta Baixa do Centro.....	91
Figura 101: Estudo em croqui da Planta Baixa com Fluxos do Centro.....	92
Figura 102: Setorização do Bloco I.....	93
Figura 103: Soluções iniciais do Bloco I.....	95
Figura 104: Setorização do Bloco II.....	96
Figura 105: Soluções iniciais do Bloco II.....	98
Figura 106: Setorização do Bloco III.....	99
Figura 107: Soluções iniciais para o Bloco III.....	101
Figura 108: Métodos construtivos utilizados no Centro.....	102
Figura 109: Planta Baixa do Bloco I.....	103
Figura 110: Planta Baixa do Bloco II.....	103
Figura 111: Planta Baixa do Bloco III.....	104
Figura 112: Planta de Telhado.....	105
Figura 113: Fachada Principal.....	105
Figura 114: Vista Aérea do Sudeste para o Nordeste.....	106
Figura 115: Vista Aérea do Sudoeste para Nordeste.....	106
Figura 116: Vista Aérea do Sul para Norte.....	107
Figura 117: Implantação com as representações de cortes do Centro.....	108
Figuras 118 e 119: Corte Transversal AA.....	108
Figuras 120 e 121: E Corte Transversal BB.....	109
Figuras 122 e 123: Corte Longitudinal AA.....	109
Figuras 124 e 125: Corte Longitudinal BB.....	110
Figuras 126 e 127: Detalhes da parede de tramas de madeira e do cercado.....	110
Figuras 128: vista térrea do Norte para o Sul.....	111
Figuras 129: Vista térrea da fachada do bloco I.....	111
Figuras 130: Vista térrea da fachada do bloco III.....	111

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. SANTA LUZIA DO ITANHY – SE: HISTÓRIA DE OCUPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO</b> .....	17
1.2. Breve histórico do município.....	27
1.3. Desenvolvimento através da educação e turismo de base comunitária.....	31
<b>2. SOBRE AS ÁGUAS DO POVOADO CRASTO</b> .....	<b>38</b>
2.1. Das águas à mata: uma cultura secular.....	45
2.2. Vida, saberes e prosas.....	50
2.2.1. Escutas e vivências: relatos de campo.....	50
<b>3. ESTUDO DE PROJETO REFERENCIAL: CENTRO COMUNITÁRIO E CULTURAL EM NACAJUCA, MÉXICO</b> .....	58
<b>4. ANÁLISE ARQUITETÔNICAS PARA CONCEPÇÃO DO ESTUDO PRELIMINAR.</b> 67	
4.1. Análise do entorno.....	67
4.2. Equipamentos disponíveis no entorno.....	72
4.3. Organização do sistema viário.....	73
4.4. Escalas, topografia e informações climáticas.....	74
4.5. O terreno.....	77
4.6. Legislações e Viabilidade.....	79
<b>5. PROPOSTA DE ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO EM SANTA LUZIA DO ITANHY - SERGIPE</b> .....	82
5.1. Estudos de conceito e partido arquitetônico.....	82
5.2. Estudo de implantação.....	89
5.3. Programa de Necessidade, Pré dimensionamento, Setorização, Fluxogramas e Soluções Iniciais.....	93
5.4. Plantas baixas e cortes esquemáticos.....	103
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	112
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114
<b>ANEXOS</b> .....	120

## INTRODUÇÃO

Quando inicia-se a jornada acadêmica os alunos estão propícios a desafios e prazeres de conhecer obras e lugares através de livros e visitas, ao longo dos anos por terem sido mergulhados em núcleos urbanos e rurais, clássicos e modernos, cria-se memórias afetivas, perspectivas e direcionamentos profissionais que formam os futuros arquitetos e urbanista.

Em uma das visitas realizadas em 2020, pela autora deste trabalho final, a um dos núcleos rurais da cidade de Santa Luzia do Itanhy, levou a formular um pensamento da necessidade de potencializar a cultura e pertencimento da comunidade do Crasto. E assim surgiu o interesse em contribuir com a valorização da cultura e tradição local. Mas, para que essa valorização fosse efetiva e acolhida, percebeu-se que a participação das pessoas seria essencial, pois são os atores do lugar. Com isso, parte da pesquisa resultou em escutas muito importantes para o desenvolvimento e escolha do tema do estudo preliminar proposto neste trabalho.

O Povoado Crasto está localizado no município de Santa Luzia do Itanhy, litoral sul do estado de Sergipe, a 76 km da capital, Aracaju. Trata-se de uma comunidade quilombola reconhecida pelo INCRA desde 2005, o crasto é banhado pelo rio Piauí e fica a 6,5 km de distância da sede, cercado por manguezais é um dos principais núcleos classificados como zona turística da região.

A vida dos moradores do povoado Crasto é diretamente ligada ao rio, mangue e à produção de artesanato. É a partir destes, e de outros afazeres diários, que conduzem o cotidiano, produzindo a renda mensal e, em parte, o fomento cultural de práticas seculares. Assim, este trabalho busca valorizar, fortalecer, garantir possibilidades com melhor infraestrutura para a comunidade e das pessoas que as praticam - que merecem maior reconhecimento e significação.

O Crasto possui baixos índices de desenvolvimento humano (IDH), pouca infraestrutura e poucos recursos. Conta com a ação de Organizações Não-Governamentais que atuam no território há 14 anos, à exemplo do IPTI (Instituto de Pesquisa Tecnologia e Inovação).

Assim, o objetivo geral deste trabalho é elevar a cultura do Povoado Crasto com a proposta de estudo preliminar de um Centro de Tradições, apresentações culturais, comercializar mariscos/pescados e culinária e o artesanato local. Com isso, os objetivos específicos são:

- Apresentar a história de ocupação do município de Santa Luzia do Itanhy e a formação do Povoado Crasto com diagnóstico prévio da proposta;

- Conhecer a vida, culturas , tradições e a dinâmica dos ribeirinhos do Povoado Crasto;
- Propor o estudo preliminar de um centro de tradições, que contribua para a comunidade ribeirinha de forma a valorizar a cultura local, bem como fomentar o turismo local.

Para alcançar os objetivos aqui propostos, foi traçados percursos metodológicos, onde primeiramente será realizada às pesquisas bibliográficas que trata da história de ocupação do município Santa Luzia do Itanhy e formação do Povoado Crasto, bem como a pesquisa em arquivos e órgãos municipais, na finalidade de ampliar as possibilidades de descobertas e ênfase no recorte estabelecido.

Diante da importância em conhecer a cultura e dinâmica do Povoado, foi utilizada a pesquisa qualitativa, que é definida por PAULILO (1999, p.136) como uma investigação que trabalha com “valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões, busca nos fatos particulares de cada indivíduos e grupos, fazendo com que seja de fácil compreensão”. E para aplicação dessa metodologia, considera-se o processo empírico durante as escutas, levando em conta a não estruturação de questionário. Assim, o processo acontece no formato observadora participante, no qual houve conduções das conversas à medida que as informações eram repassadas pelos moradores, havendo assim o envolvimento desta pesquisadora como pensante no processo de formulação das perguntas e direcionamentos. Com isso, houve maior atenção aos fatos que estavam acontecendo, possibilitando maior coleta de informações devido a ocorrência espontânea. De acordo com Queiroz, et al. (2007, p.281):

(...) a observação participante permite a reafirmação de fatos, facilitada pela vivência de situações específicas. O pesquisador sente intensamente as dificuldades e as facilidades das situações vivenciadas, inclusive as adaptações necessárias para compreender o campo de interrogativas, fruto de novas inquietações surgentes à medida que passa por essas vivências (...)

Por fim, o último objetivo foi alcançado com a análise dos estudos de caso - que vão trazer referências projetuais arquitetônicas, estruturais e estilísticas, estudos legislativos e análises do lugar, e por fim, a proposta de estudo preliminar que será apresentada a partir das fundamentações dos capítulos anteriores.

Onde no primeiro capítulo foi abordado um breve histórico do município de Santa Luzia do Itanhy, ressaltando sua importância no período colonial, trazendo as informações de formação da comunidade quilombola Luzienses, bem como seu processo de reconhecimento. Mostrou os índices de desenvolvimento e desafios enfrentados nas áreas educacionais, assim como projetos sociais têm mudado a vida de crianças, jovens e adultos dentro da comunidade.

Outro ponto abordado é a ideia de uma possível organização no segmento de turismo de base comunitária, o que ajuda no direcionamento do estudo proposto ao final do trabalho.

O segundo capítulo levanta as informações do povoado Crasto, as dificuldades enfrentadas com o deslocamento até a chegada ao local, ressaltando também informações históricas e atualidades. A vida e cotidiano dos moradores foi descrito através das percepções, saberes e emoções reconhecidas nas prosas e escutas, focando em seus principais meios de sobrevivência (pesca e artesanato) e na compreensão das necessidades destes em relação à valorização da cultura e tradição.

O terceiro capítulo apresenta os estudos dos projetos referenciais que trouxeram embasamento para as intenções projetuais do Centro de Tradições. No quarto capítulo são apresentadas as análises necessárias à compreensão do local (entorno, arquitetônica, legislativa). E por fim, no quinto e último capítulo o estudo preliminar será mostrado desde a formulação conceitual, de partido, primeiros traços, como um processo em desenvolvimento, até chegar à proposta final.

Assim, este trabalho conclui que a valorização da cultura dessa comunidade quilombola, está impressa não apenas no uso da tradicionalidade local, mas também na plasticidade e soluções arquitetônicas expressas, elevando o sentimento de pertencimento, bem como o fomento ao turismo e à economia local.

# CAPÍTULO I



*Santa Luzia do Itanhhy - Sergipe*  
*História de Ocupação e Desenvolvimento.*

## 1. SANTA LUZIA DO ITANHY – SE: HISTÓRIA DE OCUPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.

A cidade de Santa Luzia do Itanhy, como pode ser observado no Mapa 1, está situada no sul sergipano, a 76 km da capital Aracaju. Está cercada pelos municípios de Estância, Arauá, Itabaianinha, Umbaúba e Indiaroba. No Mapa 1, observa-se um destaque do Território Quilombola Luziense, onde está localizado o Povoado Crasto, que possui certidão de autorreconhecimento emitida pela Fundação de Palmares desde 2005<sup>1</sup>. Em meados de 2008, uma pesquisa da Universidade Federal de Sergipe – UFS, juntamente com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, elaborou o Relatório Antropológico da Comunidade Quilombola Luziense com o intuito do trâmite da titulação do território entregue no início de 2010 (Marcon e Bomfim, 2016). A partir dos fatos expostos o então reconhecimento foi concedido e reafirmado, atualizando os povoados que formam a comunidade Luziense. É importante ressaltar o que apresenta a Portaria nº 107, de 1º de junho de 2023<sup>2</sup>:

Art. 1º Reconhecer e declarar como terras da Comunidade Remanescente de Quilombo Luziense, a área de 8.457.8741 há (oito mil, quatrocentos e cinquenta e sete hectares, oitenta e sete ares e quarenta e um centiares), localizada no Município de Santa Luzia do Itanhy, no estado do Sergipe. §1º Os limites e confrontações do Território Quilombola Luziense são: NORTE: Gasoduto da Petrobrás, Rio Itagua e Rio Piauí. LESTE: Rio Piauí. SUL: Rio Piauí e Rio Saguim. OESTE: Rodovia Estadual SE-368, terras do P.A Vitória da União, Rio Guararema, Rio Iriquitiba e Gasoduto da Petrobrás.

Seu reconhecimento contou com apresentação de documentos, fotos, reportagens e arquivos históricos, assim como também com a ata de reunião feita durante assembleia com os moradores. Um reconhecimento tardio se observamos o histórico local, afinal, a comunidade já se reconhecia dessa forma por conta das suas culturas e tradições que eram passadas de geração para geração. As histórias e os ensinamentos foram passados pelos mais velhos e continuam sendo reproduzidos. Silva (2016, p.02) explica que os territórios quilombolas são espaços “étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas

---

<sup>1</sup> Em 12 de julho de 2005, foi emitida pela Fundação Cultural Palmares a Certidão de Auto Reconhecimento à Comunidade Luziense, em 19 de agosto de 2005, a portaria n. 32, de 12 de agosto de 2005, da Fundação Palmares publicou seu reconhecimento no Diário Oficial da União, na Seção 1, folha 20, o reconhecimento da Comunidade Luziense, com a seguinte redação: [...] Comunidade Luziense, localizada no município de Santa Luzia de Itanhy, pelos povoados Rua da Palha, Pedra Furada, Crasto, Cajazeiras, Taboa, Pedra D’Água, Bode e Botequim, Estado de Sergipe, Livro 003, Registro n. 261, f. 67. (Marcon e Bomfim, 2016)

<sup>2</sup> DOU. Portaria nº 107, de 1º de junho de 2023. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-107-de-1-de-junho-de-2023-487670854>. Acesso em 30 de agosto de 2023.

de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988”. Além disso, pode-se destacar o artigo 216 da CF/1988, que em seu parágrafo 5º, estabelece o tombamento de sítios quilombolas:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem. (Vide Lei nº 12.527, de 2011)

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

**§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. [...]**

(Brasil, 1988, grifo nosso)

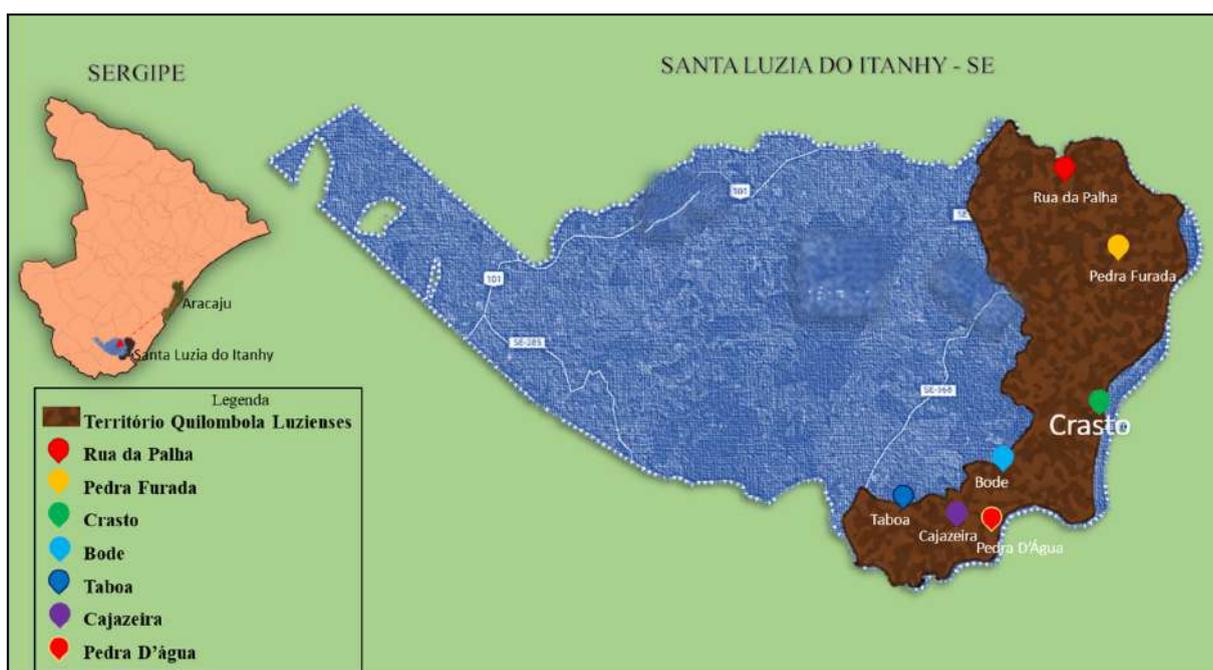
De acordo com Vaz (2016, s/p), “as diversas comunidades negras que permaneceram em seus territórios no período pós-abolição – invisibilizadas pelo Estado e sofrendo expropriações e violências de diferentes ordens (...)”, são “portadores de direitos etnicamente diferenciados”. Assim, utilizar termos como “*quilombo, remanescentes de quilombo, quilombolas*”, é uma forma de apropriar-se politicamente e reconhecer a existência desses “grupos detentores de modos de vida específicos associados à vivência da territorialidade e da diferenciação étnica”. E recentemente, baseada nas tantas premissas, estudos, e principalmente respaldada pela CF/1988, o IPHAN publicou a portaria 135 de 20 de novembro de 2023<sup>3</sup>, que:

Dispõe sobre a regulamentação do procedimento para a declaração do tombamento de documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos, conforme o previsto no art. 216, §5º da Constituição da República Federativa do Brasil, no âmbito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan e cria o Livro Tombo de Documentos e Sítios Detentores de Reminiscências Históricas de Antigos Quilombos.

---

<sup>3</sup> DOU. Portaria nº 135 de 20 de novembro de 2023. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-iphan-n-135-de-20-de-novembro-de-2023-524245835>. Acesso em novembro de 2023.

Essa portaria é fruto de uma ação coletiva entre Ministérios da Cultura (MinC), da Igualdade Racial (MIR) e dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e da Fundação Cultural Palmares, e ainda, houve consulta pública aberta através de formulário eletrônico<sup>4</sup>. Cabe destacar, que trata-se de uma reparação histórica, uma mudança de postura no que diz respeito ao povo brasileiro, de reconhecimento de culturas de matriz africana, essa “regulamentação do tombamento dos quilombos é um marco deste novo momento na condução da política de patrimônio cultural do País”. (Agência Gov, 2023)



Mapa 1: Localização do município de Santa Luzia do Itanhy, com destaque para o Território Quilombola Luzienses.

Fonte: Informações coletadas em INCRA/QGIS (2023) e Google Maps (2023). Intervenções realizadas pela autora em setembro de 2023.

A formação do quilombo acontece ainda nos séculos XVIII e XIX, e estão hoje localizados a poucos quilômetros da sede de Santa Luzia do Itanhy, sendo formado por sete povoados: Bode, Pedra D'Água, Taboa, Cajazeiras, Rua da Palha, Pedra Furada, e Crasto. Silva (2016, p.02) explica que “Essas localidades distanciam cerca de 2 a 7 quilômetros entre si, e conformam uma área de 8.457,8741 hectares, que corresponde a 1/4 (25,67%) da área total do município”. Ainda de acordo com o mesmo autor, “Trata-se de um dos maiores conjuntos quilombolas do Estado, e abriga aproximadamente 855 famílias”. As últimas pesquisas divulgadas pelo IBGE (2022) mostram que essa comunidade possui cerca de 4.405 pessoas que se auto identificam como quilombolas no território.

<sup>4</sup> Essa consulta contou com 240 contribuições de organizações e indivíduos da sociedade civil, sendo a maioria, quilombolas residentes em quilombos. (AGÊNCIA GOV, 2023)

A medida que nos aproximamos dos limites urbanos se deparamos com algumas peculiaridades do município Para chegar em Santa Luzia do Itanhy, segue-se na direção sul da rodovia SE-368, um percurso acompanhado pela Mata Atlântica que conforma o bioma local junto às matas ciliares e de restinga.(Ver figuras 1 e 2)

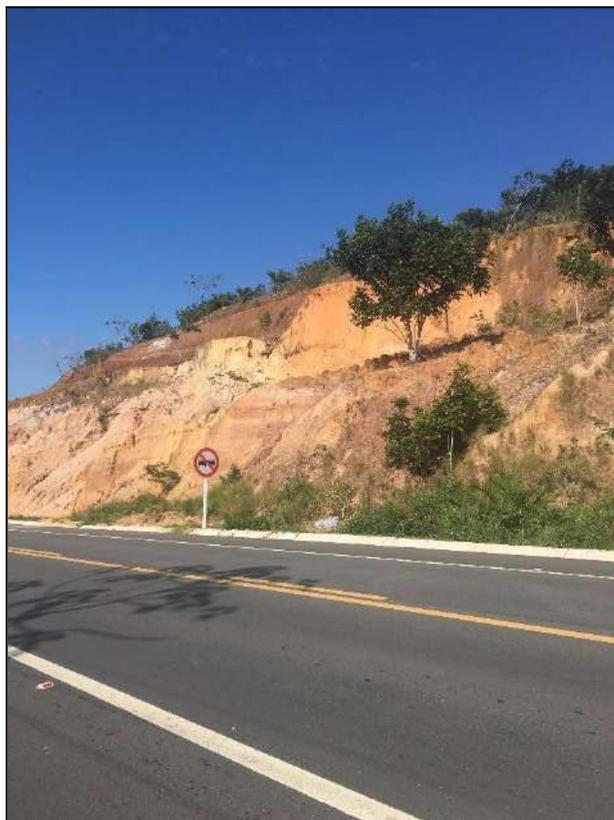


Figura 1: Paisagem do solo Massapê visto da rodovia SE-368.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023

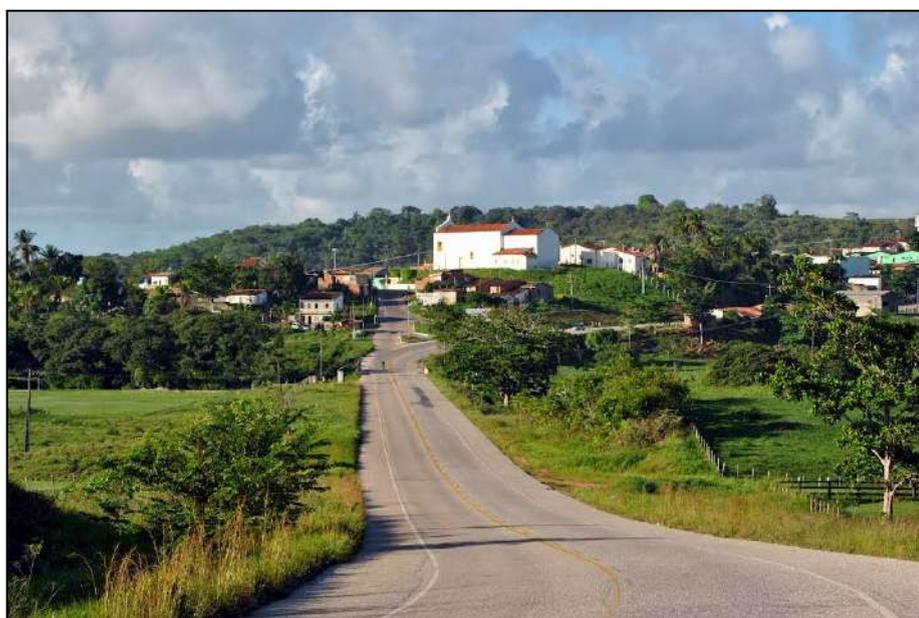


Figura 2: Vista da Mata Atlântica em território Luziense.  
Fonte: Acervo Reginaldo Paz (Blogspot, 2019).

Por esse trajeto, nota-se a presença de moradores à beira da estrada, vendendo produtos em barracas de palha. Encontra-se cocadas, coco, bananas, manga, etc., assim como outros produtos desenvolvidos com matéria prima local, como o artesanato em palha (ver figuras 3, 4 e 5). Durante uma conversa com Dona Maria<sup>5</sup>, que vende cocadas de coco no local, ela disse: “Desde quando me aposentei que eu estou aqui, isso tem pra mais de 11 anos que fico aqui neste cantinho, nesse mesmo lugarzinho, todos os dias, o dia que não venho é porque estou doente ou viajei”. A prática e a necessidade da venda no local é importante e tradicional para ela, assim como para outros vendedores/moradores que ocupam o espaço.



Figura 3: Paisagem do solo Massapê visto da rodovia SE-368.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023

---

<sup>5</sup> Uma senhora de 72 anos que concedeu entrevista para este trabalho, e autorizou o uso de seu nome e falas por meio de áudios, em 01 de outubro de 2023.



Figura 4: Barracas de moradores ao longo da Rodovia SE-368  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.



Figura 5: Mercadorias vendidas pelos moradores de Santa Luzia do Itanhy às margens da Rodovia SE-368.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Ao chegar nos limites urbanos do núcleo principal, visualiza-se a imagem da padroeira da cidade – Santa Luzia (Figura 6) e, em seguida, avista-se a Igreja Matriz de Santa Luzia do Itanhy (ver Figura 7). O município possui uma cultura religiosa majoritariamente católica, marcada pela peregrinação de fiéis em devoção à Santa Luzia que tem origem em cidades vizinhas como por exemplo a tradicional peregrinação com deslocamento inicial da cidade de Estância e segue até a Igreja Matriz.



Figura 6: Entrada da cidade com a imagem da padroeira Santa Luzia.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.



Figura 7: Vista da fachada da Igreja Matriz de Santa Luzia do Itanhil.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

O município conta como principal fonte de renda a pesca e a agricultura, por se tratar de uma região formada por muitos rios, marés e manguezais, o que explica o uso de embarcações para locomoção e a abundância das atividades pesqueiras e marisqueiras. Os moradores obtêm recursos financeiros através de vendas de peixe, camarão, caranguejo e outros crustáceos, bem como, da colheita de macaxeira, coco e hortaliças, do quais se deslocam para vendas nas cidades vizinhas.

Durante uma das visitas, observou-se o Morador A<sup>6</sup> ajudando uma marisqueira da comunidade a beneficiar<sup>7</sup> o camarão para ajudar a complementar a renda da família. nos limites da cidade é comum encontrar marisqueiras e pescadores sentadas em frente às suas casas, mais especificamente nas calçadas, na beira do Rio ou na frente de estabelecimentos comerciais fazendo o benefício dos mariscos e peixes.

A cidade possui uma associação de pescadores e marisqueiras que fica localizada ainda na sede administrativa do município (ver figura 8) que garante a esse povo dignidade ao fim da sua jornada trabalhista, com a aposentadoria e auxílios após idas e vindas ao rio e ao mangue. Em conversa com o Sr. José Raimundo<sup>8</sup>, pescador aposentado e morador da cidade, relatou: “Comecei aos 10 anos para ajudar meu pai, fiquei mais de 50 anos no rio. Entrava de dia e de noite. Que chovesse ou que fosse sol. Aqui a gente pesca e entrega ao turista e aos cambistas, que leva para cidades vizinhas”.



Figura 8: Colônia de pescadores do Município de Santa Luzia do Itanhý.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010), o município possui 13.616 habitantes, e apresenta baixa densidade demográfica (IBGE, 2022), indicada em 41,86 hab/km<sup>2</sup>. Mesmo com dados ainda de 2010, o IBGE informa que a cidade possui um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), indicado em 0,545 (ver figura 9). Este índice indica o grau de desenvolvimento econômico e a qualidade de vida das pessoas de um determinado lugar.

---

<sup>6</sup> O entrevistado não autorizou sua identificação e assim utilizou-se a nomenclatura “Morador A” para identificá-lo neste trabalho. Foi concedida apenas autorização para uso da entrevista, que foi gravada com áudio no dia 1º de outubro de 2023..

<sup>7</sup> Beneficiar significa o processo de limpeza do camarão.

<sup>8</sup> Entrevista de pesquisa concedida, gravada e autorizada por José Raimundo em 1º de outubro de 2023.

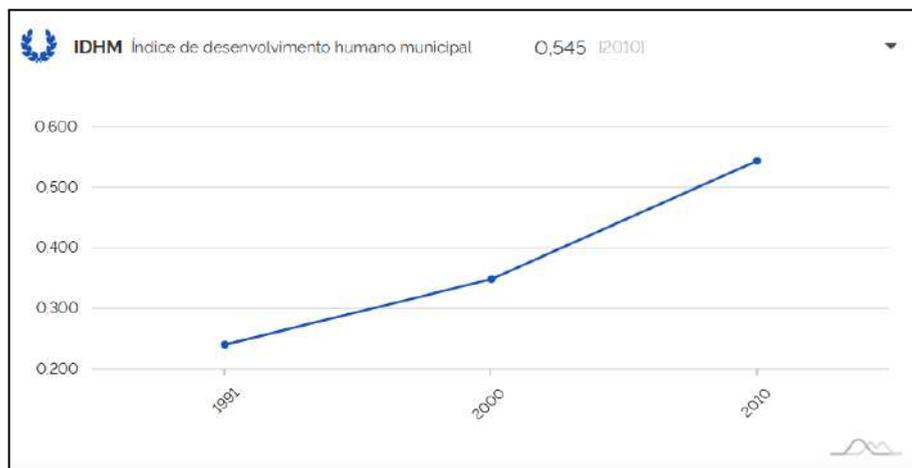


Figura 9: Gráfico de Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Santa Luzia do Itanhy. Fonte: IBGE, 2010.

Diante dos dados apresentados, percebe-se que se trata de uma cidade ainda em desenvolvimento urbano e econômico. Assim, o Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação (IPTI), uma Organização Não Governamental (ONG), passou a atuar no território, trazendo para o município projetos focados no desenvolvimento social e econômico, contribuindo na formação das crianças, jovens e adultos, e ampliando oportunidades.

O IPTI começou a dar seus primeiros passos em outubro de 2003, na cidade de São Paulo. Em 2009, a organização decide mudar sua sede para Santa Luzia do Itanhy, sul de Sergipe, um dos municípios com menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, para junto com a comunidade local gerar soluções que sejam eficazes em contextos de extrema vulnerabilidade e que tenham potencial de escala. Ou seja, tudo acontece a partir de Santa Luzia do Itanhy. Depois de criadas, geradas e sistematizadas, as tecnologias sociais desenvolvidas naquela região estão prontas para reaplicação em qualquer parte do planeta. (IPTI, 2022)

O IPTI visa oportunizar as pessoas beneficiadas e construir habilidades com os diversos projetos, que trazem em seu conceito a valorização cultural da região. Conta com dezenas de projetos ativos no município, entretanto, um dos projetos que mais chamam a atenção é o projeto Ploc, que cria “oportunidades para jovens sensíveis à integração do som e arte, para perceberem e explorarem a paisagem sonora local como possibilidade de desenvolvimento cultural e econômico” (IPTI, 2022/a), com intuito de formar profissionais para o mercado de trabalho. (ver figuras 10 a 15)

Durante uma conversa com o Morador B<sup>9</sup>, este falou sobre sua rotina diária, que costuma pescar, gosta de estudar e está no oitavo ano do ensino fundamental. O ápice da conversa foi ao falar sobre a ONG IPTI, contou animado sobre os aprendizados: “Eu faço

<sup>9</sup> O entrevistado não autorizou sua identificação e assim utilizou-se a nomenclatura “morador A” para identificá-lo neste trabalho. Foi concedida apenas autorização para uso da entrevista, que foi gravada com áudio no dia 1º de outubro de 2023.

curso de artes em 3D e aqui melhorou muito, eu já sabia desenhar, mas eu aprendi mais a juntar as cores”.

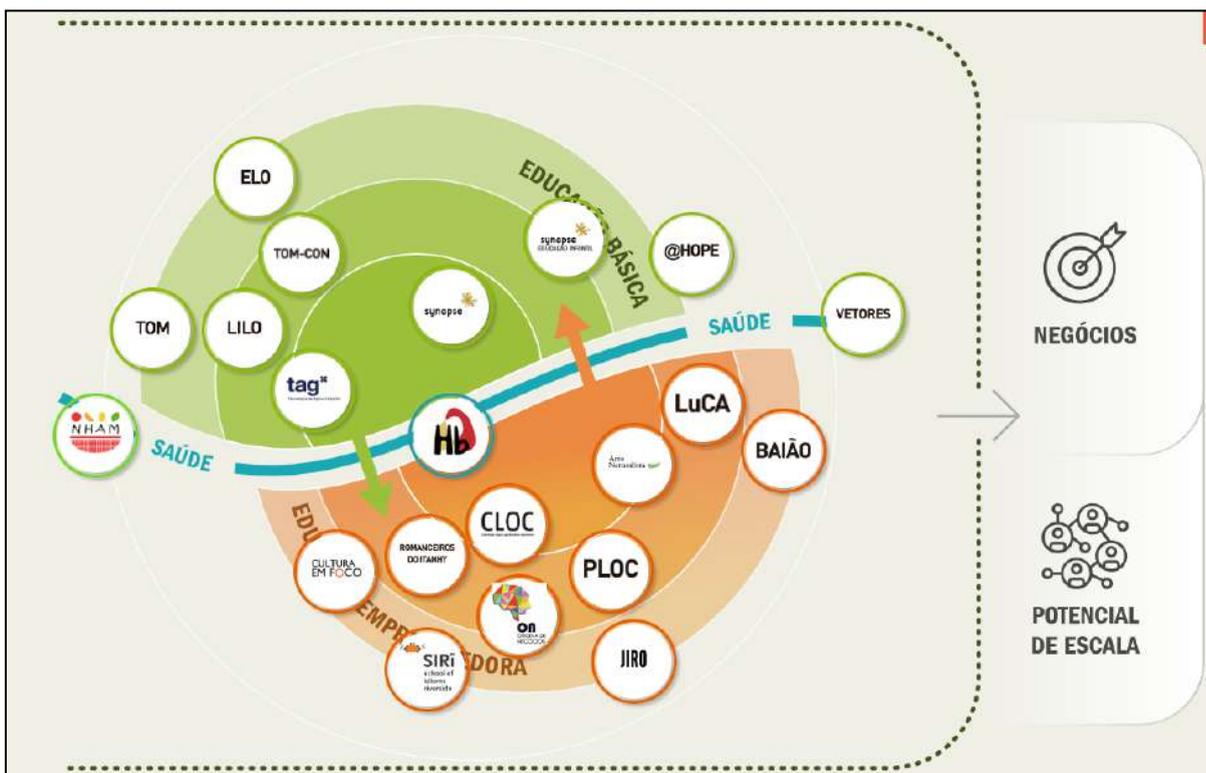


Figura 10: Projetos em andamento no município de Santa Luzia do Itanhy.

Fonte: IPTI. Disponível em: <https://www.ipti.org.br/projetos/ploc/>. Acesso em 09 de setembro de 2023.



Figuras 11, 12, 13, 14 e 15: Programa Ploc em processo de captura de áudio natural para trilha sonora, ao lado figura de um QR Code onde é possível ver como é feito todo o processo.

Fonte: IPTI. Disponível em: <https://www.ipti.org.br/projetos/ploc/>. Acesso em 09 de setembro de 2023.

Diante do exposto, percebeu-se o quanto se faz necessário a importância do reconhecimento e da valorização cultural e étnico-racial para esse lugar e seus moradores, trabalhando na elaboração de uma infraestrutura e/ou espaço físico que possa atender as demandas dessa comunidade possibilitando outros aprendizados no qual colocam os moradores a vivenciarem experiências de suas raízes, de forma a (re)descobrirem sua história de forma artística.

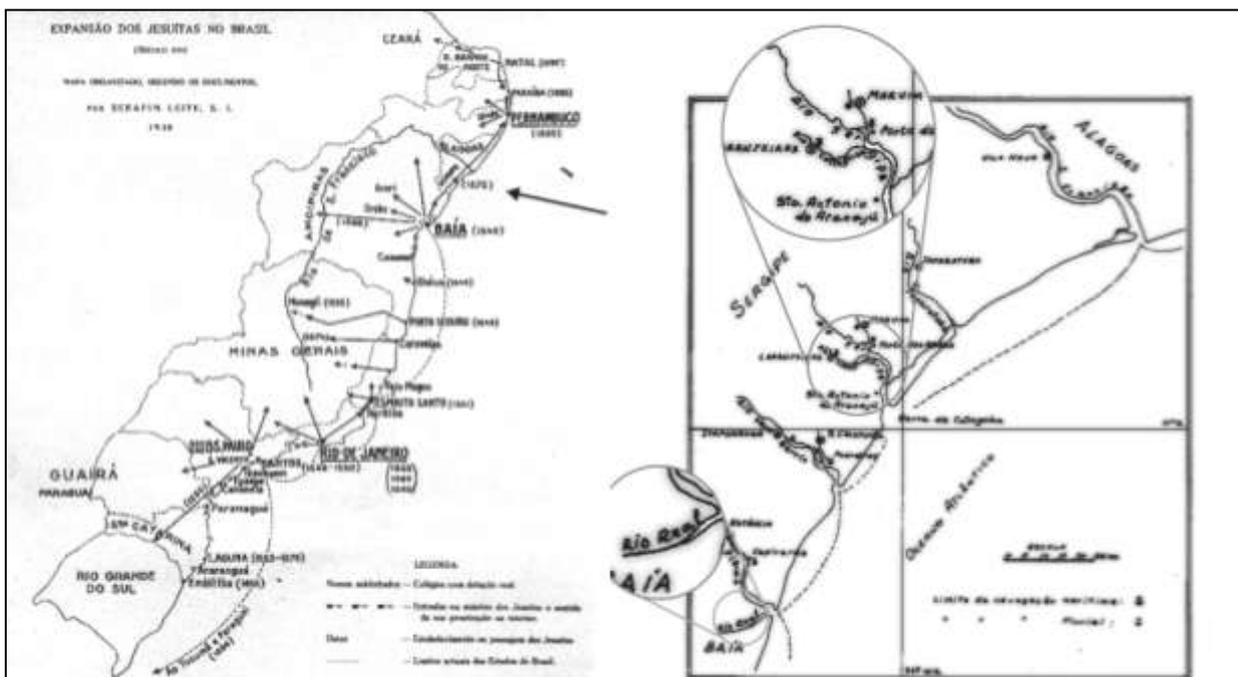
## **1.2. Breve histórico do município**

A cidade de Santa Luzia do Itanhy, “por ser a primeira cidade povoada do Estado de Sergipe, teve seu primeiro recorte datado em 1575, quando o padre jesuíta Gaspar Lourenço chegou junto com portugueses para colonizar e catequizar os indígenas da região” (Nunes, 1989 p. 20). “Os jesuítas estabeleceram-se numa aldeia com cerca de 1000 indígenas e construíram uma “igreja feita de pindoba”<sup>10</sup>, e nomearam lugar como aldeia de “São Tomé”. A primeira missa aconteceu a mais 448 anos, sendo considerada a primeira missa em solo sergipano, assistida por tribos da etnia Tupinambás em processo de catequização” (Freire, 1995 p.17).

Abaixo, o mapa 2 apresenta a expansão dos jesuítas no Brasil por toda a costa brasileira na qual, os jesuítas tinham uma certa preferência já que assim que colonizados os Indígenas, eles atuavam como porta vozes da sua cultura abrindo as portas para que os que se sucedem após a sua chegada onde conseguiam vantajosas trocas de mercadorias com os povos indígenas que ali residiam, (Sousa; Cavalcante, 2016).

---

<sup>10</sup> A pindoba é um tipo de palmeira bastante resistente e que era aplicada em telhados de construções de taipa para proteção das intempéries do tempo, inclusive se utilizada de forma correta se torna resistente principalmente a água.



Mapa 2: Expansão dos Jesuítas no Brasil.  
 Fonte: ALMEIDA, 1984. p. 26.

Mas é evidente que como toda e qualquer história de conquista territorial existiu o período marcado pelos constantes conflitos entre as comunidades indígenas, assim como em Sergipe:

(...) os que se aposentaram, entre o Rio de São Francisco e o Rio Real, se declararam por inimigos dos que se aposentaram do Rio Real até a Bahia, e faziam-se cada dia cruel guerra, e comiam-se uns aos outros; e os que cultivavam, e a que davam vida, ficavam escravos<sup>11</sup> dos vencedores. (Sousa, 1879, p. 279)

“Os portugueses aproveitando-se desses conflitos para aumentar seu número de pessoas escravizadas em seus territórios e assim adquirir poder” (EAMB, 2015). De acordo com Nunes (1989, p. 20) “Nessa luta pelo controle das populações indígenas do território sergipano, se anteciparam os jesuítas sob o pretexto de atenderem ao apelo dos que ali residiam”. Esse “controle das populações indígenas” ressalta como eles eram reconhecidos, uma população completamente sem direitos e submissos aos Jesuítas.

O local passou por diversas modificações em sua nomenclatura onde em 1832 recebeu o nome de Vila Real de Santa Luzia. e posteriormente em 1944 modifica o nome do Município para Inajaroba; este nome, por sua vez, foi mudado para Santa Luzia do Itanhém em 25 de Novembro de 1948. “Itanhém” era o nome que os indígenas davam ao rio Real, hoje mais conhecido como Crasto.<sup>12</sup> (ver figura 16)

<sup>11</sup> Atualmente não se faz mais uso desse termo, estando presente neste trabalho de conclusão de curso somente por fazer parte de uma citação direta escrita em tratado de 1587, publicado em 1879.

<sup>12</sup> SERGIPE. A cidade de Santa Luzia do Itanhém. S/d. Disponível em: <https://santaluziadiotanhem.se.gov.br/a-cidade/>. Acesso em setembro de 2023.



Figura 16: Tupinambás, em uma gravura do século XVI.  
Fonte: EAMB, 2015.

Durante o século XVI e XVII o açúcar foi um dos principais produtos comercializados no Brasil, o que ocasionou num crescimento exorbitante de engenhos. Em Sergipe não foi diferente, chegando a ter mais de 820 engenhos em menos de 280 anos. Sergipe estava entre as 10 maiores importadoras de produtos que vinham do estrangeiro para o Brasil e ao mesmo tempo exportava quase que exclusivamente açúcar, algodão e gado. “Santa Luzia tornara-se o seu primeiro grande aglomerado urbano, ponto de embarque para uma produção diversificada que ia dos cereais ao predomínio do açúcar”. (Almeida, 1984, p.163) (ver figura 17)

O Sr. Zé de Aníba contou em entrevista o que ouvia de seu pai e suas memórias de vivências: “Crasto, na verdade, era o ponto de exportação para outras cidades e até estados, toda a produção de açúcar vinha pra Crasto, porque aqui tinha o trapiche, o coco nosso, a banana, tudo que nos tinha era exportado para Bahia.”<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Seu Zé de Aníba (José Aníba) como gosta de ser chamado é vendedor de moqueca de aratu. Entrevista concedida, gravada e autorizada por José Aníba em 1º de outubro de 2023.

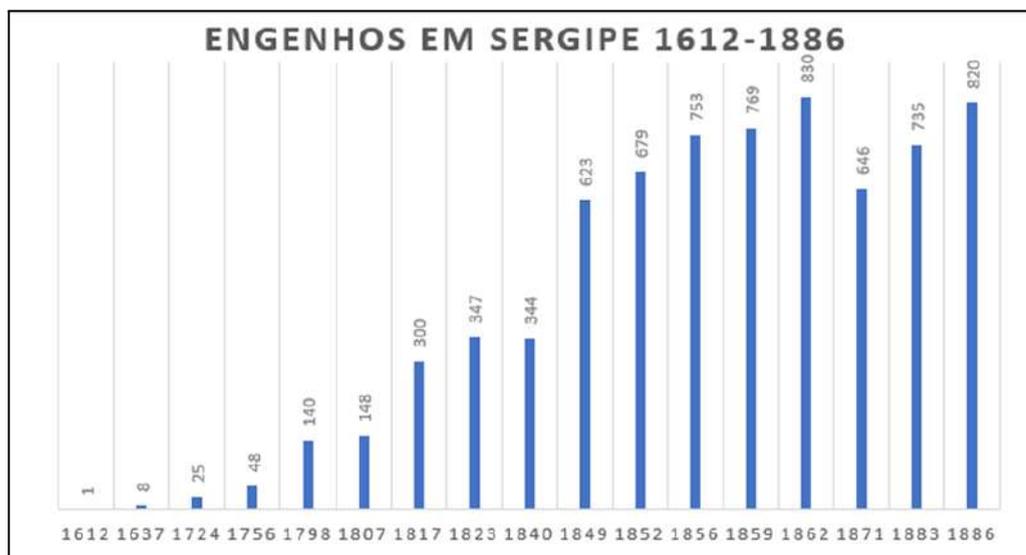


Figura 17: Evolução do número de engenhos em Sergipe até o final do século XIX.  
 Fonte: Almeida, 1984, p. 109.

Com o desenvolvimento econômico de Sergipe, devido a exportação de cana de açúcar, cresce também o mercado de tráfico de pessoas escravizadas, na maioria das vezes trazido do continente africano (Antônio, 1973). Assim, quando se firmou a colonização no território Luzienses, iniciou-se uma miscigenação devido à chegada de pessoas escravizadas e brancos europeus (Freire, 2013).

Na região hoje conhecida como Santa Luzia do Itanhy, o plantio de mantimentos como mandioca, milho, arroz, feijão e criação de aves, e gados ganha força. E diante desses processos produtivos, os senhores de engenho percebem que as terras (hoje referente às da região sul de Sergipe) são muito férteis e começam a construir grandes engenhos para plantio da cana-de-açúcar. Um exemplar ainda existente na região é o Engenho de São Félix (ver figura 18). De acordo com Espinheira (2011 *apud* Infonet, 2016), trata-se de uma

(...) propriedade passou por diversos membros da família Vieira, como o Major Sizenando de Souza Vieira e sua esposa Adelaide Souza Leite. O engenho foi inicialmente movido à roda d'água, e produzia açúcar mascavo. Em 1914, foi transformado em usina e passou a produzir açúcar cristal. O engenho parou as produções entre as décadas de 60 e 70, assim como tantos outros em meados do século XX - instalando-se a crise açucareira.



Figura 18: Engenho de São Félix.  
Fonte: Museu Vivo da Cidade, s/d.

São muitas mudanças territoriais e étnicas que movimentam a história dos Luzienses, e é fato o crescimento de comunidades quilombolas<sup>14</sup> em diversos territórios sergipanos. Diante disso, Bonfim e Marcon (2016, p. 139) explicam que o Território Luziense é “uma região de antigas fazendas ligadas aos engenhos canavieiros dos séculos 18 e 19 e às usinas que prevaleceram até a segunda metade do século 20, no município Santa Luzia do Itanhy”. Nos revela que as pessoas que ali permaneceram às margens do Rio e Marés descendem de origens africanas - que está presente em sua cultura, costumes e tradições -, e que é reafirmado nas falas dos próprios moradores - que se orgulham como replicadores de uma cultura passada, o que fica explícito na fala dos próprios moradores locais no qual entende que esse repasse de cultura é importante para a continuidade das tradições locais, Percebeu assim, a importância do reconhecimento da própria cultura, e como isso pode ser uma fonte inesgotável para o desenvolvimento social, cultural e econômico dessa comunidade.

### **1.3. Desenvolvimento através da educação e turismo de base comunitária**

Num país como o Brasil, onde a desigualdade ainda é destaque, e que possui um enfrentamento constante no desenvolvimento, nota-se que alguns municípios brasileiros sofrem mais que outros dependendo de sua geolocalização.

Ainda assim, quando se pensa em desenvolvimento imagina-se, grandes obras, inovações tecnológicas, projetos em andamentos e, principalmente, grande porte econômico dentro de um determinado espaço. Considerar tudo isso, é de fato importante, mas é preciso

---

<sup>14</sup> “As comunidades quilombolas são grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana –, que se autodefinem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias.” (Brasil, 2020)

que haja envolvimento social. E este tópico, busca mostrar como informações importantes que afetaram diretamente a situação atual do nosso núcleo de estudo.

Dentre os fatos encontrados nas pesquisas, segundo o IBGE (2020), apenas 5,9% da população estava ocupada, ou seja, mais de 94% das pessoas em Santa Luzia do Itanhy estavam ou estão dentro da situação de vulnerabilidade social por não terem ocupação trabalhista que promova a auto sustentação financeira. Ainda segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (Brasil, 2023/d), este ano a cidade apresentou potencial 2 de aprendizagem profissional, onde a população recebe de fato a qualificação profissional desejada para exercer cargos dentro de uma organização. Apresentou potencial 1 para comércio e agricultura, ou seja, um dado preocupante que afeta diretamente a vida das pessoas, já que, poucos recursos serão destinados a esses setores tão importantes da economia luziense. Já na educação, segundo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE (2023), existem algumas ações em andamento para melhorar o cenário atual.

Entretanto, observou-se que - com os impactos causados pela pandemia da COVID-19, que causou milhões de mortes - a cidade de Santa Luzia do Itanhy chegou a registrar em seu momento mais crítico, 700 pessoas infectadas com o vírus e registrou 13 óbitos confirmados (Boletim Covid-19, 2023). Sendo que o primeiro caso registrado/confirmado foi em meados de março de 2020.

Durante o período de *lockdown*, a educação sofreu devido o fechamento de escolas, e Como os decretos proibiam a aglomeração, o turismo também foi impactado na região e afetou diretamente a comunidade que atuava na venda de produtos e alimentos, além dos passeios a barco fazendo com que os residentes do povoado Crasto ficasse dependente única e exclusivamente da implementação de políticas públicas que auxiliasse na sobrevivência durante o período mais crítico<sup>15</sup>.

Por ter sido considerada uma fase extremamente delicada para a comunidade, a pandemia trouxe uma grave crise econômica e que abalou o setor turístico. Mas com o fim da fase crítica de pesquisas realizadas pelo Ministério do Turismo (Brasil, 2022/b) e META, revelaram que 60% das pessoas planejavam viagens para cidades de outros estados brasileiros, reforçando a tendência crescente do turismo interno ou de base comunitária<sup>16</sup>.

Diante do exposto, observa-se uma tendência em que as pequenas comunidades já estejam sendo beneficiadas desde o primeiro semestre de 2023. O que nos leva a pensar que o Povoado Crasto possui potencial para receber os visitantes e assim aquecer a economia local. Em pesquisa mais recente, o Ministério do Turismo em parceria com a SPRINT Dados e a

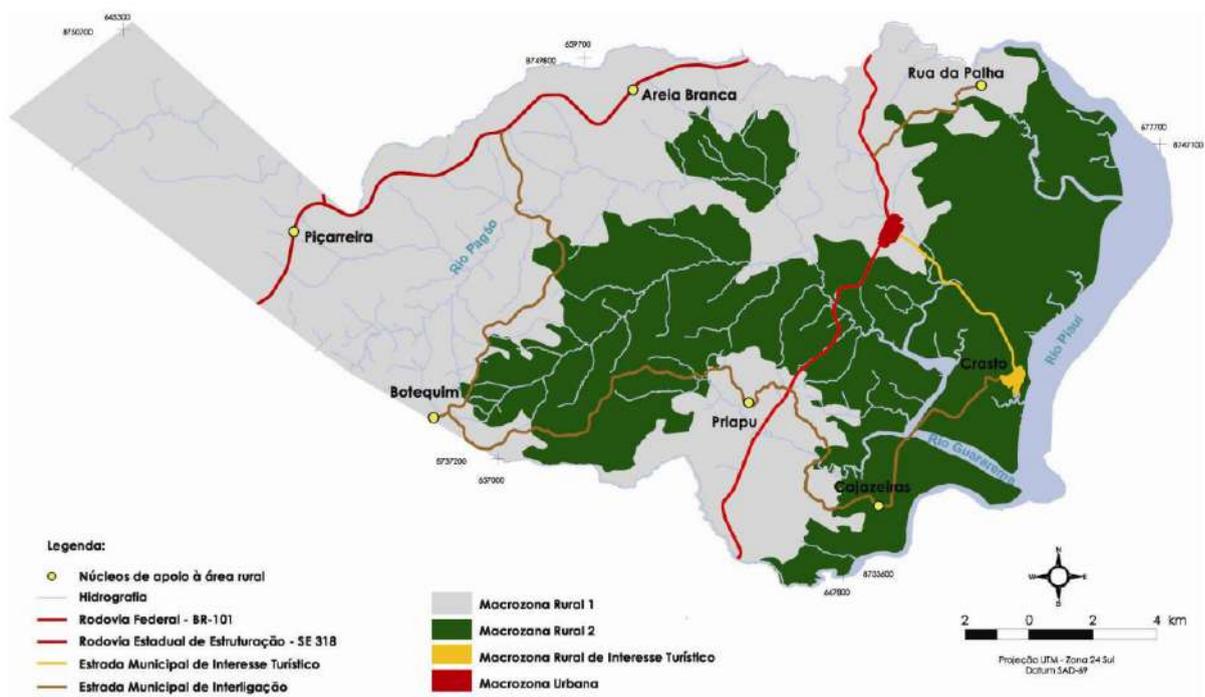
---

<sup>15</sup> A Prefeitura de Santa Luzia do Itanhy inicia a 2ª etapa de distribuição de cesta básica. (Sergipe, 2020)

<sup>16</sup> Pesquisa feita no segundo semestre de 2022, pela META, administradora de algumas das principais redes sociais utilizadas no Brasil. (Brasil, 2022/b)

Rede Turismo Rural Consciente (Brasil, 2023/a), divulgou em junho que 74% dos turistas escolhem o turismo rural ou comunitário pela proximidade com a natureza, e o desejo de estar num local que traz, paz e tranquilidade juntamente com o aprendizado por trás de cada local visitado.

O Povoado Crasto, como já apresentado anteriormente, é apontado como macrozona de potencial turístico (Ver mapa 3), por possuir belezas naturais, abastece o mercado da redondeza com os mariscos e peixes, possui produção original de artesanato. Ao mesmo tempo, apresenta grande sofrimento econômico devido a ausência de investimentos para impulsionar o desenvolvimento local.



Mapa 3: Mapa de macrozoneamento de Santa Luzia do Itanh.  
 Fonte: PDDU de Santa Luzia do Itanh, 2008. Adaptações pela autora.

Cabe citar como exemplo sergipano o caso da Ilha Mem de Sá, que está localizada no município de Itaporanga D'Ajuda. Trata-se de uma Ilha fluvial, do Rio Paruí, afluente do Rio Vaza Barris, na qual o Instituto Federal de Sergipe (IFS), através do Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Turismo em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, atuaram diretamente no turismo de base comunitária, habilitando o local para melhor receber os turistas. “O principal intuito é de habilitá-los a melhorar as condições turísticas na localidade, considerando os aspectos de conservação e identidade territorial como explicado no livro” (Braghini et al., 2020, p.95)

É importante frisar que com a esses estudos implantados nas comunidades, podem ocorrer alguns problemas, tais como, a expansão imobiliária que pode impactar diretamente o

comportamento dessas comunidades, podendo reprimir os principais agentes de praticarem suas tarefas diárias.



Figura 19: Vista da Ilha Mem de Sá.  
Fonte: Sergipe, 2019.

Atualmente, a receptividade de turistas no Povoado Crasto ainda não dispõe de uma infraestrutura necessária, o que resulta numa pequena oferta turística e em pouco retorno financeiro para os moradores. É importante destacar que, a cidade de Santa Luzia do Itanhy faz parte do polo Costas dos Coqueirais, que são Os pólos turísticos de Sergipe que possuem características similares relacionados à identidade histórica, cultural, econômica e geográfica, mas não há planejamento estratégico para promover o turismo local (Sergipe, 2021/a).

Contudo os moradores externam preocupação com a falta de oportunidades de trabalho para os mais jovens o que faz com que os mesmo busquem emprego em outros povoados e cidades, fragilizando as tradições e culturas locais. O Sr José Raimundo<sup>17</sup> nos confidenciou que três dos seus quatro filhos estão em outras cidades justamente pela falta de oportunidade, em complemento disse: “Eu ensinei aos meus filhos, mais hoje todos foram embora, só ficou minha menina que trabalha aqui na fazenda” como cuidadora da dona<sup>18</sup>. Diante desta fala é possível notar o desejo por uma valorização do trabalho executado por eles, de uma tradição,

<sup>17</sup> Entrevista de pesquisa concedida, gravada e autorizada por José em 1º de outubro de 2023. Pescador há mais de 50 anos.

<sup>18</sup> Referindo-se a dona da fazenda CAISA.

de uma cultura que pode se perder. É um retrato, também, das condições precárias de trabalho e da baixa renda das famílias.

Os homens, geralmente, se encarregam da pesca e traslado dos turistas, e as mulheres são marisqueiras que também cuidam da culinária local. Os mais idosos contam as histórias e repassam as tradições artesanais e culturais da comunidade. Os jovens pouco se envolvem nessas tradições, e poucos permanecem na comunidade para ajudar nos afazeres diários, exceto os que fazem parte dos programas sociais organizados pela Ong IPTI.

Considerando-se o que foi dito, surge uma questão: Como gerar uma movimentação turística sustentável e de base comunitária para o povoado Crasto? Para responder essa pergunta, é preciso conhecer mais sobre turismo e turistas. Urry (1990, p.3-4) explica em nove pontos “características mínimas das práticas sociais que, (...) são descritas como turismo”, onde elenca primeiramente a importância do lazer, os relacionamentos turísticos, as viagens e permanências em lugares, os próprios lugares como objetos do olhar do turista, a população que lida com o caráter de massa dos turistas, as expectativas (devaneios, fantasias e desejos) do turista - que são geradas a partir de veículos de divulgação, os aspectos de destaque da paisagem (que viram fotos, vídeos, postais etc.), a construção do olhar do turista diante do que ele vivencia (apreensões, vivências, experiências etc.), e por fim, explica que os turistas “tentam reproduzir novos objetos” a partir desse olhar que constroem.

Não se deve ignorar a existência de muitos casos de turismo de massa em áreas ribeirinhas, litorâneas, que apresentam, principalmente, às belezas naturais como potencial, mas é preciso pensar e desenvolver um turismo comunitário sustentável, que valorize a identidade e cultura local. seguindo essa linha de pensamento um bom norteador é o Manual Caiçara de Ecoturismo de Base Comunitária,<sup>19</sup> onde é possível encontrar direcionamento para uma boa organização com relação aos serviços prestados pela comunidade, nosso núcleo de estudo ainda encontra-se sem um formato organizacional definido e é possível perceber que o turismo ainda é tímido no local.

Por este motivo, no Crasto, os moradores de forma individualista são os principais agentes das preservações, são eles que reconhecem, primeiramente, a importância daquele habitat, do cuidado com o mangue, com o rio, com a mata, os animais, os períodos de reprodução etc. Eles buscam alertar os visitantes, explicando como funciona e como fazem para cuidar do lugar, não permitindo vandalismos. O Sr. José Raimundo contou que “Os turistas têm consciência que não pode bagunçar aqui, eles trazem bolsa e coloca o lixo dentro,

---

<sup>19</sup> ICMBIO. Manual Caiçara de Ecoturismo de Base Comunitária. Publicado pelo Instituto Bio Atlântica, s/d. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/cairucu/component/content/article/17-botoes-extras/60-praticas-sustentaveis.html>. Acesso em outubro de 2023.

aqui a gente não tem esse problema eles são conscientes, às vezes acontece, mas, né sempre não”<sup>20</sup>.



Figura 20: Turistas fazendo uso de espaço em um dos barzinhos do Crasto.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

---

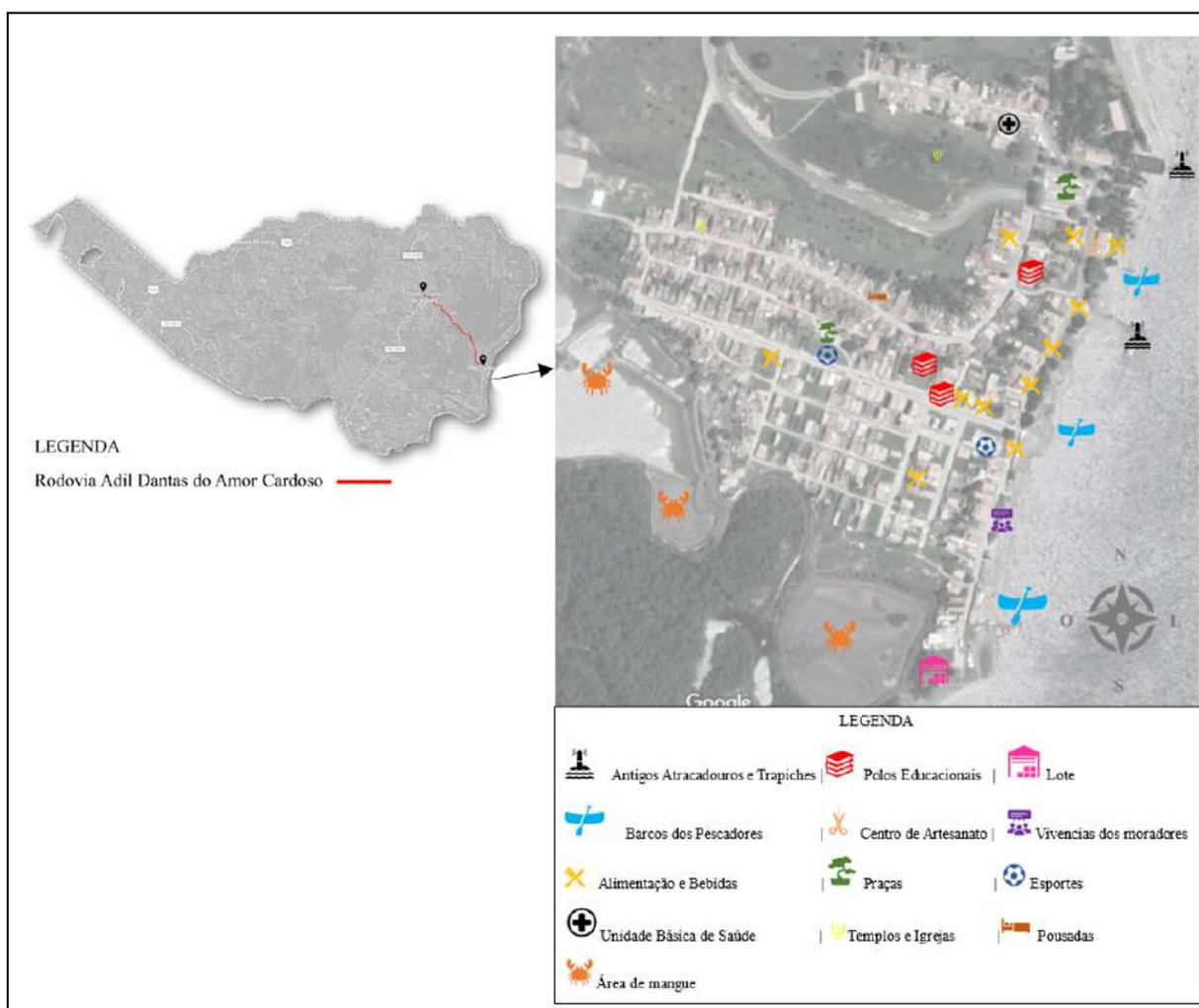
<sup>20</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por José Raimundo em 1º de outubro de 2023.

# CAPÍTULO II

Sobre as Águas do Povoado Crasto

## 2. SOBRE AS ÁGUAS DO POVOADO CRASTO

A comunidade do Crasto fica a aproximadamente 6,5 km da entrada da cidade de Santa Luzia do Itanhy. O acesso é pela rodovia Adil Dantas do Amor Cardoso, onde existe uma paisagem com coqueiros, faixas estreitas de mangue, antigas casas de taipas e a mata do Crasto<sup>21</sup>(ver Mapa 4 e figuras 21, 22 e 23).



Mapa 4: Mapa de localização e equipamentos do Crasto.  
Fonte: INCRA, 2020. Ilustração com adaptação da autora deste trabalho.

<sup>21</sup> Também conhecida pelos moradores como “pedacinho da mata”, sendo esta uma área de preservação de mata atlântica.



Figura 21, 22 e 23: Faixa de Mangue com barcos e casa de taipa banhada de argamassa.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Ainda seguindo pela rodovia encontra-se uma parte da mata atlântica que “é composta por formações florestais nativas, e ecossistemas associados a manguezais, vegetação de restinga, campos de altitude, brejos interioranos e encaves florestais do Nordeste” (Brasil, 2022). A passagem por essa mata aguça sensações diversas, diferente daquelas que sentimos em meio ao concreto da cidade. Um perímetro que segue por cerca de 3 ou 4 quilômetros, e por vezes somos contemplados com a aparição de animais nativos, que transitam pelas passarelas suspensas, pelo canto dos pássaros e gritos dos saguis, que nos permite imergir numa sensação de tranquilidade e bem-estar.

Em entrevista ao Giro Sergipe (Globo Play, 2022), o proprietário da área de reserva da Mata Atlântica, o Sr Ivan Leite, conta que em 1988 o Governo Federal lançou um edital pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF<sup>22</sup>, criando uma reserva particular de fauna e flora. Em 08 de agosto de 1988 o proprietário elaborou uma carta endereçada ao então IBAMA para transformar toda a área de mata em reserva, disse ainda que levou cerca de 1 ano para que todos os trâmites fossem aprovados junto ao instituto, que acabou por reconhecer 700 hectares de áreas de mata (Globo play, 2022). (ver figura 24)



Figura 24: Vegetação da Mata Atlântica com as pontes para as travessias de animais.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023

Ao aproximar-se do acesso ao Crasto, avista-se a ruína da primeira igreja do povoado, construída pelos Jesuítas em sua passagem por Santa Luzia do Itanhy. Mas não se sabe ao certo a data da sua construção, entretanto o que se conta são recordações e histórias passadas de geração em geração. O Sr. José Aníba, em nossas conversas, confidenciou emocionado lembranças de quando era criança “cheguei a assistir uma missa em italiano quando ainda era criança e hoje ela está assim”<sup>23</sup>. (ver figura 25)

---

<sup>22</sup> Antecessor do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA.

<sup>23</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por José Aníba em 1º de outubro de 2023.



Figura 25: Ruína da Primeira Igreja do povoado construída pelos Jesuítas.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Ainda no mesmo percurso, existe um largo delimitado por pequenos troncos de madeira. Aproximando-se do rio, é possível visualizar o trapiche do casarão da família Leite - que possui a maior parte territorial daquele povoado, e algumas casas que fazem parte dessa fazenda. Também existem restaurantes, pousadas e as casas dos moradores. (ver figuras 26, 27, 28 e 29)

Aqui ninguém tinha terreno próprio, estes terrenos dessa parte eram da família Pereira, os velhos morreram ficou sendo espólios da família, a quem eles queriam dava assim uma área pra plantar e pagar o aforamento da terra. O mesmo acontecia com a fazenda, as pessoas ocupavam alguns metros de terra, faziam suas casinhas, agora pagavam um pequeno aluguel do ano, chamava aforamento. (D. Carminha, 2008)<sup>24</sup>



Figura 26: Entrada que dá acesso à praça principal do Povoado Crasto.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

---

<sup>24</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por Maria do Carmo Santos Oliveira em 1º de outubro de 2023.



Figura 27: Casas dos proprietários da fazenda Crasto Agro e Industria S/A- CAISA.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

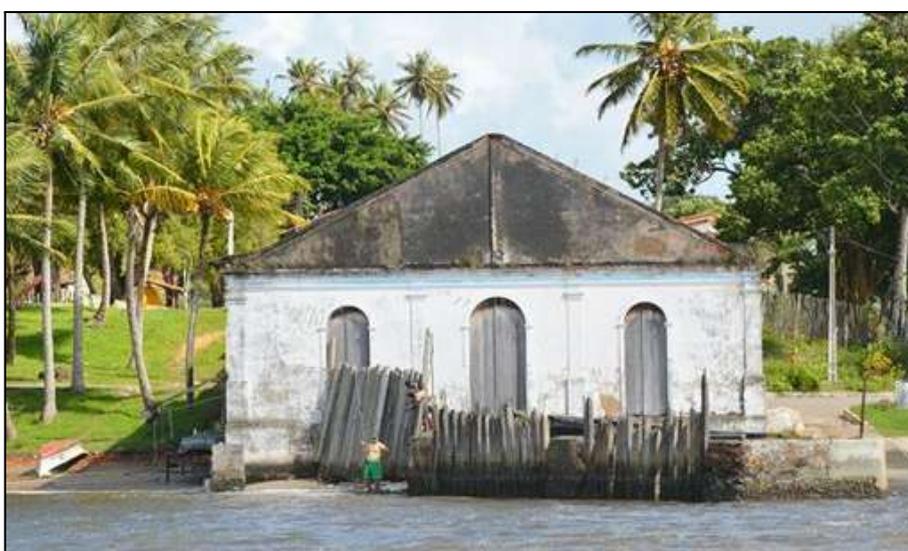


Figura 28: Vista frontal do trapiche da família Leite (fazenda CAISA).  
Fonte: Acervo pessoal de Jorge Nascimento Carvalho (Blogspot, 2015).



Figura 29: Trapiche da família Leite, dona da fazenda CAISA.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Logo na rua principal, conhecida por eles como Rua Beira Mar, está localizado o Centro de Artesanato das Mulheres Quilombolas, hoje administrado por Fabiana<sup>25</sup>. Em

<sup>25</sup> Artesã e administradora do centro de artesanato.

entrevista ao Giro Sergipe (Globo Play, 2022), ela informou que atualmente, apenas ela e mais duas mulheres estão com a produção ativa, e que fazem trabalhos em garrafas, jarros, caqueiros para plantas com material de coco, bandejas e cestos feitos com jornais, e uso de tecido e crochê e artigos em palha. Contou que antes de terem o espaço do centro (para exposições dos produtos e vendas), faziam seus trabalhos nas varandas das casas. Estas mesmas mulheres participam dos grupos de Samba de Coco e do Reisado. (ver figuras 30 ,31 e 32)



Figura 30, 31 e 32: Associação de artesanato e imagens do interior com peças produzidas pelos moradores.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Existe uma edificação onde funciona uma biblioteca (ver figura 33), que fica afastada dos limites da Rua Albano Franco, e na sua estrutura de taipa acolhe gravuras estampadas nas paredes. O local abriga livros que contam sobre a história local, assim como também serve como espaço para leitura e ponto de encontro das crianças e adolescentes que fazem parte dos programas implantados pelo IPTI. Mais à frente existe um campo de futebol, muito utilizado pela comunidade, tanto que a grama natural apresenta-se desgastada pelo uso e tempo. Próximo a esse local existe o poço Jacó, que é onde a comunidade obtém água para uso doméstico. Ao longo desses espaços, os moradores instalam placas com frases que contribuem para uma boa convivência, e cultivam hortas nestes espaços. Todos os moradores usufruem desses lugares, seja por lazer ou mesmo para tratar os mariscos ao ar livre.(Ver figuras 34, 35, 36 e 37)



Figura 33: Biblioteca Luminescência.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.



Figura 34, 35, 36 e 37: Campinho de grama da comunidade com praça anexada.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

## 2.1. Das águas à mata: uma cultura secular

O município de Santa Luzia do Itanhy é privilegiado com a presença do bioma da Mata Atlântica, pelo clima úmido, favorecido pela própria vegetação. Outro bioma são os manguezais, que ocupam quase toda sua costa. O desaguar dos Rios e marés tornam o seu solo um ambiente perfeito para formação desse ecossistema tão importante para os moradores. Inconfundível por suas características - como o cheiro<sup>26</sup>, a água salobra, a vegetação halófito e de raízes aéreas<sup>27</sup> - o que torna esse ambiente o local perfeito para habitat de algumas espécies de mamíferos, insetos, peixes, répteis e crustáceos, aliado ao Rio Piauí que também é o habitat natural de peixes e mariscos.



Figura 38 e 39: Vegetação da Mata Atlântica com início de mangue e área de mangue próximo às casas da comunidade

Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Em meio às escutas e visitas realizadas ao Povoado Crasto, percebeu-se o quanto esses elementos (águas e matas) são primordiais à vida dos moradores, e o quanto eles respeitam e cuidam dos ambientes onde buscam seus sustentos. Das águas do Rio os pescadores trazem peixes de nomes e tamanhos variados, e para isso utilizam de equipamentos específicos como

---

<sup>26</sup> O cheiro forte e característico dos manguezais ocorre devido a baixa presença de oxigênio, que leva às bactérias utilizarem também enxofre no processo de decomposição dos resíduos, com isso, formam-se compostos químicos que exalam o cheiro que conhecemos. (Blog Rebob, 2022)

<sup>27</sup> Halófito por ser resistente ao sal. (UFBA, s/d)

relatado por seu Gilson<sup>28</sup>, que nos explica que para todo tipo de peixe ou marisco tem uma rede de pesca<sup>29</sup> ou tarrafa<sup>30</sup> específica. Nos contou que “tem a rede de 20<sup>31</sup> que é pra pegar camarão e sardinha e cabe um dedo, tem a rede 30 que é pra pegar pescada”. Na oportunidade Seu José Raimundo complementou dizendo que “na tarrafa pegamos um robalo e paru”<sup>32</sup>. Seu Aníba<sup>33</sup> contou que trabalha com a venda de moqueca de aratu e que para isso entra no mangue para adquirir seu sustento.



Figura 40, 41, 42 e 43: Placas produzidas de forma artesanal para alertar sobre o descarte de lixo, Pescador saindo para mais um dia de pesca e imagens de seus equipamentos como rede e armadilhas utilizada pelos pescadores

Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

<sup>28</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por Gilson Leite em 1º de outubro de 2023. Ele tem 51 anos, pescador e nascido no Crasto.

<sup>29</sup> Rede de pesca geralmente feita com linha de nylon e agulha para entralar com numerações que variam de acordo com a bitola da rede.

<sup>30</sup> Rede de pesca circular feita em malha fina com peso nas extremidades e um cabo fino no centro onde é puxada.

<sup>31</sup> Diâmetro de cada furo da Rede.

<sup>32</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por José Raimundo em 1º de outubro de 2023.

<sup>33</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por José Aníba em 1º de outubro de 2023.

As marisqueiras, como são chamadas as mulheres que se dedicam à pesca artesanal, com a coleta de pescados e mariscos. É a principal fonte de renda dessas mulheres que têm um papel fundamental na dinâmica cultural da comunidade, já que são elas, as principais agentes de repasse de saberes do local. Desde muito tempo as mulheres da comunidade seguem trabalhando com os afazeres de casa, cuidado com os filhos e o desempenho na pesca de siri e “benefício” dos mariscos trazidos por elas ou por seus companheiros.



Figura 44: Esteira com diversas espécies de peixe no processo de secagem  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Além da pesca, os artesanatos também são destaque na comunidade. São produzidos na sua maioria, por mulheres. Utilizam o recorte de tecidos e materiais extraídos da natureza, que são transformados em brinquedos, objetos de decoração e artigos de uso pessoal e

doméstico. Usam a palha para criar adereços de cabeça, espanadores e outros objetos. (ver Figura 45)



Figura 45: Artesanatos produzidos a partir de materiais extraídos da mata.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.



Figura 46: Sr. Caceca consertando sua rede de pesca.  
Fonte: Arquivo Pessoal de Denilma Santos, outubro de 2023.

O pequeno número de componentes da comunidade e o entrosamento íntimo das manifestações artísticas com os demais aspectos da vida social, dão lugar seja a uma participação de todos na execução de um canto ou dança, seja à intervenção dum número maior de artistas, seja a uma tal conformidade do artista aos padrões e expectativas, que mal chega a se distinguir. Na vida do caipira paulista vemos manifestações como a cana-verde, onde praticamente todos os participantes se tornam poetas, trocando versos e apodos; ou o cururu tradicional, onde o número de cantadores pode ampliar-se ao sabor da inspiração dos presentes, ampliando-se os contendores. (CANDIDO, 2006, p. 44)

As manifestações culturais estão presentes na pesca e no modo como é feita o repasse do saber dentre os membros da comunidade, o que de fato é primordial para a continuidade da cultura local que se estabelece nesse espaço, a tradicional festa dos pescadores ocorre no mês de setembro e é uma das formas de valorizar a cultura da pesca. Na ocasião acontecem corridas de barcos a velas e festa para encerrar os festejos.



Figura 47: Preparação dos barcos para a tradicional Festa dos pescadores no povoado Crasto.

Fonte: Acervo fotográfico do Crasto.photo.s. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/CzwXRS-rgh2/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CzwXRS-rgh2/?img_index=1) Acesso em: Outubro de 2023

## **2.2. Vida, saberes e prosas.**

Neste tópico trago a vida cotidiana, as prosas e os saberes de moradores do Povoado do Crasto, como parte da fundamentação do estudo preliminar. Foram escutas que aconteceram de forma bastante descontraída, sem questionário estruturado, e seguiam enquanto os entrevistados executavam seus afazeres diários.

A vida cotidiana é, em grande medida, **heterogênea**; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e os descansos, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e purificação (HELLER, 2011, p. 18, grifo nosso).

Os relatos mostraram, como de fato, essas pessoas se organizam dentro dos espaço-tempo, em seu cotidiano. Apesar de pequenos trechos de conversas aparecerem ao longo do texto, entende-se que a apresentação dos relatos são importantes pela representação das falas dos moradores neste trabalho, a expressão deles em relação ao lugar que vivem. Foram conversas ricas em informações sobre cotidianos, costumes, lembranças e afetos.

A pesquisa qualitativa foi a metodologia escolhida por possibilitar a escuta dos moradores. Segundo Chueke (2012, p. 65) essa “abordagem permite compreender a relação de tempo e espaço já que a realidade é subjetiva e múltipla, diante da diversidade de pensamentos de cada indivíduo e através de sentido poder da voz ao sujeito pesquisado perante suas percepções”. E assim foi possível conhecer como é o dia a dia das pessoas e compreender formas de valorizar a cultura local.

Cabe relatar sobre a forma de escrita deste tópico, pois optou-se por trazer todas as falas em primeira pessoa. A finalidade foi demonstrar como esta pesquisadora realizou as vivências. Assim, as entrevistas serão mostradas na forma de conversa, com pensamentos e percepções desta pesquisadora expressos em alguns trechos, como relatos de uma observadora participante, conforme explicado no procedimento metodológico na introdução deste trabalho.

### **2.2.1. Escutas e vivências: relatos de campo.**

A primeira visita ao Crasto aconteceu em 2019, ainda como turista. Neste momento, a vivência com os moradores foi pouca, fiquei apenas às margens do rio. Em 2020, fui acompanhada de colegas e professores da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe (FANESE), e neste dia foi possível conhecer um pouco mais sobre a história do Crasto e a importância do município de Santa Luzia do Itanhy. Essa visita foi marcante, guardei memórias e aprendizados, além de delinear a escolha do tema aqui exposto.

Com os estudos para o Trabalho de Conclusão de Curso, as lembranças foram revividas, e a vontade de contribuir para a valorização da cultura e tradição local foi enorme. Mas, para que essa valorização fosse efetiva e acolhida, seria necessário inserir a participação das pessoas, dos atores do lugar. Com isso, parte da pesquisa resultou em escutas muito importantes para o desenvolvimento e escolha do tema do estudo preliminar proposto neste trabalho.

Escutas porque parei para ouvir. Vivências porque eu estava mergulhada na vida dessas pessoas, através das prosas. Vivendo e sentido. Abaixo seguem trechos dessas escutas e relatos. (texto completo em anexo)

### **Crasto, 1º de outubro de 2023**

Cheguei fazendo aquele percurso que já descrevi aqui no trabalho, observando o lugar em todos os aspectos. Mata, construções, barracas, pessoas, animais, comidas, etc. Quando já estava lá, no Povoado Crasto, iniciei um diálogo com os senhores Gilson leite (representado por “G”), José Raimundo (representado por “J”) e Risomário (representado por “R”):

[...]

Eu - Há quantos anos o senhor trabalha nesta área<sup>34</sup>?

G - Rapaz, eu comecei criança com 12 anos.

Eu - 12 anos de idade, já estava nessa luta antes de entrar no Rio.

Nesse momento, senti o peso de como pode ter sido difícil a vida dessas pessoas, que tão jovens deixaram sua infância, brincadeiras, outros aprendizados, estudos, para ajudar no sustento das suas famílias.

Eu - Como é que o senhor conhece esse Rio? Qual é o nome que vocês dão a ele?

R - É o Rio Piauí.

Eu - Estou perguntando, porque em algumas pesquisas que eu fiz consta que aqui o nome é rio jacaré. Outros mostram que o nome é Rio Real

J - Rio Real é que pega de mangue seco<sup>35</sup> até em Indiaroba<sup>36</sup>.

Nesse trecho pude perceber que eles têm a consciência de orientar como de fato devemos nomear o rio e prova que os mesmo tem o conhecimento da história.

---

<sup>34</sup> Referi-me à pesca.

<sup>35</sup> Povoado vizinho.

<sup>36</sup> Cidade vizinha.

Eu - Qual o nome do senhor?

R - O apelido é come doce, o nome é Risomário Santos!

Rosimario estava revitalizando seu barco, colorindo com cores vibrantes. Uma pincelada de amarelo, outras azuis. Tinha nos olhos o orgulho de estar ali caprichando no seu meio de transporte do qual tira seu sustento.

Eu - E o do senhor?

J - José Raimundo Barbosa

Eu - O senhor trabalha aqui, tem quanto tempo?

J - Assim? Tem uns 50 e poucos anos, vou falar assim, né? Eu comecei com 10 anos, né?

Fiquei ainda mais perplexa diante disso. Com 10 anos já entravam no rio. Fiquei pensando sobre os perigos pelos quais eles passavam. Pensei em mim também, que com meus 29 anos, ainda não sei nadar e em como sinto medo de entrar rio para um simples passeio.

Eu - Vocês fazem parte da associação?

G - Não, eu não faço, não faço parte da colônia de pesca.

Eu - E o senhor?

J - Sou Aposentado, não posso mais!

Eu - Mas o senhor ainda entra para pegar peixe para comer?

J - “Pra” comer sim, né?

[...]

Senti um pouco de tristeza na fala de Seu José. Isso abalou um pouco. Fiquei emocionada ao perceber como a necessidade os tirou do aconchego do seu lar.

Eu - A única renda que tem mesmo é o Rio.

G - A gente vive daí do Rio é de dia à noite que nós trabalhamos, faça chuva que faça sol!

Atordoada e com olhos arregalados com a informação, perguntei:

Eu - À noite, também, vocês entram?

Sorrindo seu José me respondeu:

J - Qualquer hora a gente sai, onze da noite e volta de manhã. Agora mais não, já estou aposentado, não estou mais nessa luta mais!

Eu - Vocês sentiram diferença de antigamente para hoje, a quantidade de peixes que pega no Rio ou continuam a mesma quantidade?

J - Tem as quantidades de dia né? Tem dias que pega 100 kg e não é sempre, às vezes menos, 20 kg para baixo.

G - Hoje nós pegamos 20kg, e deu graças a Deus

Quando contou isso, eu senti um alívio e felicidade por terem conseguido tanto.

Eu - Quando vocês pegam essa quantidade, vocês vendem, e ficam para se alimentar?

R - É, aqui, na verdade é pegando e entregando ao cambista<sup>37</sup>, né? Quando chega, entrega logo.

Eu - Geralmente eles já estão esperando?

Fiquei curiosa para saber como funcionava.

J - Sim e já leva para feira de Estância

Eu - Vocês pegam somente peixe ou tem outro marisco que vocês conseguem, por exemplo, camarão?

R - Ali ele só pega camarão<sup>38</sup> Ele colocou umas boias e pega a sardinha também.

Nesse momento, Seu Gilson apontou para o rio me explicando.

G - A gente pesca e às vezes vende para os turistas, né?

Percebi nessa fala, nos gestos, que poderia ser melhor essa venda ao turista se houvesse um local adequado de vendas.

Em quase uma hora de conversa, surgiram histórias sobre crenças e culturas populares. Sr. José me contou que sua esposa é muito religiosa e faz questão de ir à igreja sempre, e ela o ajudava na pescaria quando podia. Falou com entusiasmo sobre seu passatempo, pois costuma fazer corridas de barcos. Contou que ama viajar para competir com seu barco, apelidado carinhosamente de FBI.

---

<sup>37</sup> Pessoa responsável pelos recolhimentos dos peixes e marisco e entrega nas feiras das cidades vizinhas.

<sup>38</sup> Referindo-se a uma boia no meio do rio.

[...]

Relembrou os perigos que viveu nos rios quando o seu barco virava.

[...]

Depois de aproximadamente uma hora ali na roda de conversa chegou seu Zé de Aniba<sup>39</sup>, (que será representado no diálogo com a letras ZA) vendedor de Moqueca de Aratu<sup>40</sup> na palha muito afamada na região, o mesmo pedindo licença se apresentou e falou sobre seu produto.

Eu atenta a boa narrativa expressada por ele, perguntei sobre o que ele sentia de pertencer aquele lugar tão rico em histórias e belezas

[...]

Eu - O senhor sempre morou aqui no Crasto?

ZA - Desde que nasci, na verdade meu pai era muito conhecido na região, ele comprava e vendia barcos, ia pra bahia cortando a mata a pé, [...] quando ele saia eu que ficava responsável de trazer o sustento pra casa foi quando eu comecei a entrar no mangue.

Nesse momento eu imaginei um garoto entrando no mangue.

Ele continuou.

ZA - A história aqui do crasto eu conheço, tá vendo aquela igreja ali.(apontou para a ruína da igreja velha) cheguei a assistir uma missa em italiano quando ainda era criança e hoje ela está assim. tá vendo aquele trapiche. (apontando para a ruína do antigo trapiche ) era ali que os barcos atracavam para descarregar e carregar.

Percebi que ele sentia orgulho em falar do local.

ZA - muitas pessoas não conhecem a história do crasto, mas, aonde eu chego eu conto pra pessoas entenderem que quando eu entro no mangue eu tenho propriedade de entrar.

EU - Como assim seu Zé de Aniba? (questionei curiosa)

ZA - A minha moqueca é a melhor porque eu vou até o mangue, atravesso ao rio escolho a dedo o Aratu, limpo e trato com higiene e meu tempero é só com produtos frescos.

Questiono.

EU - Todos os dias você vai até o mangue como funciona?

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por José de Aníba em 1º de outubro de 2023.

<sup>40</sup> Iguaria feita com a carne do Aratu e temperos envoltos na palha da bananeira.

ZA - Eu saio cedinho, atravesso o rio no barco e vou procurar o Aratu, eu vendo aqui e também na região eu preparo o aratu e vou falar pra você que a melhor que você vai provar.

[...]

Na segunda imersão ao campo tive a grata surpresa de encontrar com o senhor Alberto<sup>41</sup> (que será representado pela letra A) pescador e morador da região e me contou um pouco do processo da construção de casas de taipa próximas aos mangues para dar suporte aos pescadores.

### **Crasto, 15 de novembro de 2023**

Me aproximei de um grupo de pescadores que estava sentado às margens da rodovia que dá acesso ao Crasto, é um local que fica após a ponte, em uma ribanceira, a baixo fica uma antiga casa de taipa e uma outra com as tramas prontas para iniciar o processo de encher as paredes de barro, me apresentei e iniciei o diálogo.

Eu - Essa casa é do senhor?

Questionei o senhor Alberto que estava debruçado na porta da casa.

A - É de todo mundo.

Eu - Quem fez essa casa o senhor sabe?

A - A gente mesmo.

Eu - Pra morar?

A - Não, aqui a gente faz pra quando a gente vem pescar ter onde ficar.

Eu - Vocês costumam ficar muito tempo?

A - Às vezes o dia, a noite, depende, aqui ficam sempre a disposição, tem um fogão a lenha mesa a gente fica por aqui, pode entrar pra ver.

Assim que fui convidada a entrar rapidamente o fiz, com os olhos atentos a todos os detalhes, observei o que me parecia uma sala, de cara notei uma rede de pesca pendurada no caibro principal da casa, uma cadeira e uma mesa coberta por agulhas e linhas, facas de cozinha, isqueiros, alguns mantimentos e um rádio a pilha. no canto algumas armadilhas de pegar caranguejo feita de arame liso. o cheiro de fumaça ficava cada vez mais forte e após

---

<sup>41</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por Alberto em 15 de novembro de 2023.

uma pequena divisão entre as parede cheguei ao que poderia ser a cozinha e avistei o fogão a lenha, com uma panela ao fogo, voltei até onde estava seu Alberto e retomei a conversa.

Eu - Seu Alberto, como vocês fazem pra construir essas casas?

A - aqui é assim, se reuni todo mundo, levanta com as varas e depois a gente enche as paredes com barro.

Eu - E esse material vocês conseguem aonde?

A - as vara nos matos e os barro é daqui mesmo, todo mundo ajuda porque todo mundo vai usar.

Agradei a seu Alberto e segui em direção ao Crasto.

Chegando ao Crasto e andando pelas ruas estreita sair em uma área de pastagem que dava fundos da casa de dona Teresinha<sup>42</sup> (que será representada pela letra DT) marisqueira que estava a beneficiar peixes para secar na esteira.

Assim que fui me aproximando ela logo veio em minha direção, trouxe em suas mãos uma faquinha pequena, o seu instrumento de trabalho, com algumas escamas grudadas em seu corpo e sorridente já iniciou a conversa me explicando como funcionava o tratamento e secagem dos peixes.

DT - Esses são peixes que colocamos para secar e vender nas feiras, quando ele (referindo-se ao peixe) é graúdo colocamos com a barriga pra baixo.

Eu - Vocês vão para o rio pescar?

DT - Às vezes, quem vai mais é o homem, agente é mais camarão de mão, e em rede de nylon.

Ali ela me explicou sobre sua preocupação referente a higienização e forma de transportar seus produtos até o cliente.

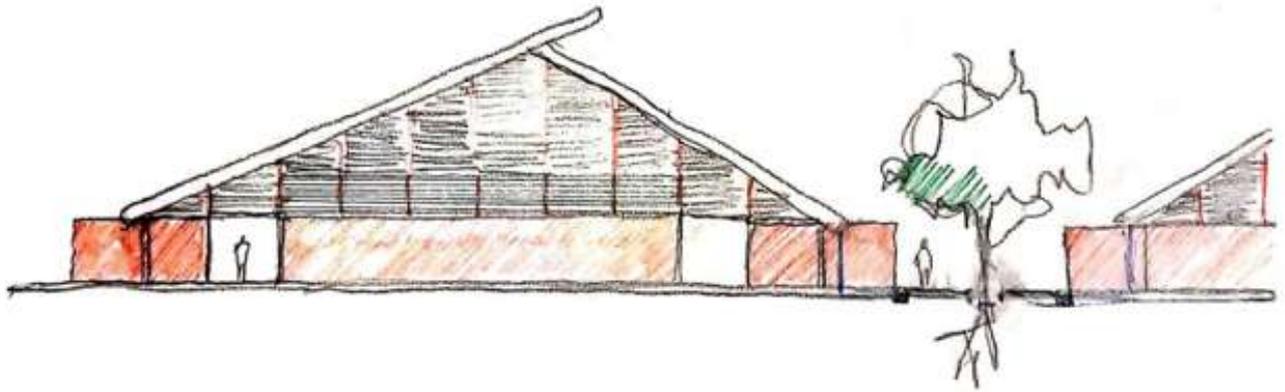
Em meios as prosas que seguiram por mais alguns minutos, sentir preocupação na fala de dona terezinha com relação às crianças e suas atividades extracurriculares, expressou em forma de desabafo como ela se sentia em ver tantas crianças expostas a situações de insegurança e como sentia falta de um lugar onde elas poderiam de fato está protegidas e aprendendo.

Esse e outros relatos me deram o *start* do quanto aquela comunidade precisava de um espaço, fazendo com que chegasse a conclusão de um centro de tradições que obtivesse salas de oficinas, artesanatos e exposições

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por dona Teresinha em 15 de novembro de 2023

# CAPÍTULO III



*Estudo de Projeto Referencial:  
Centro Comunitário e Cultural em Nacajuca, México.*

### 3. ESTUDO DE PROJETO REFERENCIAL: CENTRO COMUNITÁRIO E CULTURAL EM NACAJUCA, MÉXICO.

Este capítulo será dedicado a apresentar o estudo preliminar do projeto do Centro Comunitário e Cultural em Nacajuca, México como projeto referencial deste trabalho de conclusão de curso, a análise do entorno, terreno, o processo de concepção e o estudo preliminar do mesmo.



Figura 48: Fachada principal Centro Comunitário, Centro Cultural Nacajuca, México.  
Fonte: Archdaily, 2021.

Diante da necessidade de criar mais espaços públicos e amplos no México, o escritório Colectivo C733, pensou em um espaço cultural no meio da cidade. Foi um projeto idealizado pelos arquitetos Gabriela Carrillo, Carlos Facio, José Amozurrutia, Eric Valdez e Israel Espin, ambos especializado em projetar edifícios públicos e privados no México, seguindo as mesmas características do centro comunitário, outras obras parecidas estão espalhados pelo País, projetos estruturados e grandiosos e sustentáveis na sua maioria. (Archdaily, 2021)

Uma das característica que chama a atenção da autora deste trabalho é que o projeto da Casa da Música tem muitas semelhanças simbólicas com o núcleo de estudo, ambos têm raízes na história da civilização e ambos subsistem da mesma forma de geração de renda, agricultura, pecuária e artesanato. O edifício foi pensado para valorizar a cultura do lugar e está implantado em Nacajuca, uma das menores cidades do Estado de Tabasco. Por estar localizada próximo a capital, como observa-se nas figuras 49 e 50 sua localização está no

centro da cidade justamente para buscar atender todos os usuários.<sup>43</sup> Já na figura 51 pode-se observar como sua implantação tem um destaque sinuoso na paisagem local.



Figura 49 e 50: Plantas localização e de Contexto.  
Fonte: Archdaily, 2021



Figura 51: Vista Aérea da edificação.  
Fonte: Archdaily, 2021

Foi um espaço pensado para que essa comunidade criasse sentido de pertencimento, um edifício que respeita às características da antiga edificação, que possui em sua solução arquitetônica uma planta livre com núcleos de serviços e depósitos, banheiros e cozinha. traz em seu pavimento superior um mezanino que pode servir como sala para oficinas e palco para apresentações de bandas locais. (Archdaily, 2021) (Ver figuras 52, 53, 54, 55, 56 e 57)

---

<sup>43</sup> NACAJUCA. Concórdia para o Progresso. Disponível em: <https://www.nacajuca.gob.mx/>. Acesso em novembro de 2023

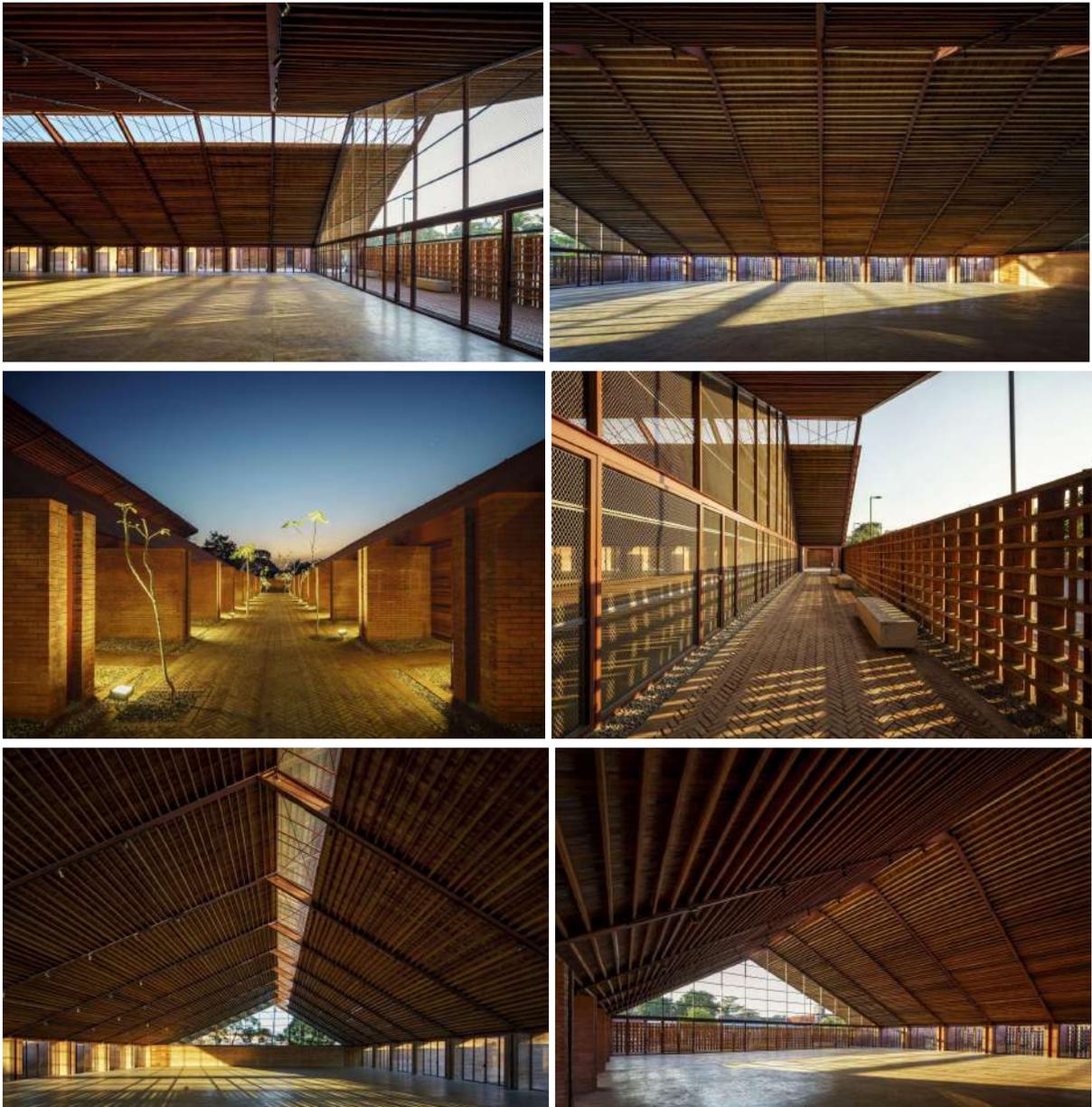


Figura 52, 53, 54, 55, 56 e 57: Vistas internas das áreas abertas.  
Fonte: Archdaily, 2021.

Outra característica semelhante entre o centro cultural e o centro de tradições do Crasto, os mesmos encontram-se em lotes de esquina facilitando acessos e valorizando suas fachadas principais e vistas, no caso do centro cultural são fechadas direcionadas para o Norte na qual está destacada pela linha amarela, oeste pela linha verde, sul pela linha azul traz uma vista para a bacia do Rio, Leste pela linha marrom para edificações comerciais. que também são características parecidas com o do centro de tradições. (Archdaily, 2021)

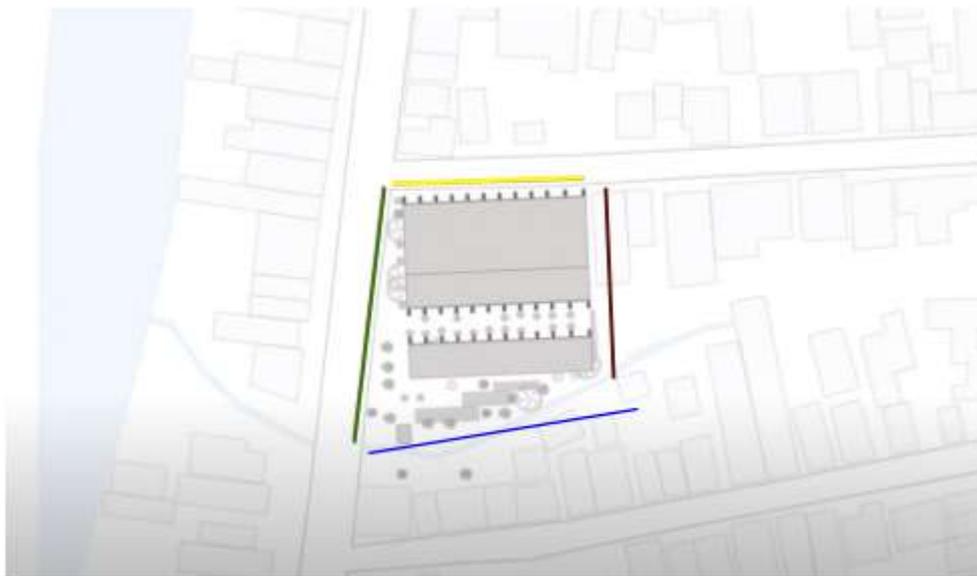


Figura 58: Planta de Situação.  
Fonte: Archdaily, 2021 com adaptação da autora deste trabalho

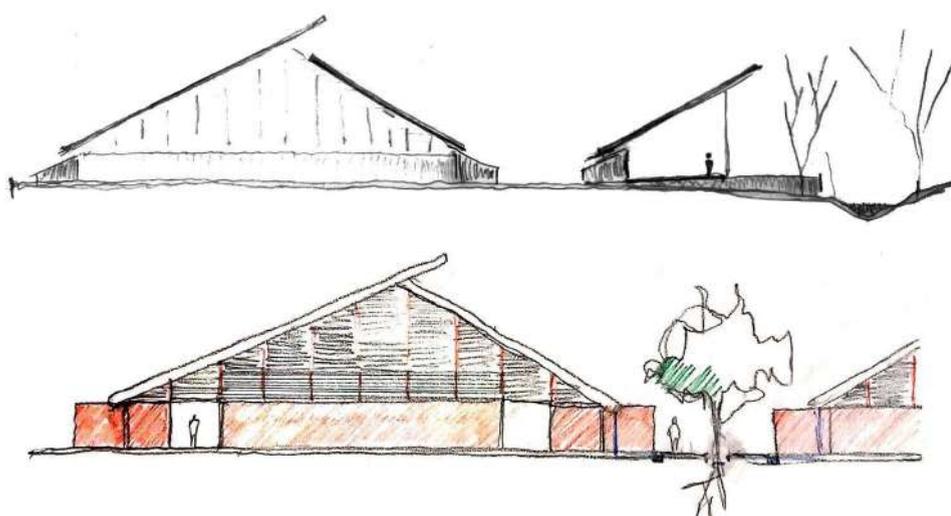


Figura 59 e 60: Croquis da fachada norte.  
Fonte: Archdaily, 2021



Figura 61 e 62: Vistas laterais da fachada norte.  
Fonte: Archdaily, 2021

O projeto traz dois grandes espaços térreos com um calçadão no meio que serve de passeio para a comunidade e que por sua vez dá acesso a ambos os espaços. Suas paredes se

alinham ao da edificação pré-existente, fazendo com que quando todas as portas estão abertas é possível observar todo o complexo. A distribuição de sua planta baixa divide os espaços conta o primeiro pavilhão onde é o local para as manifestações culturais e vivência dessa comunidade do qual, conta com o suporte de banheiros e administração, o segundo pavilhão conta com salas de aula e um refeitório. (Ver figura 54)



Figura 63: Planta Baixa.

Fonte: Archdaily, 2021 com adaptação da autora deste trabalho.

Uma das estratégias utilizadas para tornar essa edificação sustentável é vista por meio da inclinação de seu telhado com potencial de coletar água da chuva para abastecer os sanitários, logo após seu uso passa por filtros biodigestores que fazem o tratamento dessa água e devolve limpa aos rios sem causar danos ambientais. (ver figuras 64 e 65)

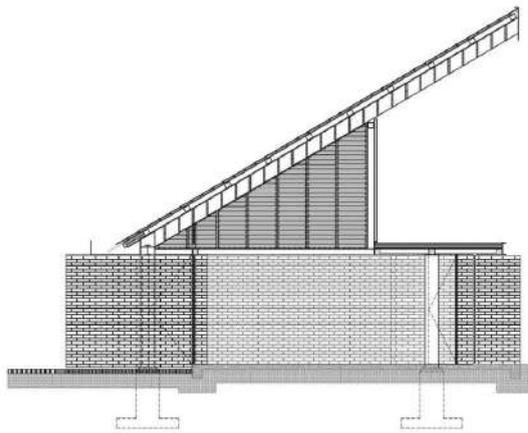


Figura 64: Corte da fachada.  
Fonte: Archdaily, 2021.

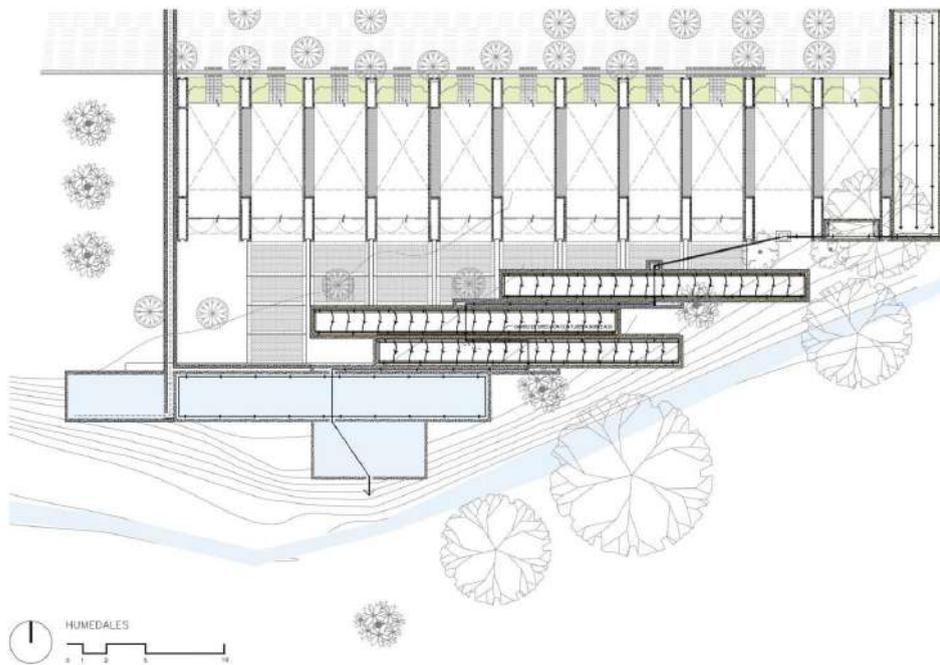


Figura 65: Zonas úmidas.  
Fonte: Archdaily, 2021.

Com métodos e materiais construtivos locais que utilizam madeira de coco, tijolos e telhas de barro servem para proporcionar sensações como frescor natural e boa acústica, além de possibilitar a entrada de iluminação natural.



Figura 66: Vistas Internas das salas de músicas.  
Fonte: Archdaily, 2021.

Anexada a sua fachada norte foi pensado uma praça pública com estilo minimalista pode ser utilizada pelas pessoas em qualquer turno do dia, e dá acesso ao calçadão que divide os dois pavilhões.



Figura 67: Vistas da praça pública.  
Fonte: Archdaily, 2021

Por fim seus cortes longitudinais e transversais mostrando a relação de cheio e vazio para auxiliar na ventilação do espaço trazendo conforto para os que ali permanecem. um projeto que agrega conforto, sustentabilidade e principalmente pertencimento. (Ver figuras 68, 69 e 70)

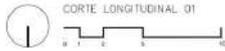
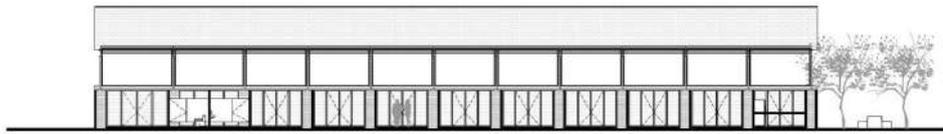


Figura 68: Corte Longitudinal 01.  
Fonte: Archdaily, 2021

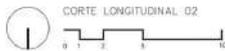
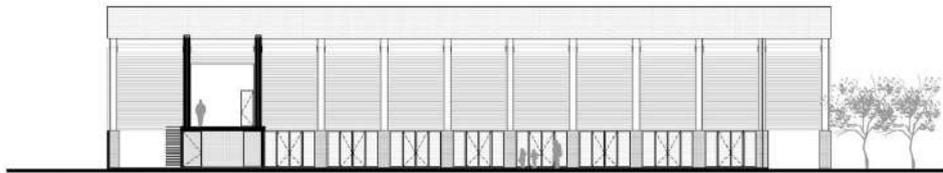


Figura 69: Corte Longitudinal 02.  
Fonte: Archdaily, 2021

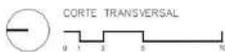
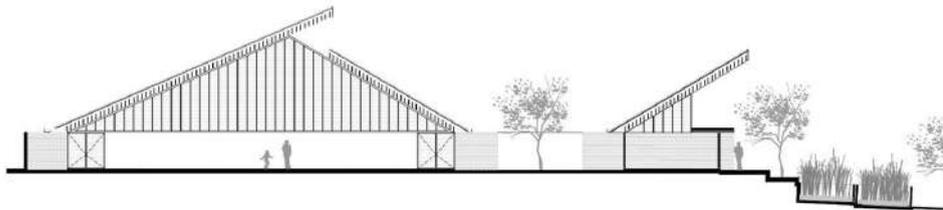


Figura 70: Corte Transversal.  
Fonte: Archdaily, 2021

Por fim é importante frisar que além dos aspectos construtivos, sociais e culturais esse projeto traz soluções arquitetônicas que auxiliaram na tomada de decisões que tornam o centro de tradições viável para a comunidade do Crasto.

# CAPÍTULO IV

Análise Arquitetônicas para Concepção do Estudo  
Preliminar

## 4. ANÁLISE ARQUITETÔNICAS PARA CONCEPÇÃO DO ESTUDO PRELIMINAR

Seguindo o disposto na norma NBR 6492/2021, o estudo preliminar será apresentado necessários ao entendimento de um estudo de viabilidade como o processo projetual, conceitual e análises arquitetônicas do lugar.

### 4.1. Análise do entorno

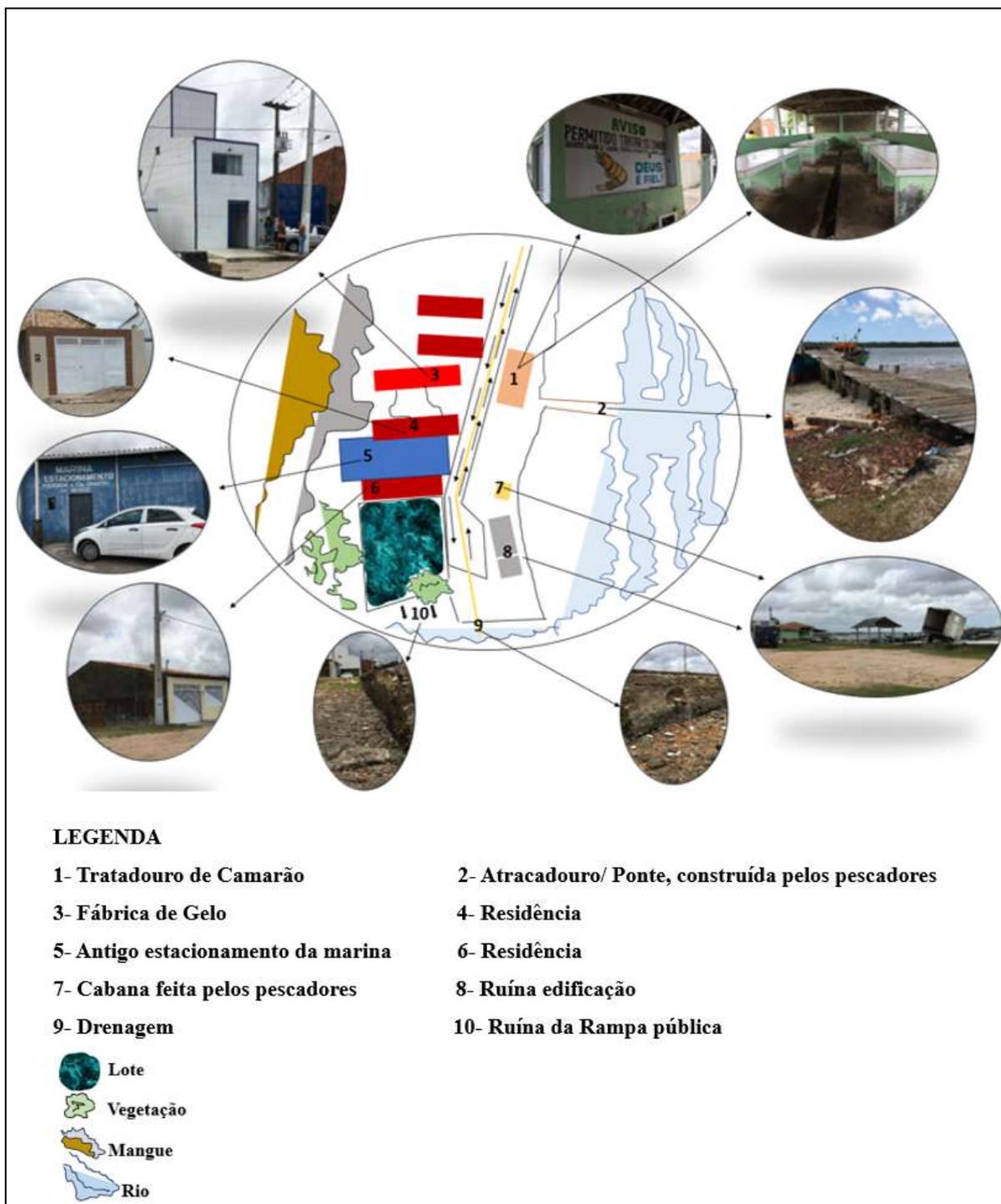
Para a análise desse entorno, será considerado um raio de 300m<sup>44</sup> a partir do terreno selecionado. Para chegar ao terreno é necessário adentrar o Povoado Crasto, o que permite que os visitantes conheçam melhor a comunidade e possam ter contato com outros comércios locais. O local escolhido para a implantação do Centro de Tradições do Povoado Crasto está localizado ao final da Avenida Beira Mar (Ver figura 62).



Figura 71: Localização do lote onde será implantado o centro  
Fonte: Google Earth (2023), CalcMaps, 2023, adaptado pela autora

O terreno é cercado pelo rio, mangue, mata e na outra parte pelo próprio povoado. No entorno é possível observar importantes pontos de apoio do centro, por existir uma ruína de uma antiga rampa náutica de marina, a qual facilita o embarque e desembarque de turistas. Existe uma fábrica de gelo muito próximo do local, importante elemento já que é um produto indispensável para suporte na conservação dos mariscos e peixes. O local também possui um tratadouro de camarão, um terreno com estacionamento particular - que hoje encontra-se fechado pela pouca demanda, e a existência do saneamento básico nas principais vias do povoado, o mesmo conta com tubulação de drenagem que leva ao rio. (ver mapa 6)

<sup>44</sup> Esta escolha deve-se à necessidade de recorte e considera uma relação de aproximação maior com o terreno escolhido para implantação do Centro de Tradições.



Mapa 5: Diagnóstico do entorno imediato do terreno.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

Ao aproximar-se do acesso ao terreno é possível encontrar, à beira do rio, cabanas de palha e madeira (e algumas mais recentes com telhas) feitas pelos moradores, utilizadas como extensão dos comércios e das casas, já outras construções em alvenaria e madeira, possuem acesso restrito e servem para encontros familiares e de amigos. (Ver Figuras 72, 73 e 74)



Figura 72, 73, 74: Cabanas construídas pelos moradores para uso particular.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

A avenida principal onde o centro será implantado, traz tipologias arquitetônicas comuns de comunidades ribeirinhas, onde as casas mais antigas possuem quatro águas, e são feitas em alvenaria e telha cerâmica, locadas em nível mais alto que o da rua, acompanhando a topografia do local ou na tentativa de inibir uma possível inundação vindo da variação no nível do rio. As divisões entre os lotes ocorrem por cercas feitas de gravetos irregulares. A maioria das casas possuem uso misto, sendo residencial e comércio de bares, restaurantes, pousadas e lanchonetes.(Ver figuras 75, 76, 77 e 78)



Figura 75, 76, 77 e 78: Nível das casas e delimitação de lotes por cercados.  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Os atracadouros foram executados pelos próprios pescadores, devido a ausência de infraestrutura para atracar seus barcos. Utilizam troncos de coqueiros para marcar os espaços e réguas de madeira (Ver figura 79 e 80) para fazer o piso do *pier*, quando necessário. Dessa forma, suprem as necessidades em situações de cheia da maré ou para simples reparos no casco dos barcos.

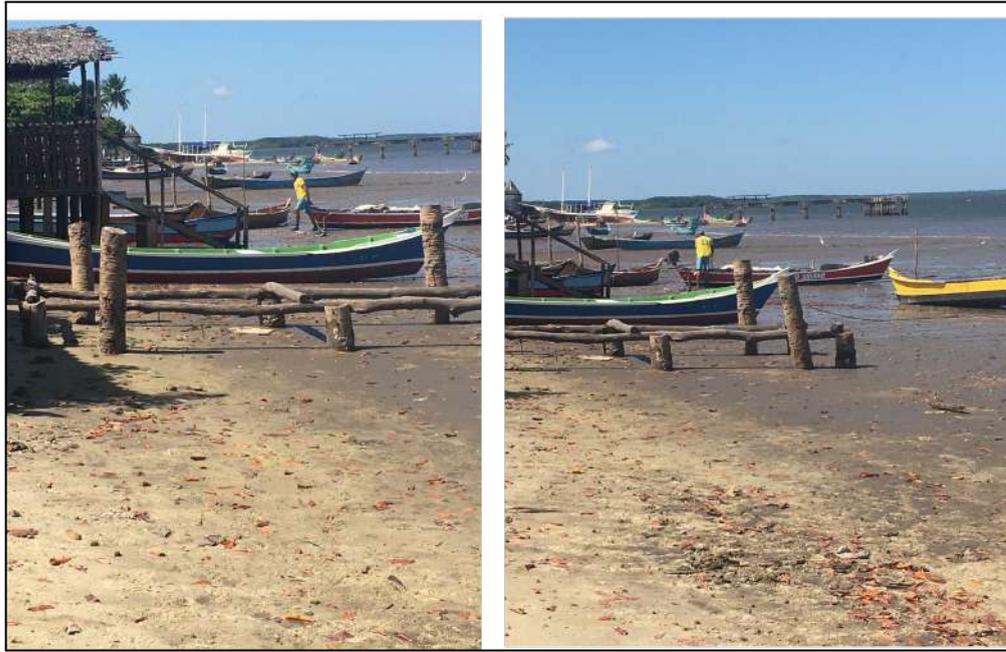


Figura 79 e 80: Atracadouro feito por pescadores com troncos de coqueiro para manutenção e resguardo dos barcos.

Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

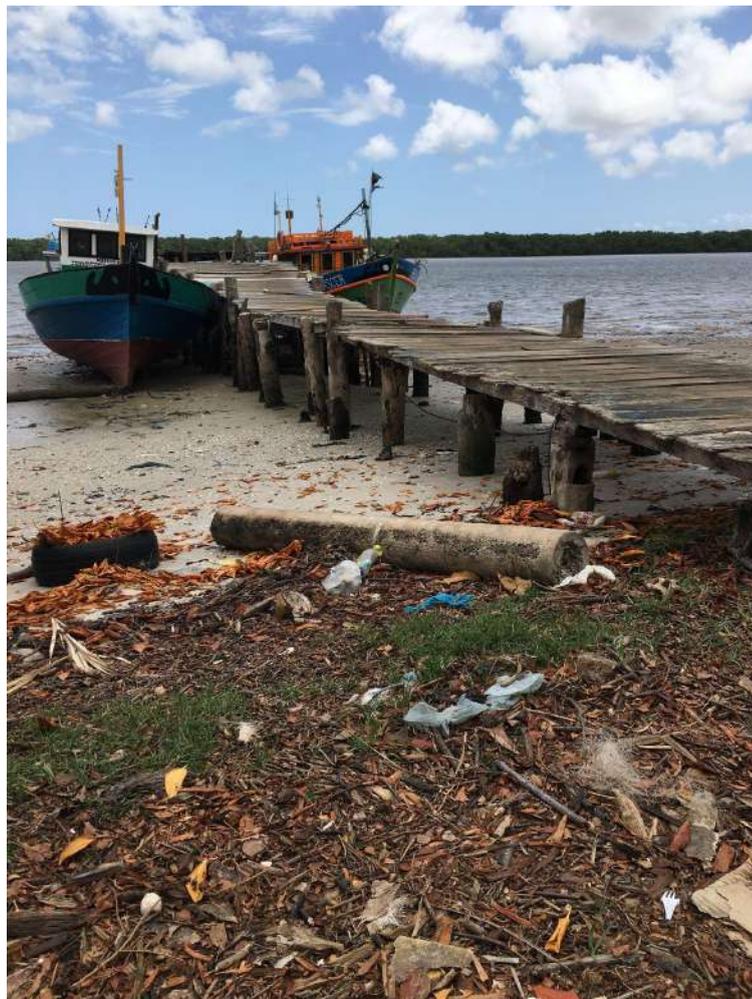


Figura 81: Atracadouros feitos por pescadores com troncos de coqueiro, que auxiliam os barcos que acessam o alto mar.

Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

## 4.2. Equipamentos disponíveis no entorno

A comunidade dispõe de poucos equipamentos para suprir as necessidades dos moradores com relação a esporte, educação, cultura, segurança pública e lazer. Segundo o Ministério da Educação (2023), o local possui duas escolas públicas em funcionamento, uma para a educação Fundamental 1º ao 9º ano (jovens e adultos), e outra para atender crianças da educação infantil, creche e pré-escola (Brasil, 2023/c).

O Povoado também conta com uma Unidade Básica de Saúde - UBS, para atendimentos como consultas, que ocorrem apenas alguns dias específicos por mês, e mesmo havendo postos na sede do município a população luziense recorre aos municípios de Estância e Aracaju para situações mais complexas de saúde. O povoado não possui policiamento ostensivo na comunidade, o que gera insegurança aos moradores.

Existe uma quadra de esportes em situação de abandono, sem vestiário e com aramado tomado pelo ferrugem e oxidação devido às intempéries e a ausência de manutenção. Trata-se de campinho feito pela própria comunidade. Há também duas praças, uma feita pela própria comunidade e outra construída pelo poder público (que possui poucos mobiliários e iluminação precária). Com isso, diante da situação desses locais, a população pouco utiliza esses equipamentos.

Percebe-se assim, um déficit de espaços coletivos na comunidade. Assim, a proposta do centro de tradições terá como direcionamento sanar algumas dessas problemáticas, pensando num espaço amplo e aberto para encontros sociais dos moradores e visitantes da comunidade. A proposta vai abraçar principalmente a ideia de reconhecimento de comunidade remanescente de quilombo, preservando assim a cultura, tradição e memória local.

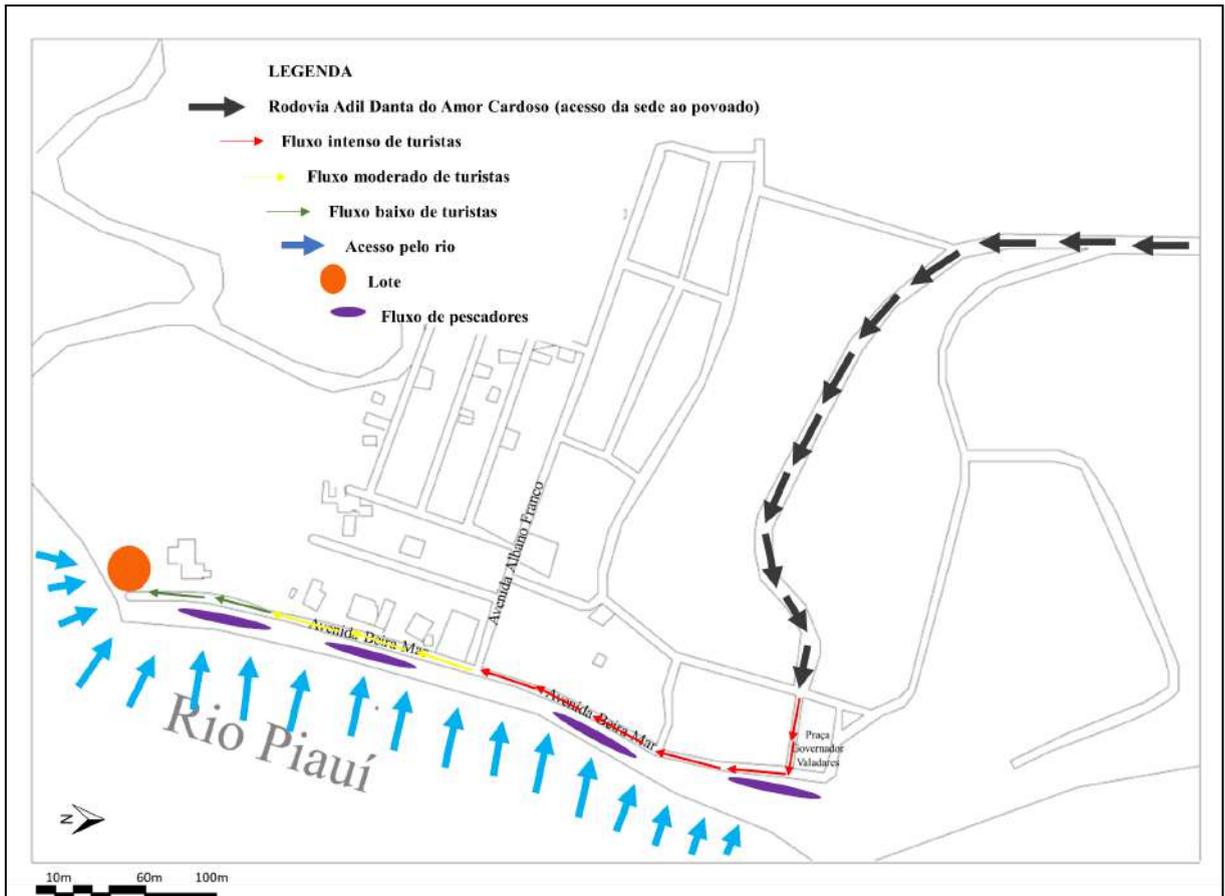
Através do Quadro 01 observa-se as oportunidades que o local do terreno possui perante o projeto, os possíveis conflitos devido a falta de estrutura local e as principais diretrizes para atender a comunidade de forma que favoreça o bem comum e principalmente o desenvolvimento econômico dos moradores do Crasto.



Quadro 1: Quadro de oportunidades, conflitos e diretrizes de localização  
Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

### 4.3. Organização do sistema viário

Trata-se de um terreno de fácil acesso - onde a comunidade e os turistas podem fazer o trajeto a pé, de barcos, carros ou outros transportes terrestres. O acesso a comunidade tem 2 pontos principais, sendo um pela rodovia Adil Dantas do Amor Cardoso, que liga a sede ao povoado, e pelo rio, o acesso pela rodovia passou pela pavimentação asfáltica a cerca de 6 anos, levando até a comunidade o sistema de esgotamento sanitário, e contribuído para um melhor acesso dos moradores e visitantes que chegam pelas vias terrestres. (Sergipe, 2017)



Mapa 6: Esquema de possibilidades e intensidade  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figura 82 e 83: À esquerda, Rodovia Adil Dantas do Amor Cardoso, sem pavimentação asfáltica, 2013. Fonte: Graça, 2014, p. 30. À direita, Rodovia Adil Dantas do Amor Cardoso com pavimentação asfáltica. Fonte: Cleisy Silva, outubro de 2023.

Já o acesso pelo rio, geralmente é utilizado pelos próprios pescadores e marisqueiras que fazem seus deslocamentos para cidades vizinhas com seus barcos (Ver figura 84), mas é possível que os turistas cheguem à costa luzienses através das catamarãs.



Figura 84: Pescador saindo para pescar no rio. Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

#### 4.4. Escalas, topografia e informações climáticas.

A escala arquitetônica local está apresentada abaixo na figura 85, onde pode-se perceber que a maioria das casas possuem tipologia térrea. Na avenida onde será implantado o centro de tradições, a escala segue essa apresentada, com poucas edificações de dois pavimentos.

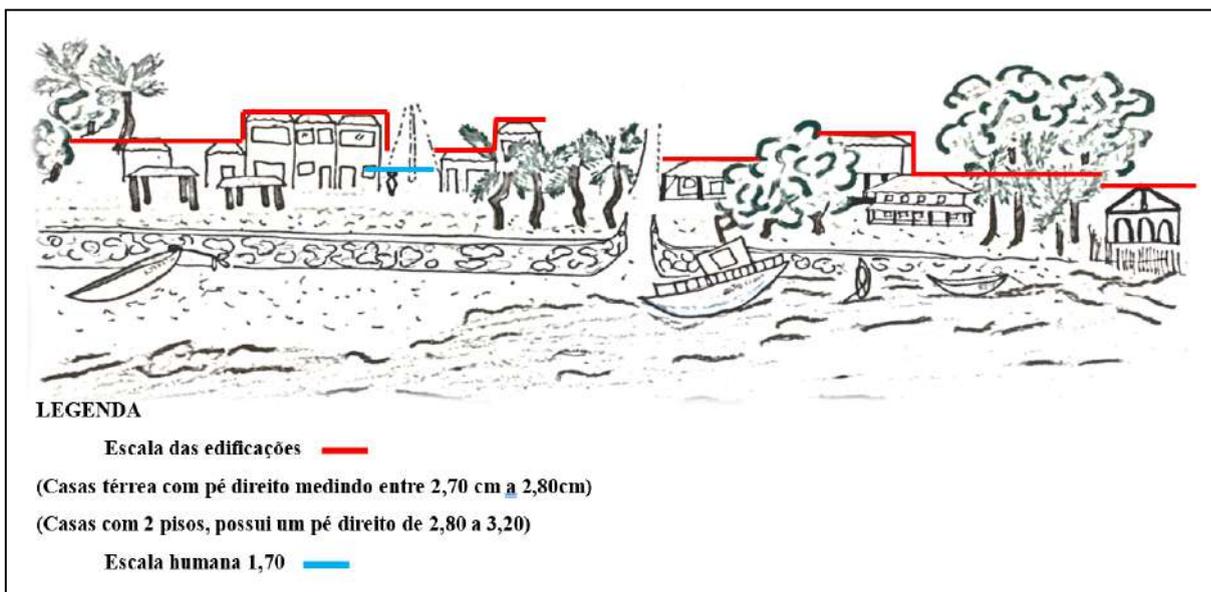
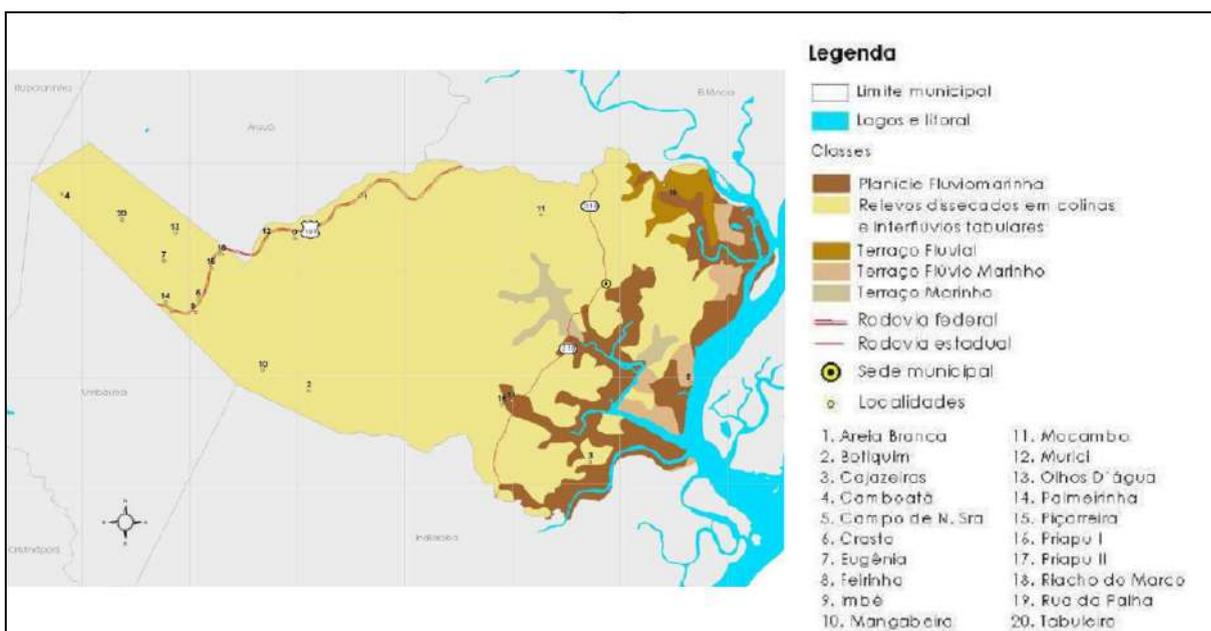


Figura 85: Diagnóstico de escala arquitetônica do Crasto.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

Segundo o Plano Diretor Participativo de Santa Luzia do Itanhy (PDDU, 2008), O relevo está caracterizado pelos seguintes domínios morfológicos: depósitos sedimentares que abrangem as regiões das planícies litorâneas, contendo as planícies marinha, flúvio-marinha, fluvial e terraço e Pediplano Sertanejo, que inclui relevos dissecados em colinas, cristas e interflúvios tabulares.

A comunidade do Crasto está localizada na sua maioria no terraço flúvio marinho e planície flúvio-marinha sendo o lote localizado neste último, ainda segundo o plano diretor, “possui altitudes modestas pertencentes aos depósitos sedimentares podendo chegar a 30 metros de altura”. (Ver mapa 8)



Mapa 7: Geomorfologia de Santa Luzia do Itanhy, com destaque do Crasto no círculo preto  
 Fonte: Plano Diretor participativo de Santa Luzia do Itanhy, 2008

Com relação às características climáticas, o PDDU (2008) informa que, “por se encontrar em uma região onde possui ambientes terrestres e aquáticos possui características megatérmicas úmido a subúmido, com chuvas marcadas entre os meses de fevereiro a setembro, possuindo uma temperatura média de 24,8°C”. Após um estudo solar feito na região constatou-se os seguintes horários de nascer e pôr do sol nas estações do ano. (Ver Quadro 2)

Primavera		Verão		Outono		Inverno	
Nascer do sol	Pôr do sol	Nascer do sol	Pôr do sol	Nascer do sol	Pôr do sol	Nascer do sol	Pôr do sol
05:04 - 05:17	17:26 - 17:30	05:03 - 05:31	17:53-17:52	05:32-05:41	17:35-17:13	05:47-05:48	17:18-17:25

Quadro 1: Tabela de horários de nascer e pôr do sol em Santa Luzia do Itanhy  
Fonte: Date And Time, 2023.

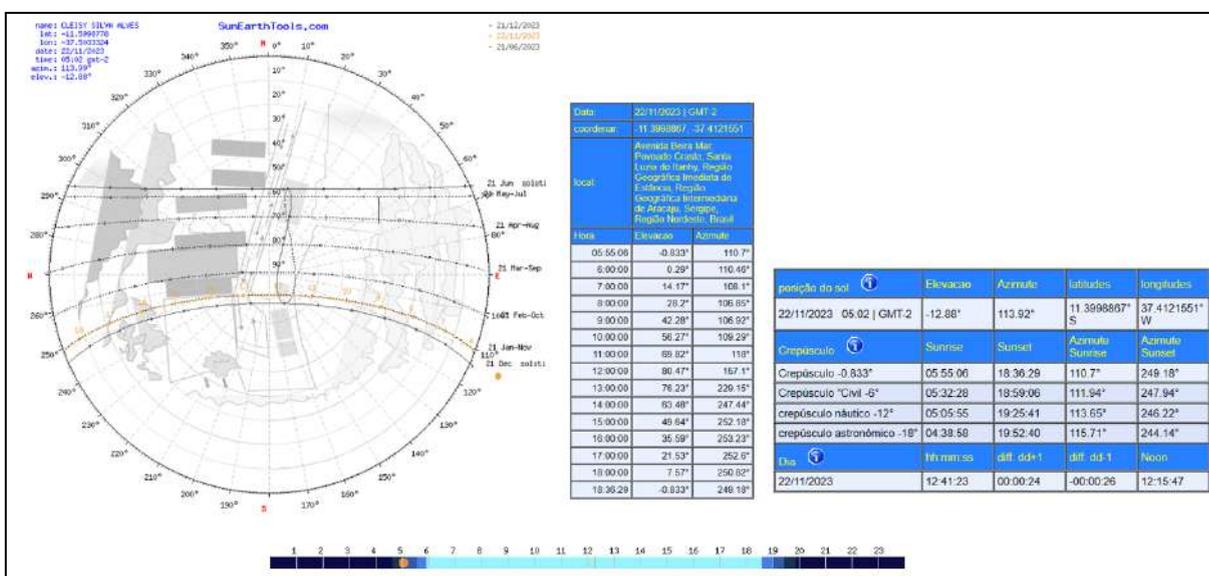


Figura 87: Estudo Solar feito no mês de novembro do terreno e seu entorno.  
Fonte: Sun Eart Tools, 2023.

Ainda segundo dados do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET, 2023), Santa Luzia do Itanhy conta com maior predominância de ventos no sentido Leste para Noroeste.

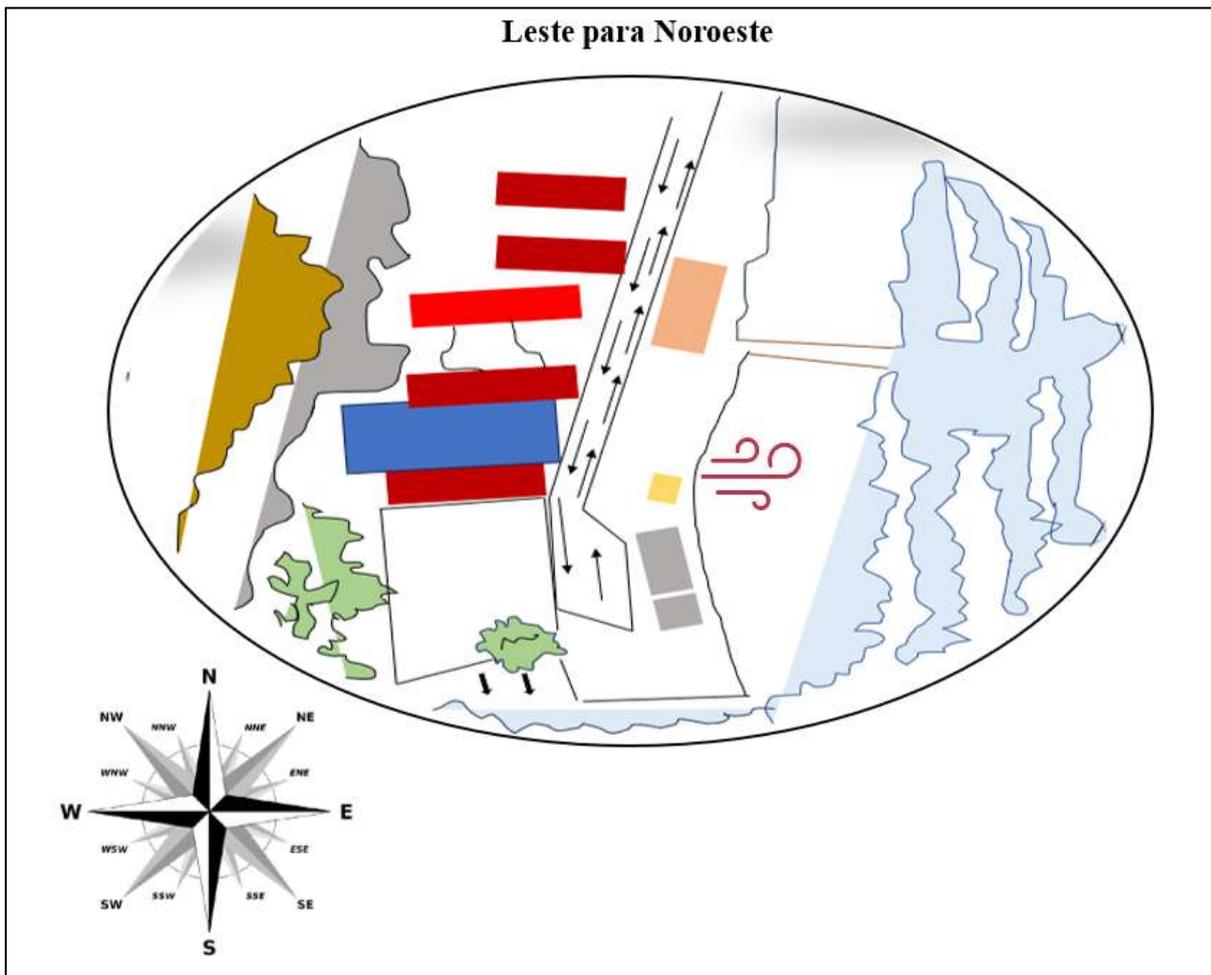


Figura 88: Diagnóstico climático do Crasto.  
Fonte: INMET, 2023. Adaptado pela autora em novembro de 2023.

#### 4.5. O terreno

O terreno possui área total de 1042,50 m<sup>2</sup>. pouca vegetação, apresentando alguns entulhos de construção e muito lixo doméstico por todo o perímetro (Ver figura 89). A topografia do lote é totalmente plana com o nível igual ao da rua, a declividade existente começa no início da ruína da rampa náutica que ao final possui -1,59m, em relação ao nível da rua. (Ver figura 90)

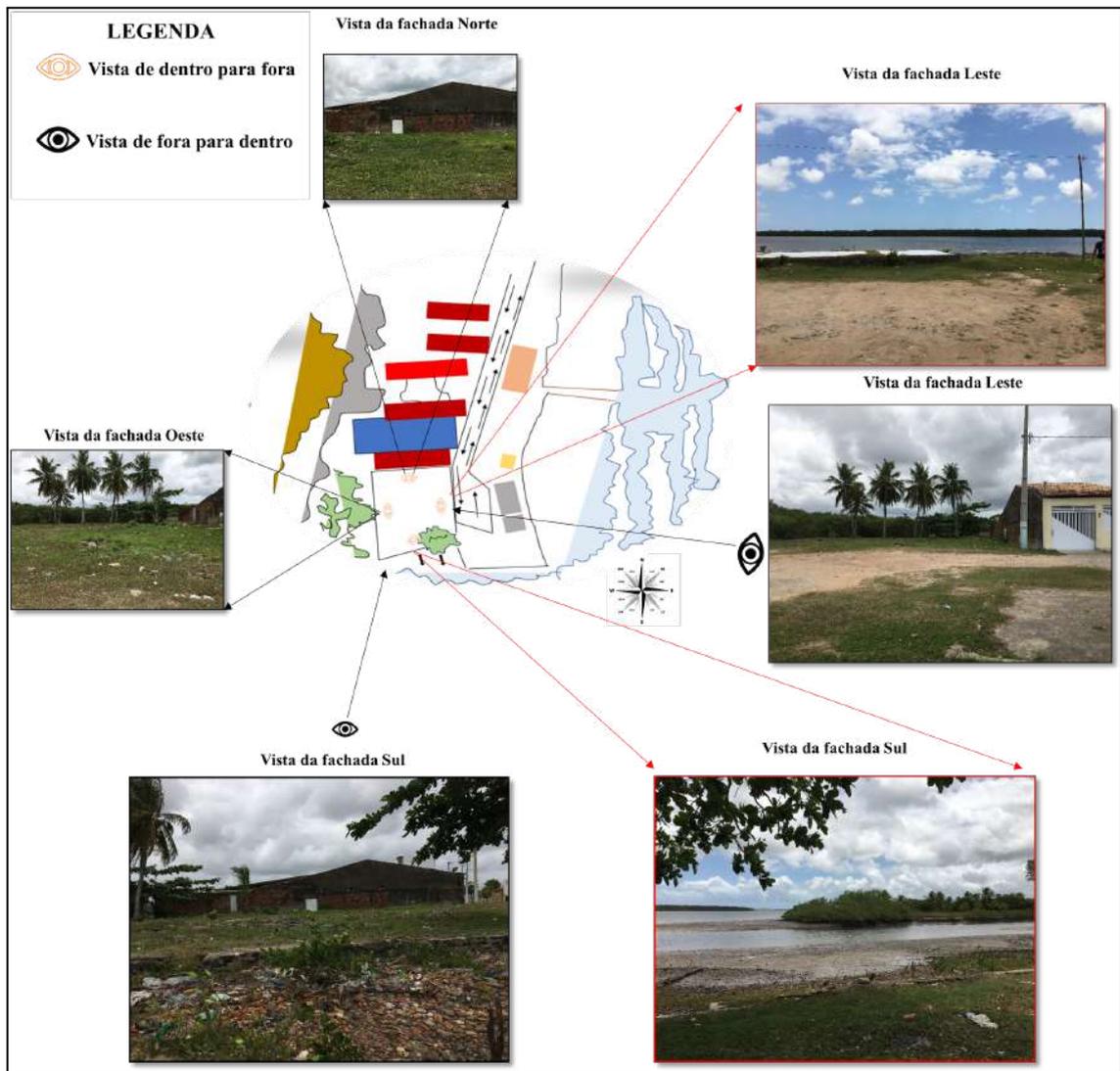


Figura 89: Vista geral do terreno.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

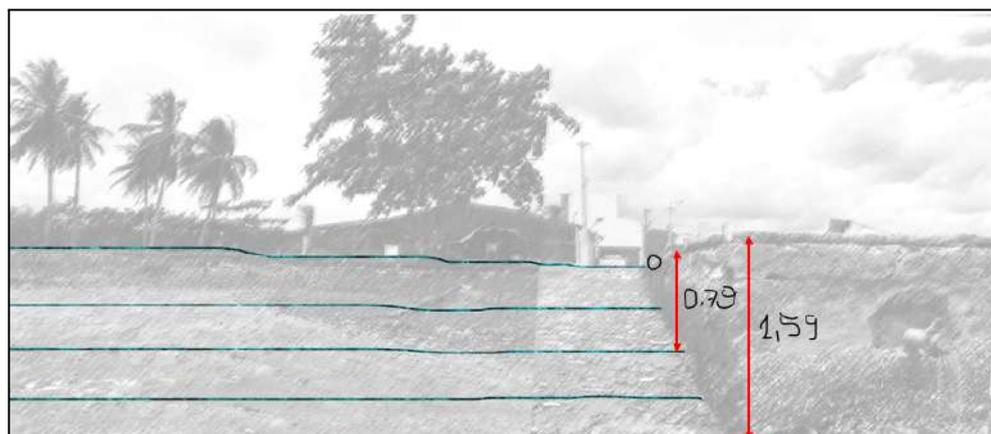


Figura 90: Topografia considerando os desníveis da rampa náutica.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

A localização do terreno também possui potencial turístico devido às vistas para o Rio, para o mangue e para a mata, facilitando uma boa comunicação na chegada de produtos.

## 4.6. Legislações e Viabilidade

Segundo o Plano Diretor Participativo de Santa Luzia do Itanhý (2008), fica estabelecido que o zoneamento, uso do solo e ocupação do lote segue os mesmo parâmetros de sua sede por está em zona de interesse turístico, sendo assim descrito na:

### SEÇÃO II DO ZONEAMENTO

(...)

Art. 27. São diretrizes para a Macrozona Rural de Interesse Turístico (MIT):

I – preservar a paisagem natural de estuários e mangues e a paisagem urbana do povoado;

II – promover a implantação de infra-estrutura adequada para o turismo, como saneamento básico, comércio e serviços;

III – incentivar atividades para exploração do turismo sustentável.

### DO USO DO SOLO

(...)

“Parágrafo nico. A Macrozona Rural de Interesse Turístico – MIT seguir as mesmas categorias de uso do solo definidas para a Zona de Uso Misto – ZM, segundo o inciso I deste artigo.

(...)



Mapa 8: Uso de solo de Crasto

Fonte: Plano diretor participativo do município de Santa Luzia do Itanhý. Adaptado pela autora

### CAPÍTULO III DA OCUPAÇÃO DO LOTE

Art. 23. A ocupação do solo fica condicionada aos seguintes índices urbanísticos:

I – taxa de ocupação máxima: percentual da área do lote que pode receber edificação;

II – coeficiente de aproveitamento: ndice pelo qual se deve multiplicar a área do lote a fim de obter a área máxima de construção permitida no lote, podendo ser: a) básico – que resulta do potencial construtivo gratuito inerente aos lotes e glebas

urbanos; b) máximo – que não pode ser ultrapassado; c) mínimo – abaixo do qual o imóvel poderá ser considerado subutilizado;

III – recuo mínimo: menor distância da edificação à testada do lote, às divisas laterais ou de fundo, sendo o recuo mínimo de frente a menor distância à testada do lote ou às testadas do lote, em caso de esquina;

IV – número máximo de pavimentos: total de pavimentos permitidos para cada categoria de uso.

(...)

Art. 25. Até a elaboração do cadastro imobiliário municipal, os índices urbanísticos são os seguintes:

(...)

III – coeficiente de aproveitamento básico igual a 1,0 (um) para todas as zonas de uso;

IV – coeficiente de aproveitamento máximo igual a 1,0 (um) para todas as zonas de uso;

(...)

1. é permitido encostar o pavimento térreo em ambas as laterais, sendo obrigatório o afastamento de 1,50 m (um metro e cinquenta centímetros) em caso de aberturas voltadas para as laterais;

2. afastamentos de 1,5 m (um metro e cinquenta centímetros) em ambas as laterais do segundo pavimento;

3. afastamento obrigatório de 2,0 m (dois metros) de fundos.

(...)

Considerando o exposto acima, onde o terreno está localizado em área de pastagem e dentro dos parâmetros urbanísticos estabelecidos no Volume I do Plano Diretor Participativo do Município, é importante frisar que, além de seguir as legislações citadas acima, também se faz necessário Estudos de Impacto de Vizinhança (EIV) e Estudos de Impacto Ambiental (EIA) a prefeitura e secretaria de obras do município, para aprovação final de execução de projeto.



## 5. PROPOSTA DE ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO EM SANTA LUZIA DO ITANHY - SERGIPE

Com base nos capítulos anteriores, desde as histórias, reconhecimento do lugar, escutas, percepções, percebeu-se que umas das necessidades do Povoado Crasto seria a existência de um espaço de comercialização dos artesanatos, pescados e mariscos, além de um local para apresentar as manifestações culturais existentes. Assim, a proposta aqui elencada foi a concepção de um Centro de Tradições que possa abrigar as necessidades dos pescadores, marisqueiras e artesãs, e que este espaço possa dar visibilidade turística para movimentar a renda local. O espaço também busca reafirmar o pertencimento da comunidade quilombola por meio da valorização cultural. Com isso, este capítulo será dedicado a apresentar o estudo preliminar do projeto

### 5.1. Estudos de conceito e partido arquitetônico

O projeto proposto para a comunidade do Crasto nada mais é do que a ideia de agregar três pontos importantes na comunidade, o PERTENCIMENTO E REPRESENTATIVIDADE em fazer parte de uma comunidade que é remanescente de quilombo a VALORIZAÇÃO CULTURAL de um povo com tradições centenárias conciliando com o modo de vida com RELAÇÃO COM A NATUREZA.

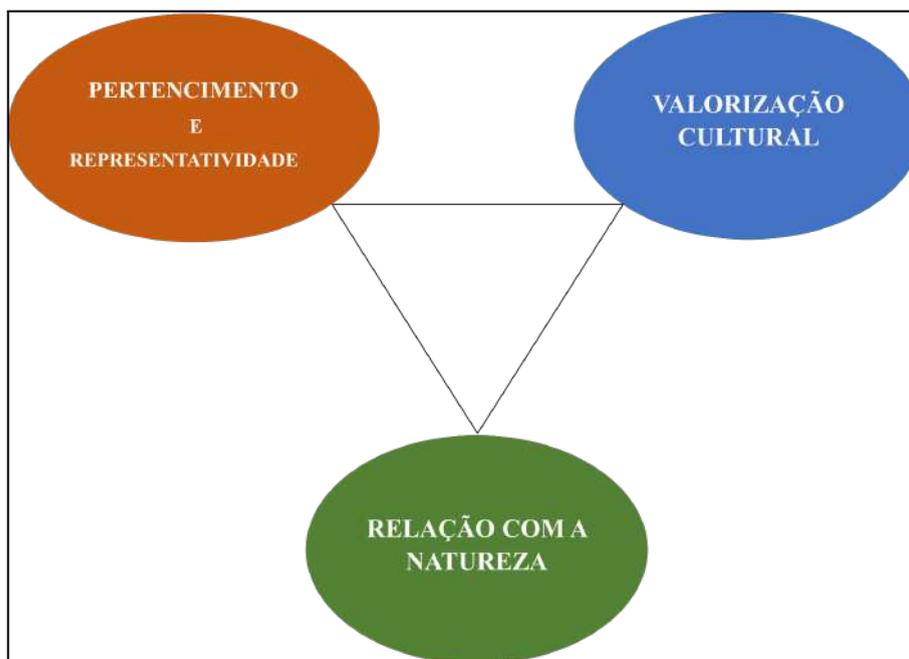


Figura 91: Conceito do projeto  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

Para a representação conceitual, o partido arquitetônico irá materializar o desejo de um povo em demonstrar como eles se enxergam no mundo através de suas danças, cantos e modos de vida, como percebe-se nas figuras 92 e 93.



Figura 92: Integrantes do samba de coco da comunidade do Crasto, em pé com o pandeiro Benício Vitório, sentado com o pandeiro Emiliano Vitório e em pé com o ganzá Bernardino Vitório, ambos em memória.

Fonte: Acervo fotográfico do Crasto.photos Disponível em:  
[https://www.instagram.com/p/Cz3bW2ErcbX/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cz3bW2ErcbX/?img_index=1). Acesso em novembro de 2023.



Figura 93: Mestre do samba de coco Josefa de Dedé.

Fonte: Acervo fotográfico do Crasto.photos Disponível em: CRASTO OFICIAL, 2023 Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Cz3bW2ErcbX/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cz3bW2ErcbX/?img_index=1). Acesso em novembro de 2023.

Quando se inicia um projeto convencional, visualiza-se no imaginário uma fachada ou simplesmente traços engessados da arquitetura contemporânea, o que ocorre é que diante do mercado atual esse tipo de método torna-se cada vez menos intimista com o local, criando a ausência de personalidade do núcleo histórico no qual está sendo inserido, a cultura de mudança para o novo atrair de forma instigante cada vez mais as pessoas que contrata um arquiteto e urbanista que siga essa linha projetual.

Porém, esse tipo de pensamento faz com que se perca no espaço/tempo cenas e tradições importantes da história daquela localidade, a comunidade do crasto sofre mudanças construtivas importantes no cenário atual, a perda da originalidade e falta de informação visual se perde nas construções de blocos e cimento.

O esquecimento materialista da arquitetura vernacular mostra como uma cultura pode se perder ao longo das décadas, no caso do centro a busca por retomar um recorte importante na cultura do local faz-se necessário para uma valorização e uma representatividade maior com relação às origens daquele povo. Com isso, levou-se em consideração os métodos construtivos locais, materiais utilizados comumente pela população e elementos que fazem parte da cultura local. (ver figura 94)



Figura 94: Trama feita por pescadores para ser utilizado o método construtivo da taipa.  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

A forma como os moradores se sentiram representados pela construção de um espaço, irá influenciar a forma como o mesmo se enxerga perante a sociedade, retomando uma identidade étnica importantíssima para a cultura da região e torná-la palpável.



Figura 95: Secagem de peixe para comercialização.  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

Materiais construtivos que trazem significados importantes para a comunidade, pois representam métodos tradicionais, e será uma forma de nos aproximarmos da arquitetura vernacular. Esses materiais são recursos locais, ponto que está ligado à arquitetura sustentável, que se torna importante na preservação e conservação do meio ambiente, principalmente devido a existência das áreas de preservação ambiental.

Como exemplo, tem-se a Pindoba, do tronco de coqueiro, da trama de varas e barrotes e do uso do barro argiloso da região, elementos que mesmo que timidamente são encontrados em algumas edificações locais. Além disso, outro elemento característico local é a existência das tocas de caranguejo, que possuem forma circular. Vale ressaltar aqui, que estes crustáceos circulam pelas ruas da cidade (em pontos próximos ao mangue) em períodos de andada, o que mantém uma relação com os moradores e com o lugar. Outra característica comum são os telhados de duas águas, tradicionais nas casas dos moradores. (Ver figura 96)

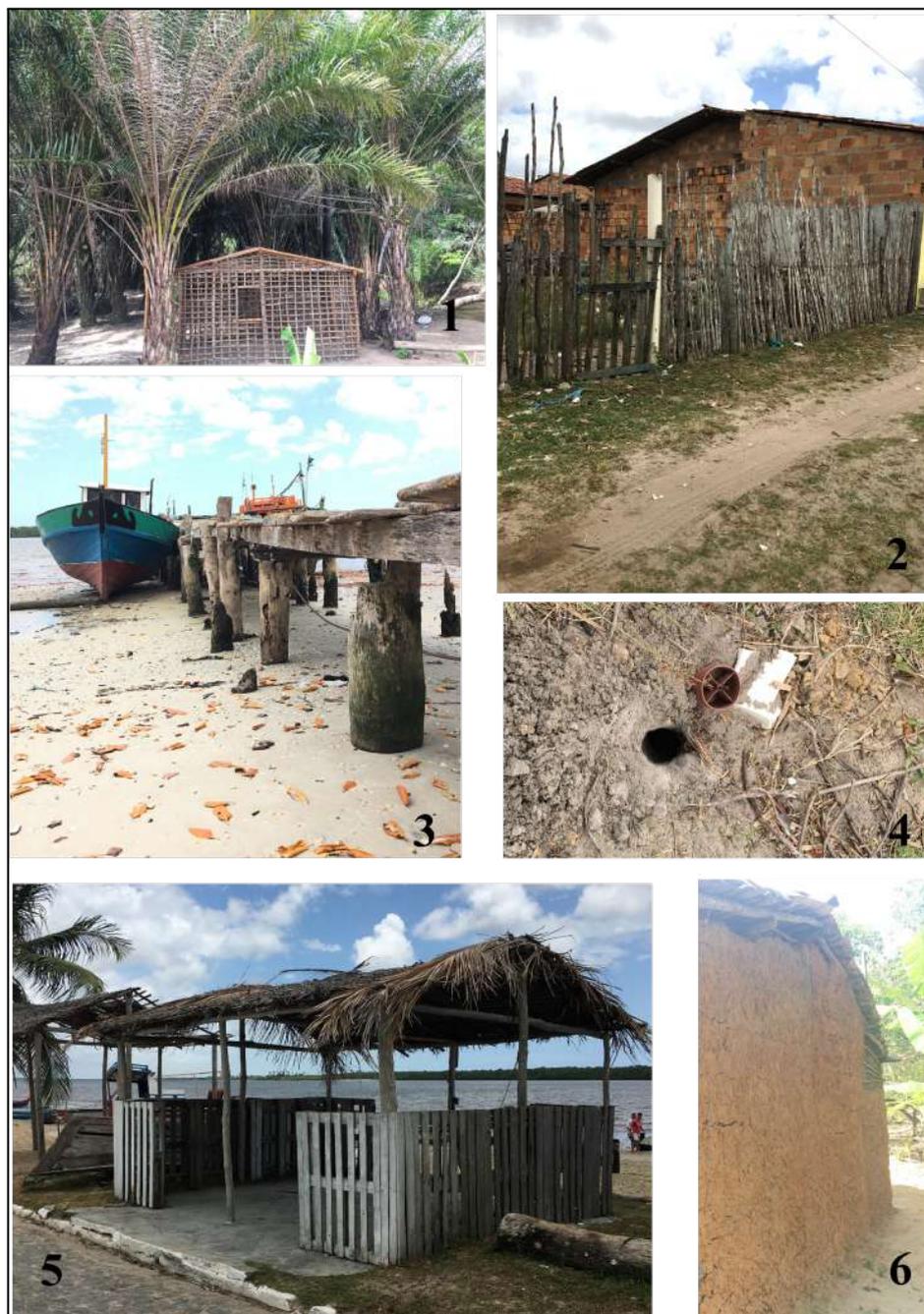


Figura 96: 1. Casa com a estrutura de trama de varas esperando a aplicação dos barro cercada por árvores da pindobeira. 2. trama de varas para criar limite de lote entre as residências. 3. ponte construída com troncos de coqueiro e tábuas. 4. toca do caranguejo. 5. cabana feita com barrotes e cobertura de pindoba. 6. preenchimento de parede com barro.

Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

O cotidiano dos moradores, estará presente no projeto através da representação dos seus principais recursos para garantir a sobrevivência, a exemplo do barco, a rede de pesca, e o pescado. Considerando as informações das escutas e vivências, as referências foram incorporadas de forma a enriquecer culturalmente a proposta para o Centro de Tradições, como observa-se na Figura 97 .

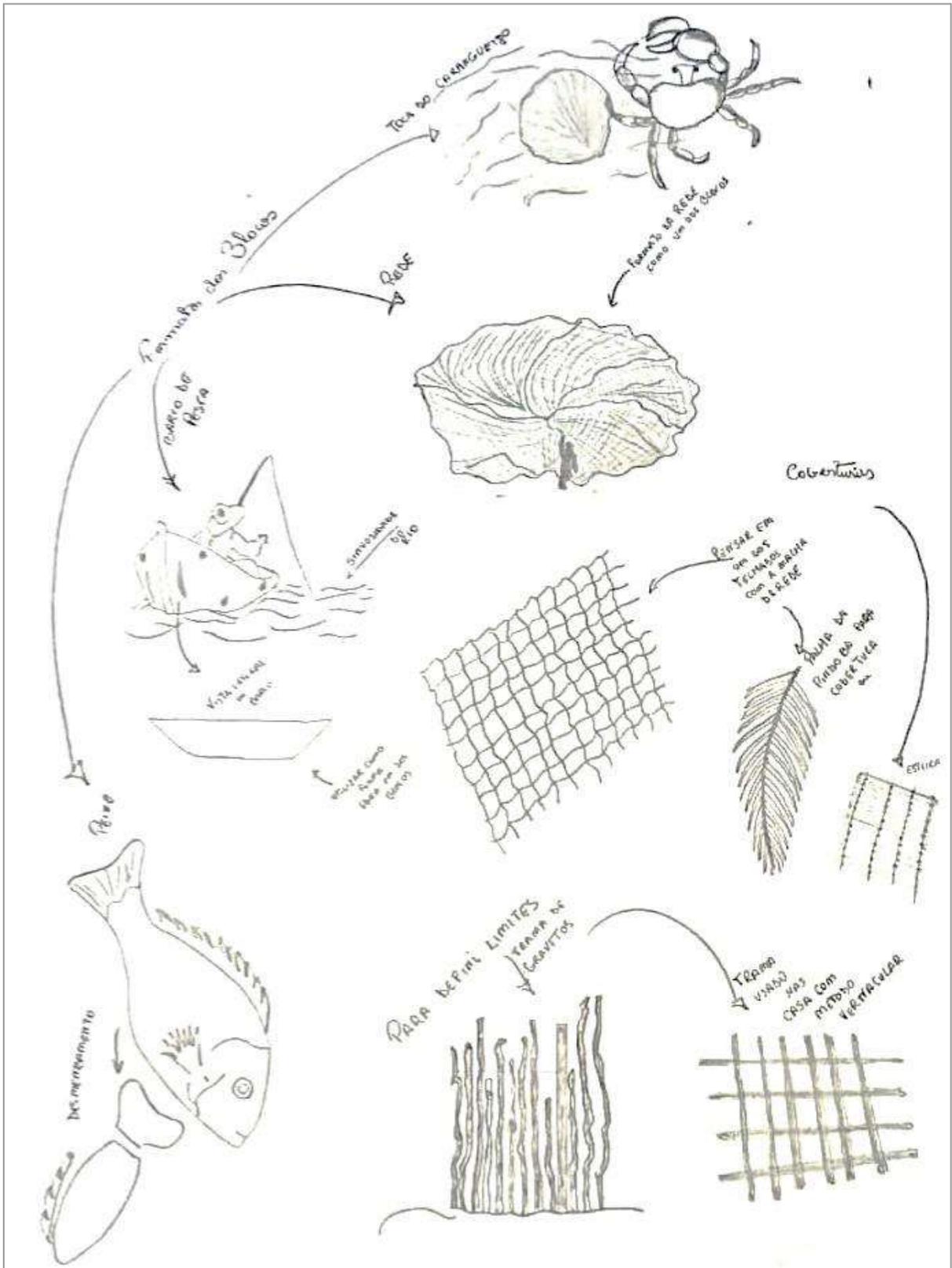


Figura 97: Referências a ser utilizadas nos blocos, fachadas e telhados do centro.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

Diante desses estudos, serão considerados três blocos: um para atender a demanda cultural e artística, outro para demanda da cultura da culinária e um terceiro bloco de serviços administrativos e atendimento turista/visitantes.

## 5.2. Estudo de implantação

A disposição final de cada lote foi adequada conforme as dimensões do terreno, que mede 28,50 centímetros de frente, 41 metros de fundo, 30 metros na lateral direita e 32,50 centímetros de lateral esquerda, totalizando uma área de 1042,50 metros quadrados.

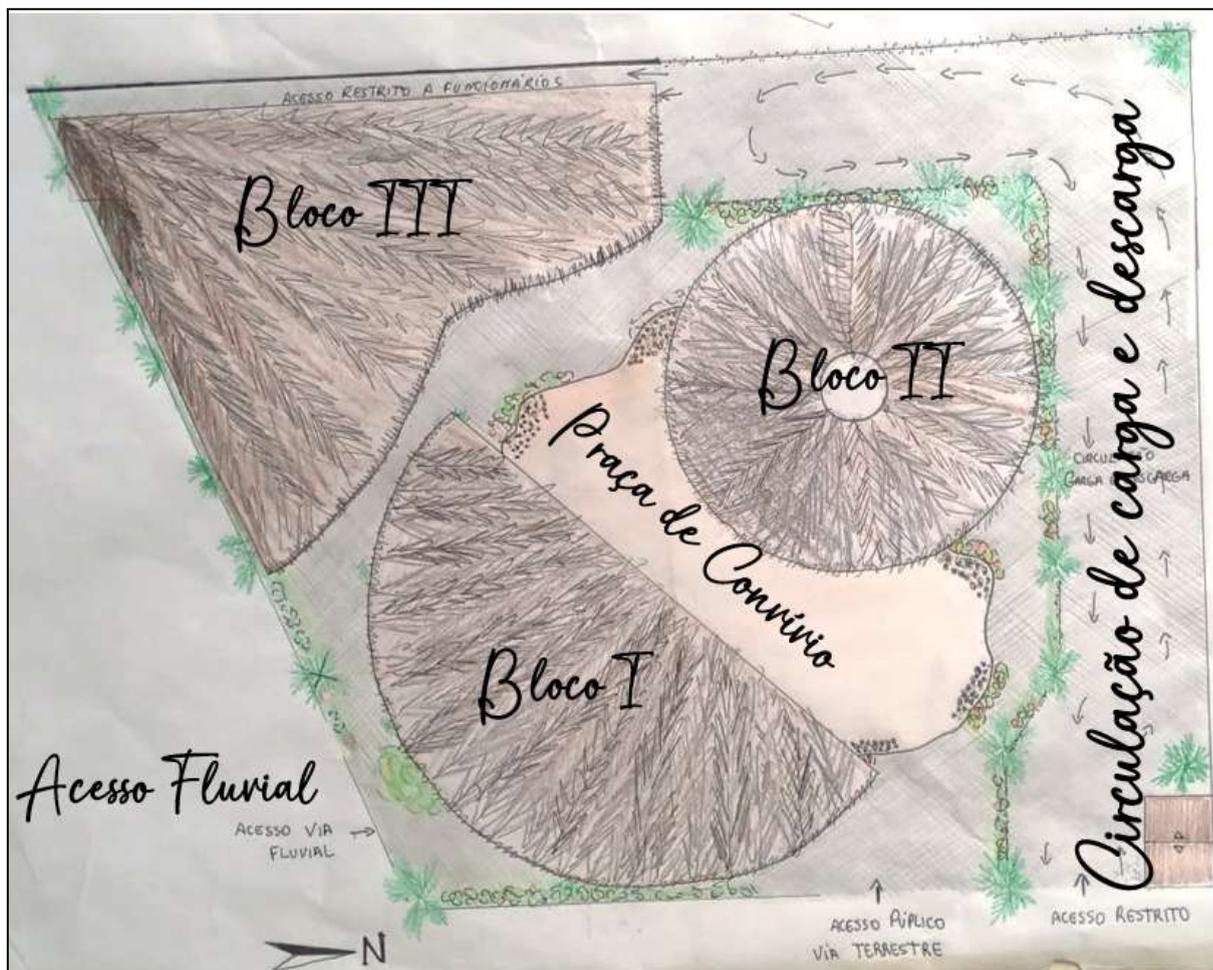


Figura 98: Estudo em croqui de setorização do Centro.

Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

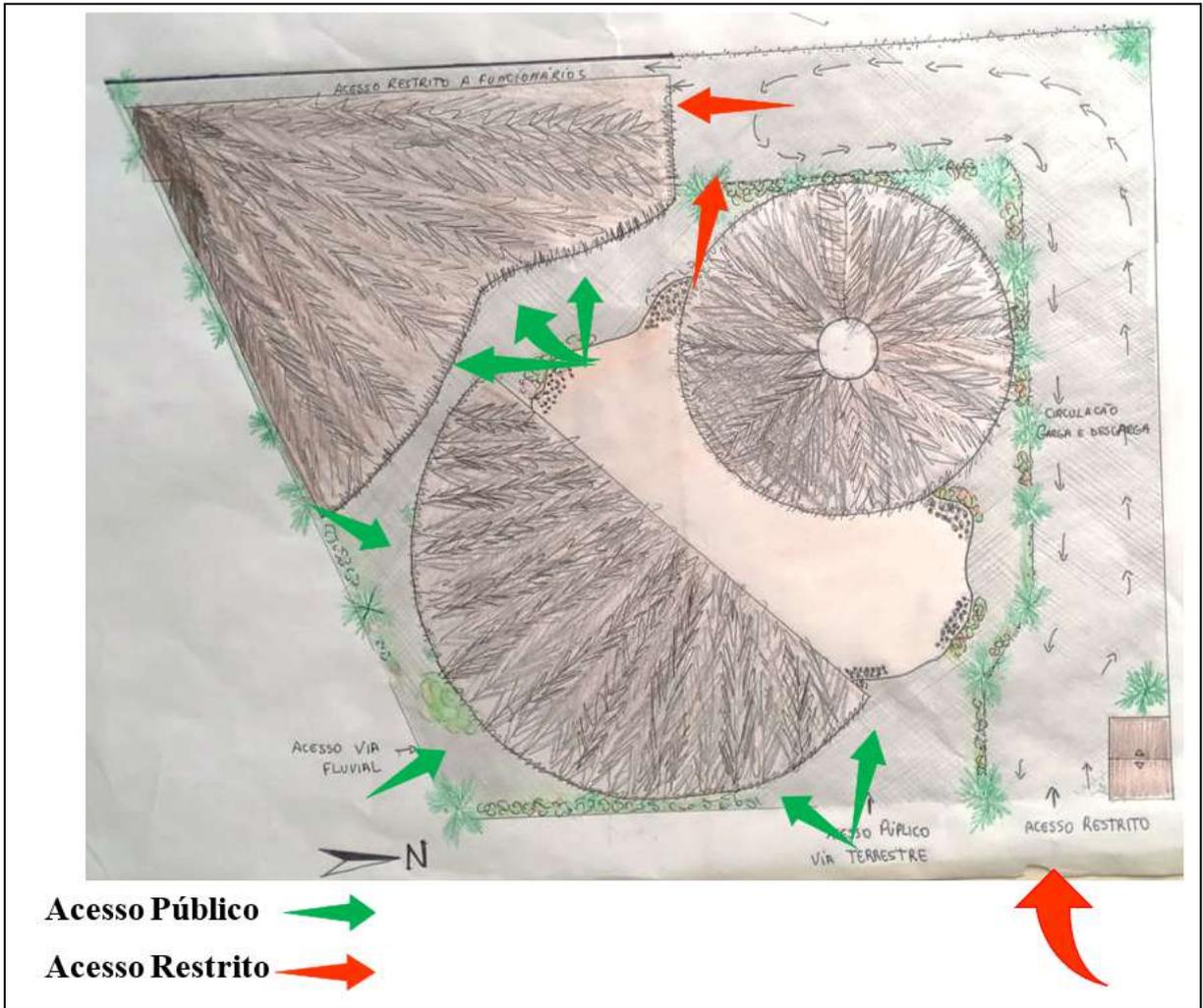


Figura 99: Estudo em croqui de Implantação do Centro com seus fluxos.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

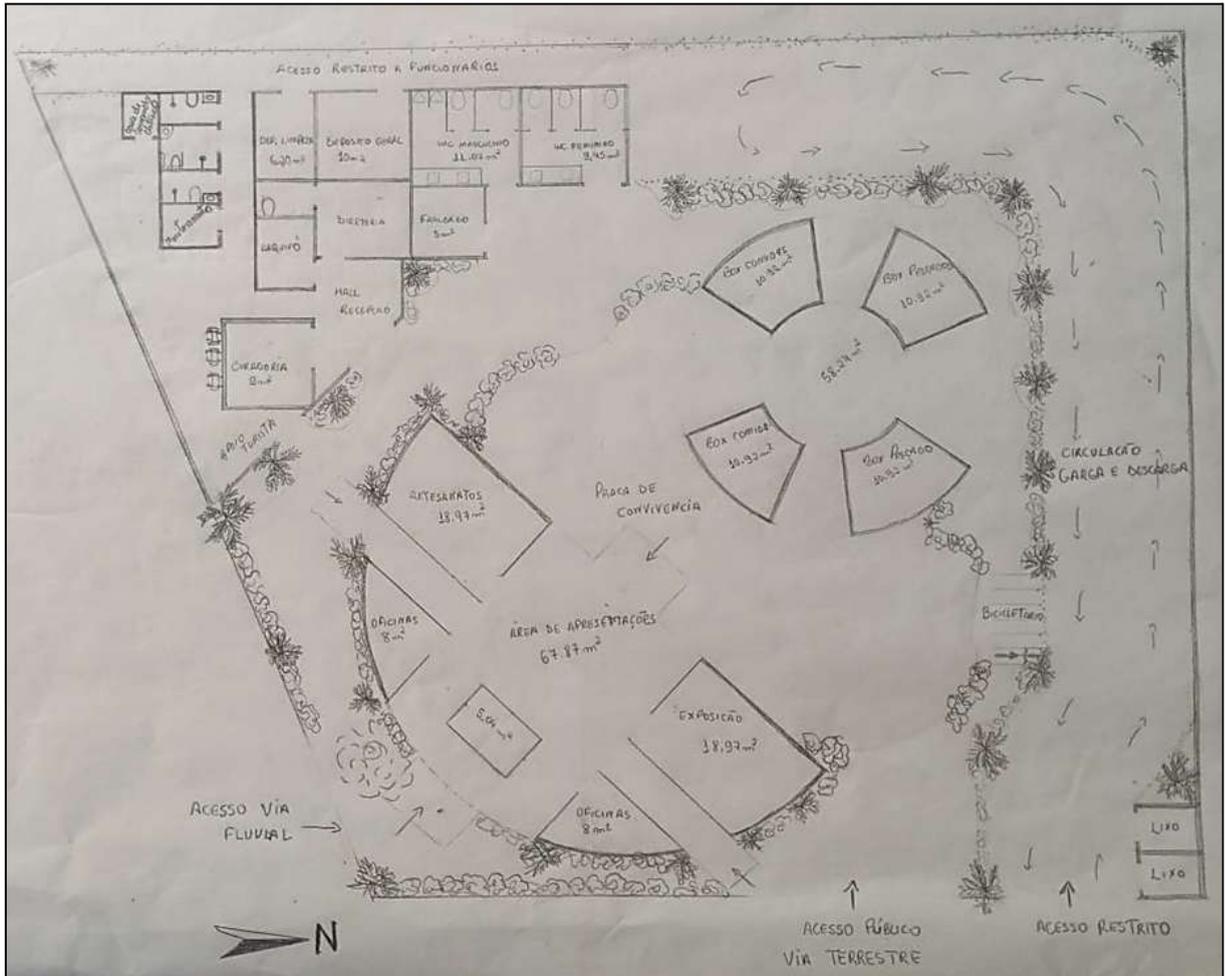


Figura 100: Estudo em croqui de Planta Baixa do Centro  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

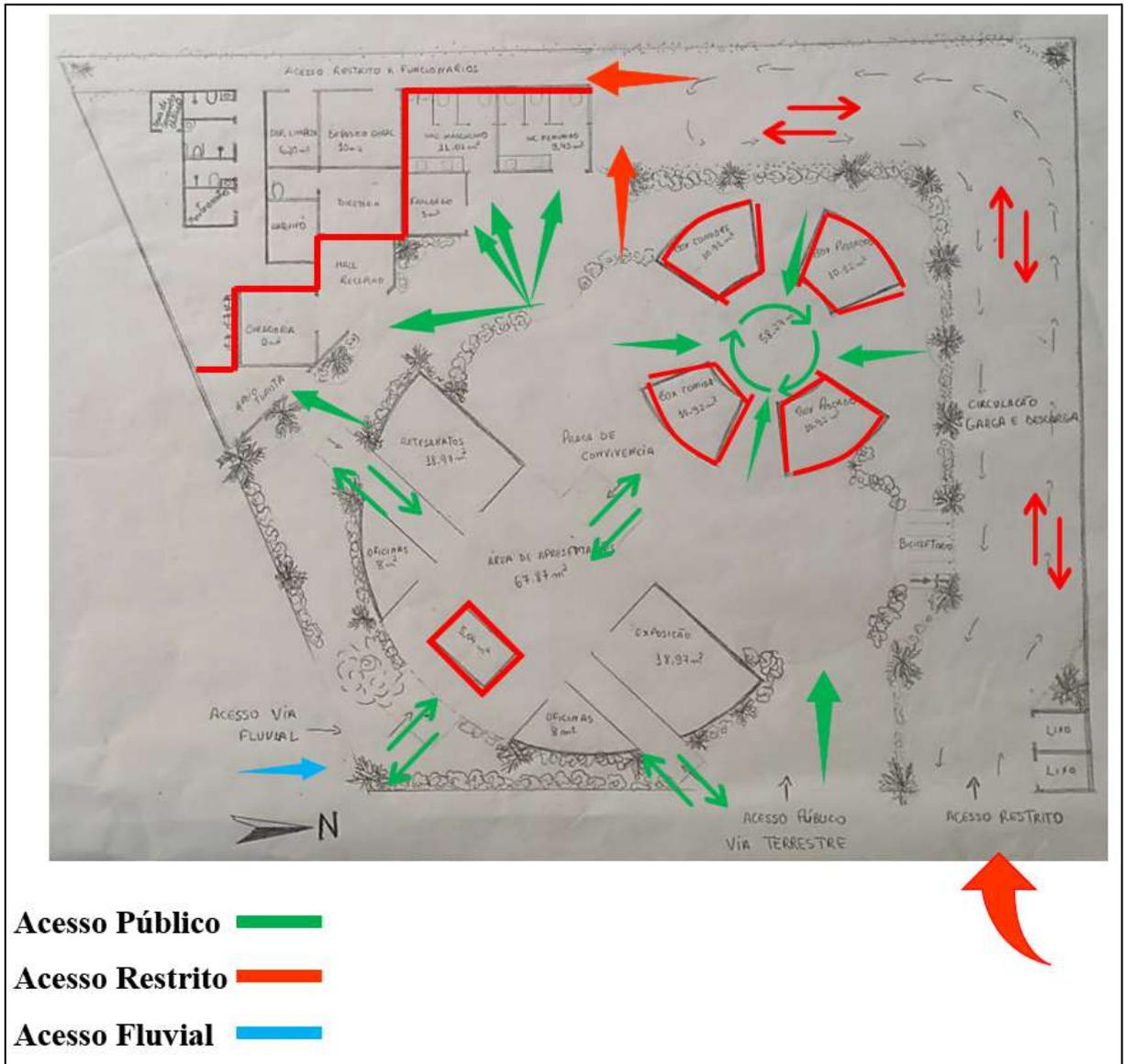


Figura 101: Estudo em croqui da Planta Baixa com Fluxos do Centro  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

Além de utilizar os métodos construtivos existente na comunidade existem peculiaridades da região que se fez presente nesse estudo preliminar, a exemplo da elevação em 0,50 com relação ao nível da rua, no qual os blocos está sob pilotis e régua de madeira, para facilitar o acesso livre dos caranguejos e siris por baixo desses blocos em época de reprodução, onde saem do seu habitat natural e transita pelas ruas e lotes próximos ao mangue.

### 5.3. Programa de Necessidade, Pré dimensionamento, Setorização, Fluxogramas e Soluções Iniciais.

Para o bloco 1 é direcionada às manifestações culturais da comunidade buscando acolher e apresentar o modo de vida e história da comunidade aos visitantes do centro, bem como, direcionar aos outros 2 blocos posteriores e toda área externa do centro.

Sua forma geométrica faz menção ao barco, meio de transportes mais utilizado pelos ribeirinhos para deslocamento intermunicipal e idas diárias aos rios e mares em busca de seus pescados, onde traz em todo o ambientes características arquitetônicas local, como a trama de gravetos para divisões, pilotis em troncos de coqueiro e pindobeira, com elevação de piso com átrio em forma de cruz para representar a religiosidade, sendo possível visualização de todos os ambientes internos e externos.

No quadro 3 e figuras 102 a seguir apresenta-se o programa de necessidades do bloco I com pré-dimensionamento dos ambientes, primeiros croquis e setorização, já no quadro 4 apresenta-se o fluxograma.

BLOCO I CULTURAL	AMBIENTE	QTD	ÁREA (m <sup>2</sup> )	ÁREA TOTAL (m <sup>2</sup> )	DESCRIÇÃO
	HALL, RECEPÇÃO	1	5,04 m <sup>2</sup>	5,04 m <sup>2</sup>	RECEPCIONAR, COLHER ASSINATURA DE VISITA, E GUARDAR BENS DOS VISITANTES
	ESPAÇO LIVRE	1	67,87 m <sup>2</sup>	67,87 m <sup>2</sup>	ÁREA DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
	ÁREA DOS ARTESANATOS	1	18,97 m <sup>2</sup>	18,97 m <sup>2</sup>	VENDA DOS PRODUTOS
	SALA DE OFICINAS	2	8 m <sup>2</sup>	16 m <sup>2</sup>	AULAS PRÁTICAS DA CULTURA LOCAL ELABORADA PELOS PRÓPRIOS MORADORES
	SALÃO DE EXPOSIÇÃO	1	18,97 m <sup>2</sup>	18,97 m <sup>2</sup>	EXPOSIÇÕES DE ARTISTAS LOCAIS VISITANTES E DAS ESCOLAS E ONGS PRESENTE NA COMUNIDADE
				<b>126,85 m<sup>2</sup></b>	

Quadro 2: Programa de necessidade e pré-dimensionamento do Bloco I.

Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

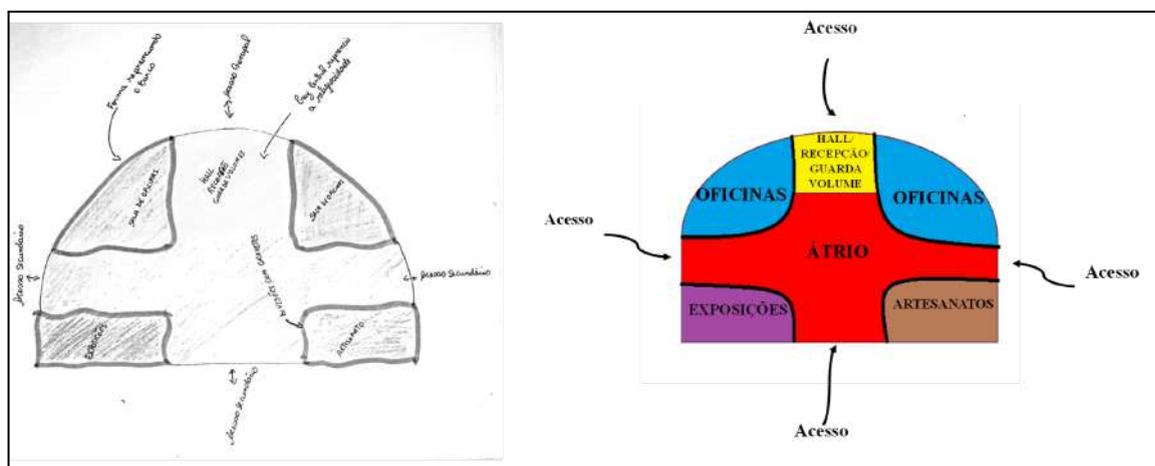
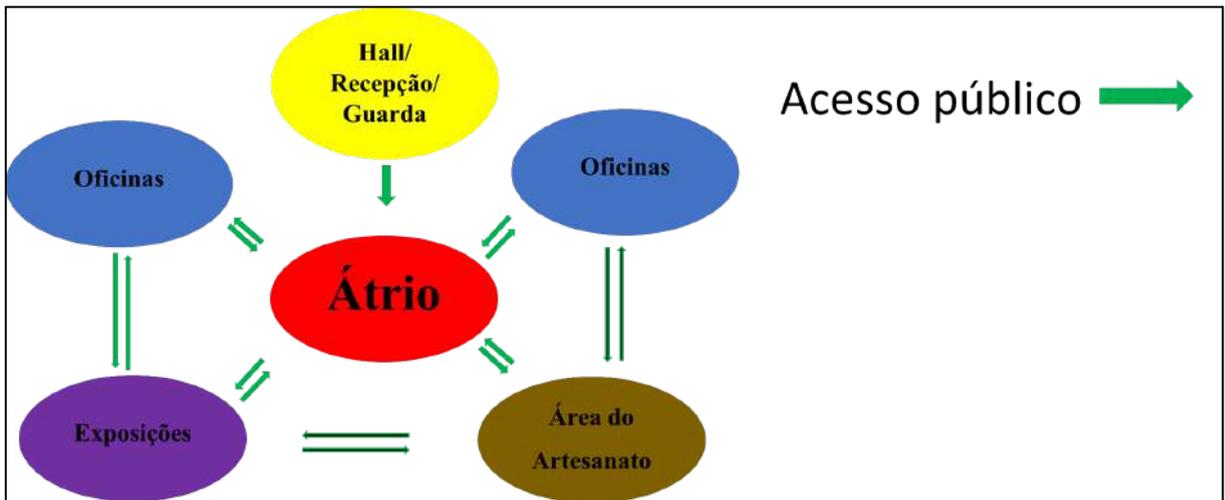


Figura 102: Setorização do Bloco I.  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Quadro 3: Fluxograma do Bloco I.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

Como soluções iniciais do edifício é pensado para receber fluxo e permanência dos visitantes passageira, já que é pensado para exposições, manifestações culturais e oficinas, traz uma forte estética construtiva da comunidade com paredes vazadas com tramas de madeira criando relação entre externo e interno um edifício auto suficiente já que requer baixa manutenção e matéria prima para reparos de fácil acesso.

Apesar da sua elevação com relação ao nível da rua, fazendo com que os crustáceos continuem tendo liberdade de deslocamento, é totalmente acessível a todas as pessoas com algum tipo de deficiência ou mobilidade reduzida através de suas rampas e seu alto teor sensorial e tátil.

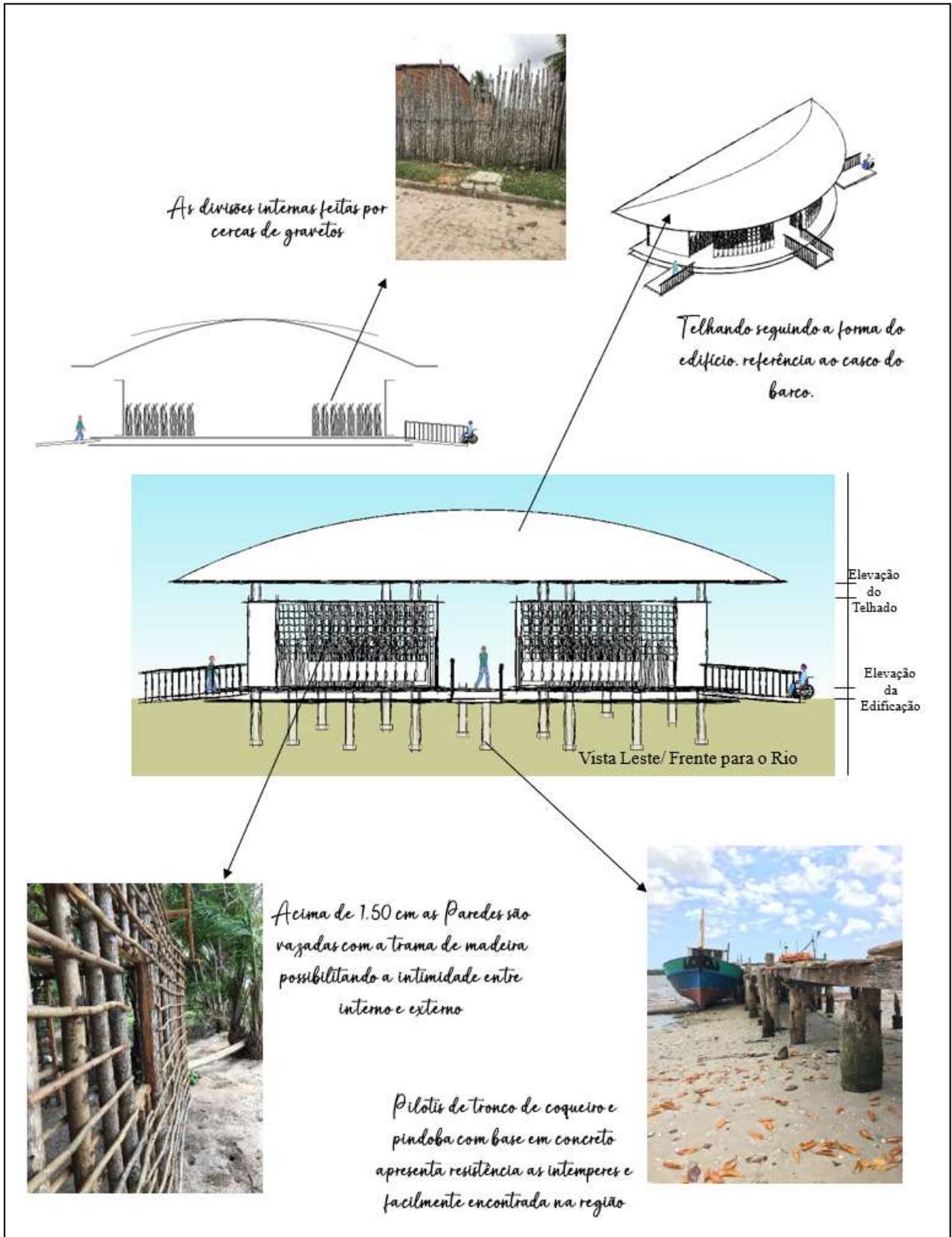


Figura 103: Soluções iniciais do Bloco I.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

O bloco II conta com a área de venda de pescado e marisco, as cozinhas atenderão a praça de alimentação com a culinária local onde é possível vincular o convívio e descanso prolongado dos visitantes.

Sua forma geométrica é a combinação de duas características importantes da comunidade, a forma circular representa a toca onde o caranguejo vive e se esconde quando percebe perigo eminente, contém paredes vazadas que permite a visualização de todo o centro, possibilitando a ventilação cruzada por todos o ambiente exceto nos boxes de comidas típicas. A praça de alimentação terá cobertura que lembra a forma de rede de pesca sendo lançada, além de na suas bordas conter espaços vazados que trazem a referência aos vazios existentes da rede.

Sendo assim, no quadro 5 e figura 104 a seguir apresenta-se o programa de necessidades do bloco II com pré-dimensionamento dos ambientes, primeiros croquis e Setorização, e no quadro 6 apresenta-se o fluxograma.

BLOCO II VENDA DE PESCADO E MARISCOS E PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO	AMBIENTE	QTD	ÁREA (M²)	ÁREA TOTAL (M²)	DESCRIÇÃO
	BOX PARA COMERCIALIZAÇÃO DOS PESCADOS E MARISCOS	2	10,92 m²	21,84 m²	LOCAL ONDE OS PESCADORES PODERÃO COMERCIALIZAR SEUS PESCADOS E MARISCOS FRESCO E CONGELADOS E SECOS.
	BOX DE COMIDAS TÍPICAS	2	10,92 m²	21,84 m²	ESPAÇO DE COMIDAS TÍPICAS PRONTAS DA REGIÃO
	PRAÇA DE CONVIVÊNCIA	1	40 m²	40 m²	CONVÍVIO DOS TURISTAS E PARA ALIMENTAÇÃO, COM MESAS, CADEIRAS E BANCOS
	CIRCULAÇÃO	1	58,24 m²	58,24 m²	CIRCULAÇÃO ENTRES OS BOX
				141,92	

Quadro 4: Programa de necessidade e pré-dimensionamento do Bloco II.  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

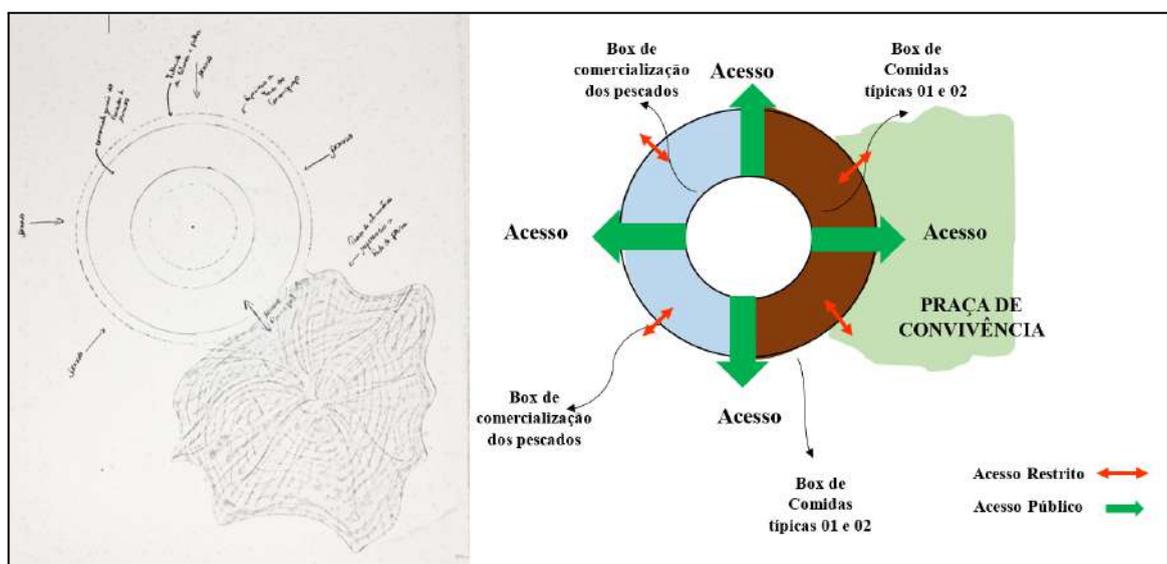
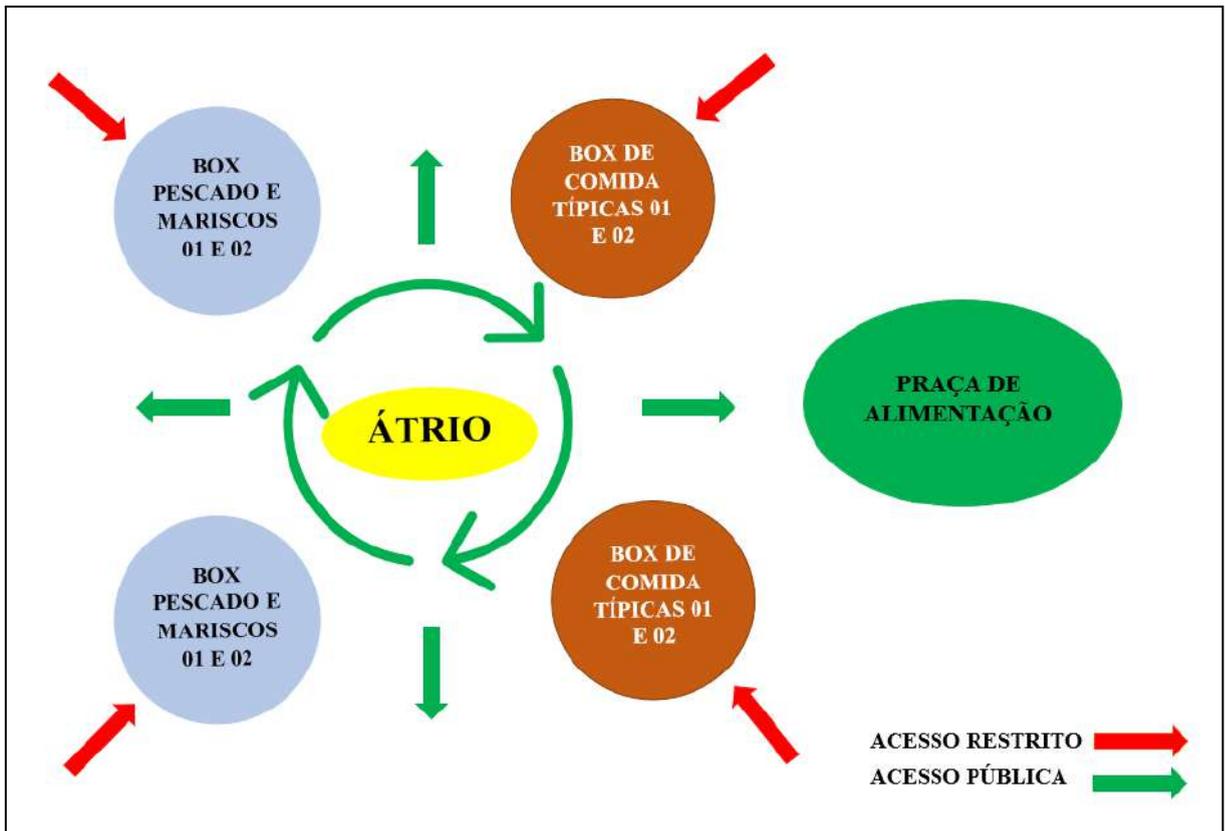


Figura 104: Setorização do Bloco II.  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Quadro 5: Fluxograma do Bloco II.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

Como soluções iniciais do edifício é dedicado a venda e preparo de todo pescado da região contará com 2 boxes destinados a de venda dos pescados e mariscos, e 2 boxes para venda de comidas típicas, sendo no formato circular facilitando seguindo a característica de seu telhado e facilitando a visualização dos clientes de todos os ângulos do bloco. E por fim uma praça de alimentação com cobertura com bordas vazadas que remete a rede de pesca e permitindo assim, a entrada de iluminação natural.

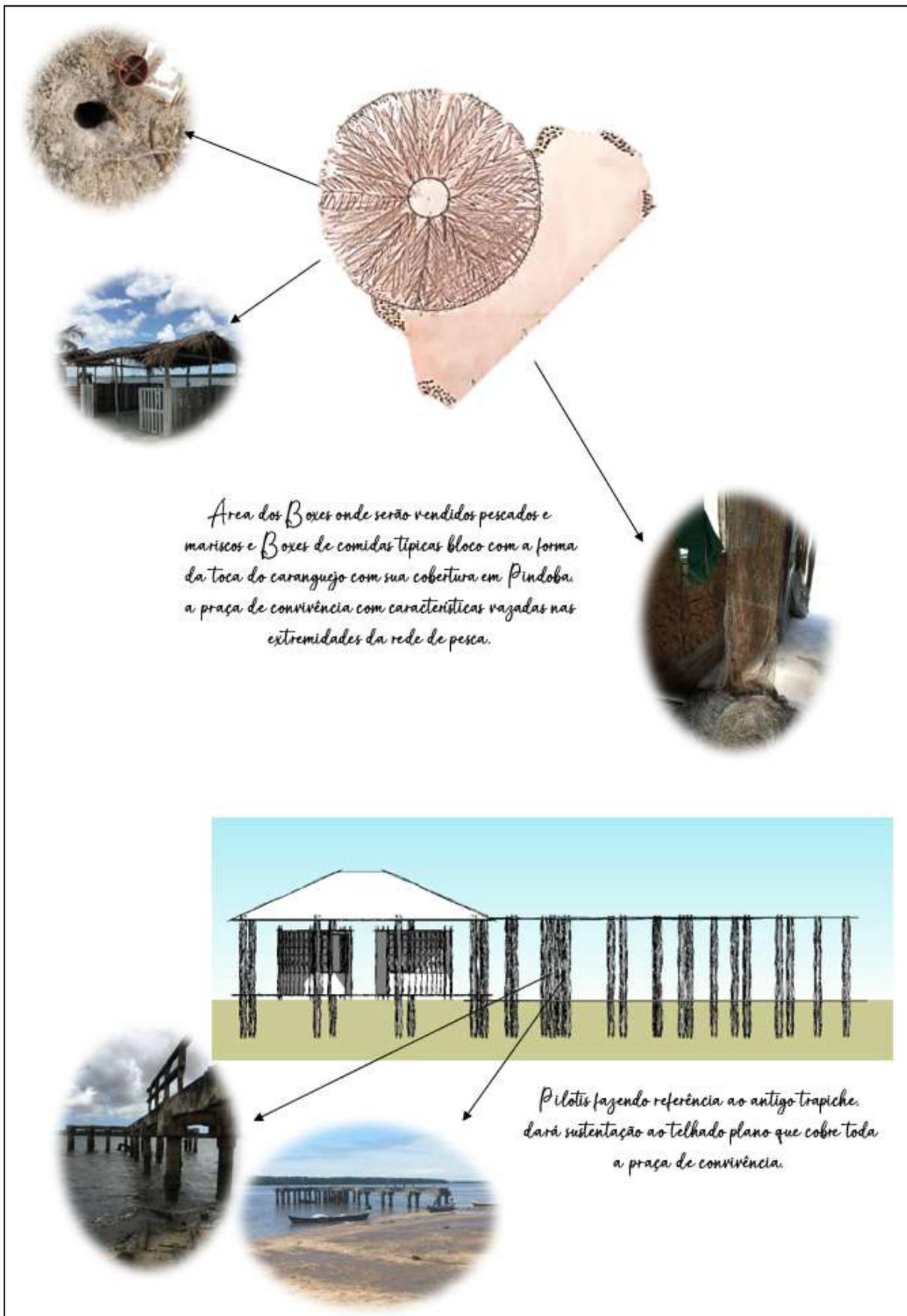


Figura 105: Soluções iniciais do Bloco II.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

O bloco III é dedicado a toda parte administrativa responsável por gerenciar e atender às possíveis demandas do centro, comporta todo o apoio ao turista/visitantes e aos demais blocos, ainda neste bloco fica toda a parte de serviços que atenderá as necessidades do centro.

Sua forma de aspecto peculiar é a representação da cauda do peixe, uma das maiores fontes de renda dos moradores, cercada por varandas, característica encontradas nas casas mais antigas da comunidade.

Desta forma quadro 7 e figura 106 a seguir apresenta-se o programa de necessidades do bloco III com pré-dimensionamento dos ambientes, primeiros croquis e setorização, já no quadro 8 apresenta-se o fluxograma.

BLOCO III ADMINISTRAÇÃO, APOIO E SERVIÇOS	AMBIENTE	QTD	ÁREA (M²)	ÁREA TOTAL (M²)	DESCRIÇÃO
	HALL DE ESPERA / RECEPÇÃO	1	13 m²	13 m²	ACESSO A DO VISITANTE AO SETOR ADMINISTRATIVO E DE APOIO
DIRETORIA	1	9 m²	9 m²	SALA RESERVADA AO DIRETOR	
ARQUIVO	1	4,5m²	4,5m²	ARMAZENAMENTOS DE ARQUIVOS	
CURADORIA	1	9 m²	9 m²	SALA PARA AVALIAÇÃO DE OBRAS DE ARTISTA LOCAIS E VISITANTES	
ATENDIMENTO AO TURISTA	1	16 m²	16 m²	RECEPÇÃO PARA OUVIR E DIRECIONAR OS TURISTAS EM SITUAÇÕES DIVERSAS	
ÁREA PARA GUARDA CADEIRAS DE RODA	1	10 m²	10 m²	ACESSIBILIDADE	
DEPOSITO GERAL	1	10 m²	10 m²	ALMOXARIFADO E ARMAZENAMENTOS	
MONITORAMENTO	1	4,50 m²	4,50 m²	SALA DE SEGURANÇA DO CENTRO E ENTORNO COM RAIO DE 300 METROS	
LAVABO	1	3,15 m²	6,30 m²	SANITÁRIO DE USO EXCLUSIVO DA DIRETORIA E SUA RECEPÇÃO	
SANITÁRIO FEMININO ACESSÍVEL PARA PCD	3	9,45 m²	9,45m²	USO PÚBLICO	
SANITÁRIO MASCULINO ACESSÍVEL PARA PCD	4	11,07 m²	11,07 m²	USO PÚBLICO	
FRALDÁRIO	1	5 m²	5 m²	USO PÚBLICO	
SANITÁRIOS PARA FUNCIONÁRIOS ACESSÍVEL PARA PCD	2	13 m²	13 m²	USO DE FUNCIONÁRIO DO CENTRO	
CASA DO COMANDO ELÉTRICO	1	2 m²	2 m²	ACESSO AOS QUADROS DE ENERGIA DOS BLOCOS I, II, III E EXTERNO.	
DEPOSITO DE LIMPEZA	1	6,20 m²	6,20 m²	ACESSO RESTRITO A FUNCIONÁRIOS DE LIMPEZA DO CENTRO	
DEPOSITO DE LIXO ORGÂNICO E INORGÂNICO	1	6 m²	6 m²	ACESSO PRÓXIMO A VIA PARA A COLETA DE LIXO	
BICICLETÁRIO COM SUPORTE PARA 4 BICICLETAS	6	0,70 m²	4,20 m²	SUPORTE PARA BICICLETAS	
CIRCULAÇÃO DE CARGA E DESCARGA	1	220 m²	220 m²	ACESSO, CONFERÊNCIA E DISTRIBUIÇÃO DE MERCADORIA.	
VIVÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS	1	28,36	28,36 m²	ÁREA DE DESCANÇO DOS FUNCIONÁRIOS	
CIRCULAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS	1		30,57 m²	CIRCULAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DENTRO DO SETOR	
			418,15 m²		

Quadro 6: Programa de necessidade e pré-dimensionamento do Bloco III.  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

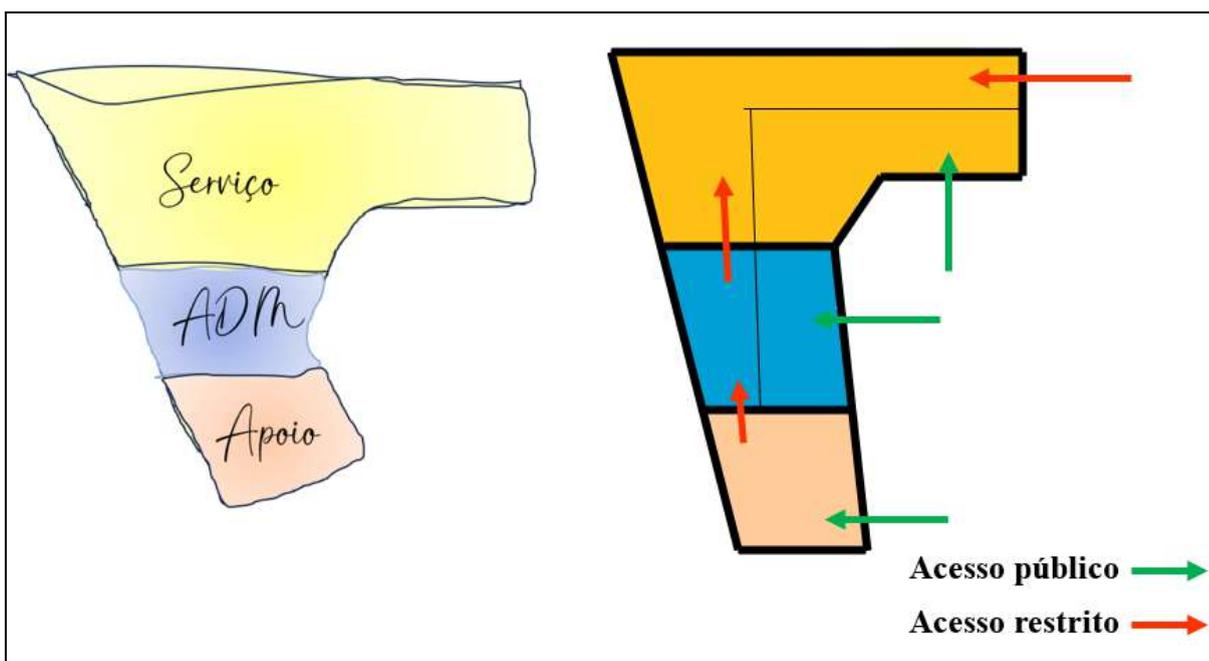
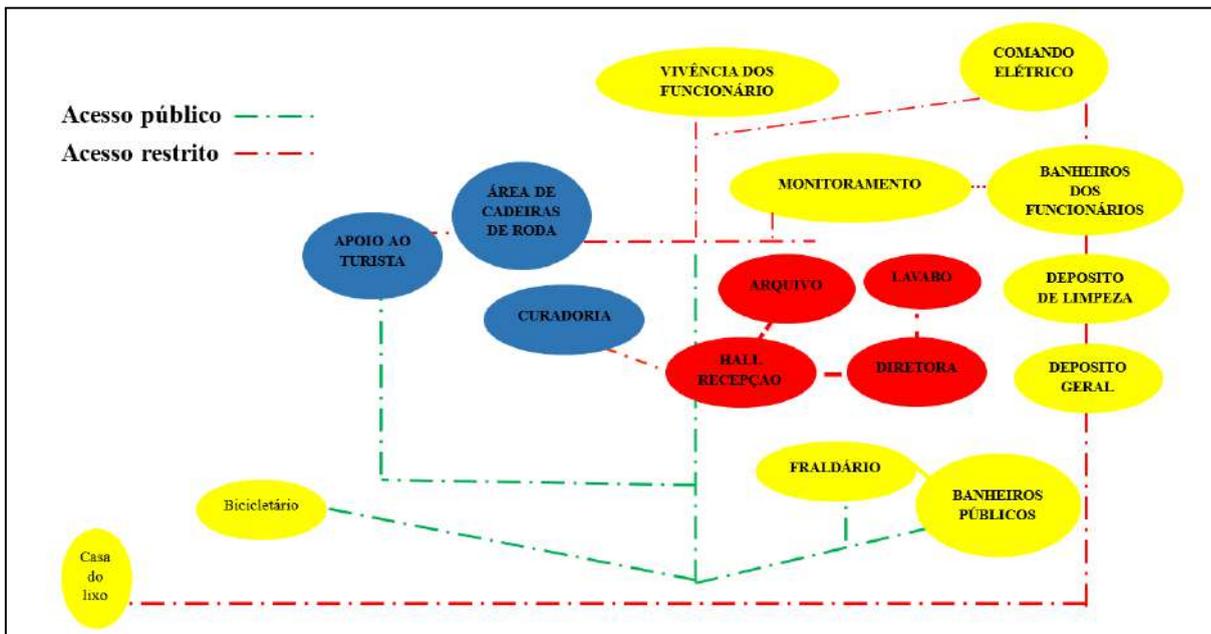


Figura 106: Setorização do Bloco III.  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Quadro 7: Fluxograma do Bloco III.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

Como soluções iniciais para esse último bloco se ver a varanda presente em toda a edificação gerando conforto térmico ao edifício e revivendo as características construtivas da região como telhados com duas águas, seus cheios e vazios acima do pé direito remete as escamas do peixe e possibilita a entrada de iluminação e ventilação natural.

Abrigando toda a área administrativa, de apoio e serviço do centro tendo como principal função servir de suporte aos demais blocos, a utilização da paleta de cores terrosas e cruas para reverenciar as obras e artigos feitos pelos artesãos locais.



Figura 107: Soluções iniciais para o Bloco III.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

As áreas externas, revitalização e readequação do entorno e implantação do paisagismo será o ponto final do projeto, no qual, seu nível elevado servirá como deck para contemplação do rio e mangue, além de propiciar livre passeio de crustáceos em época de reprodução, arborizando rasteira, utilização de piso intertravado para auxiliar a drenagem tanto dentro do lote quanto na áreas próximas ao centro.

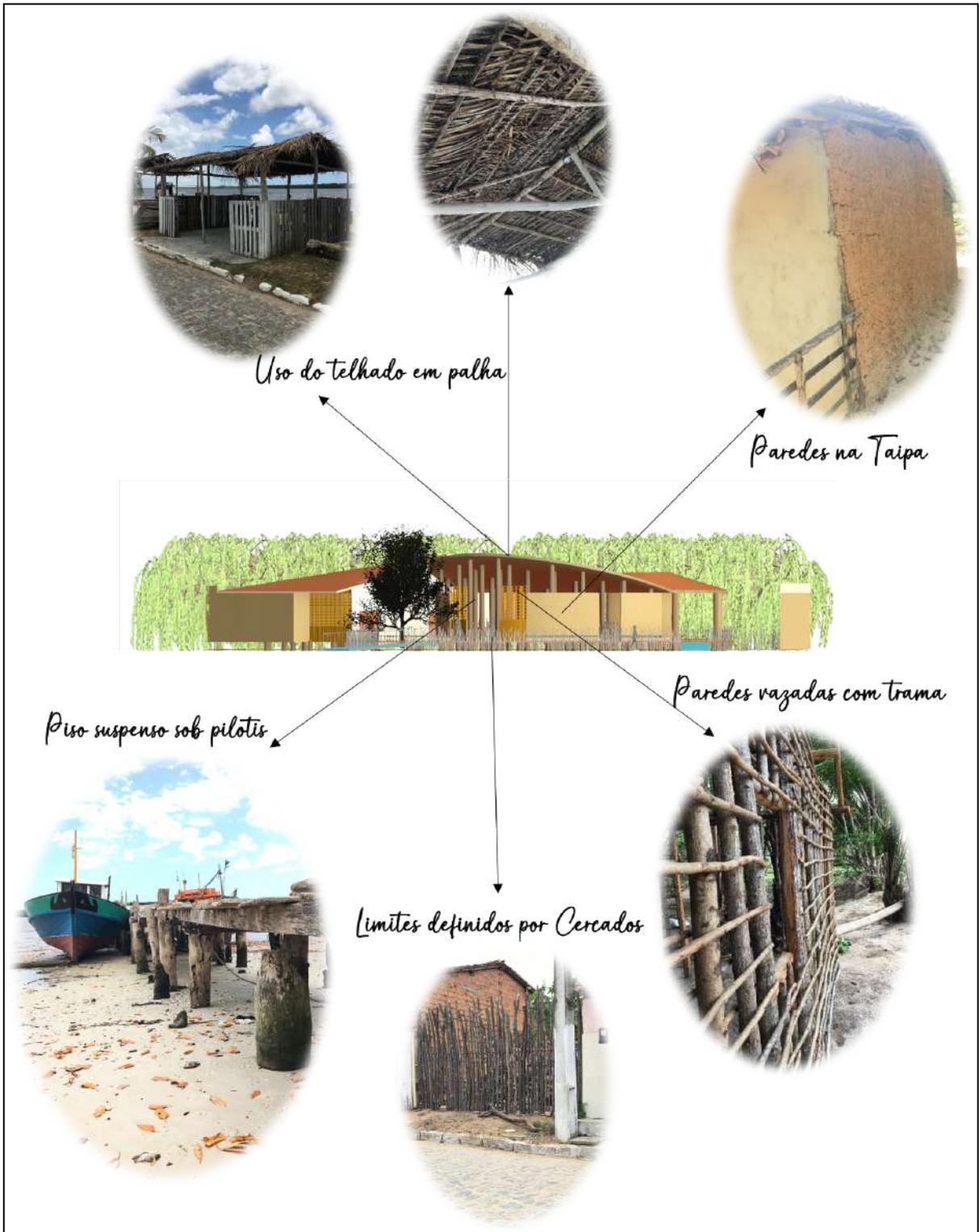


Figura 108: Métodos construtivos utilizados no Centro  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

## 5.4. Plantas baixas e cortes esquemáticos

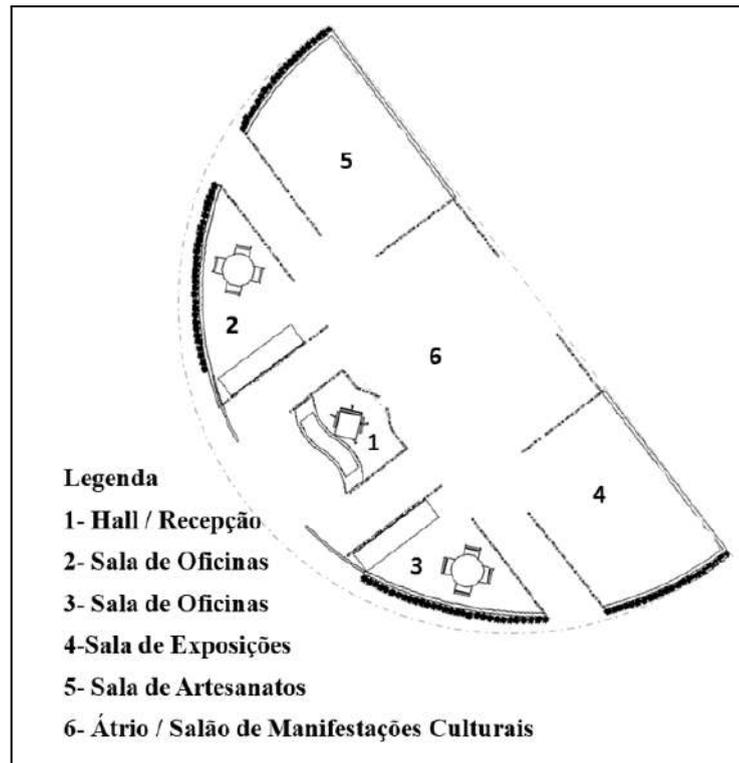


Figura 109: Planta Baixa do Bloco I  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

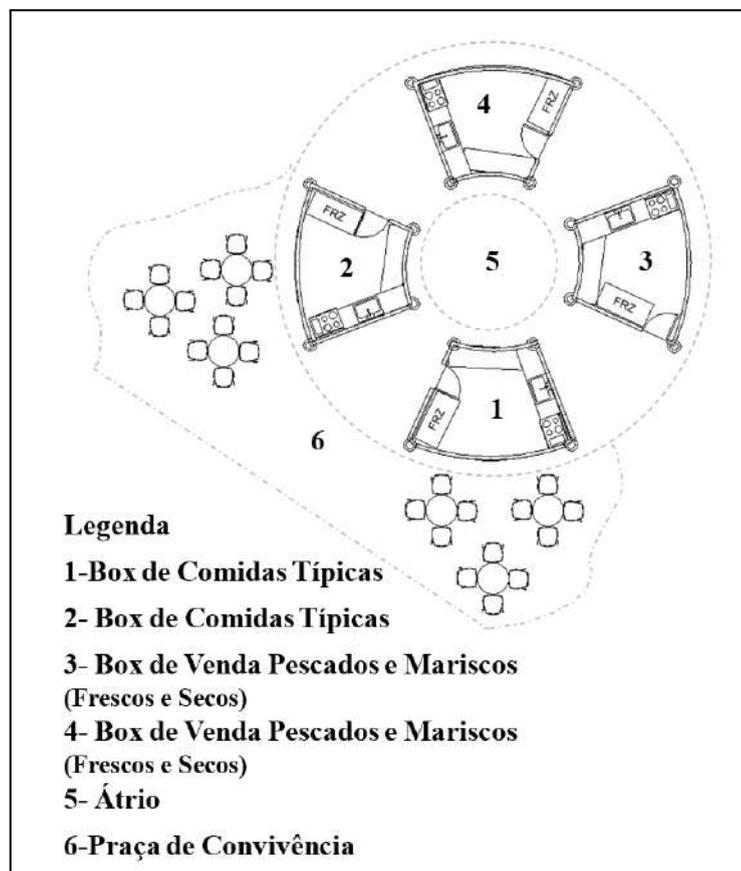


Figura 110: Planta Baixa do Bloco II  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figura 111: Planta Baixa do Bloco III  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

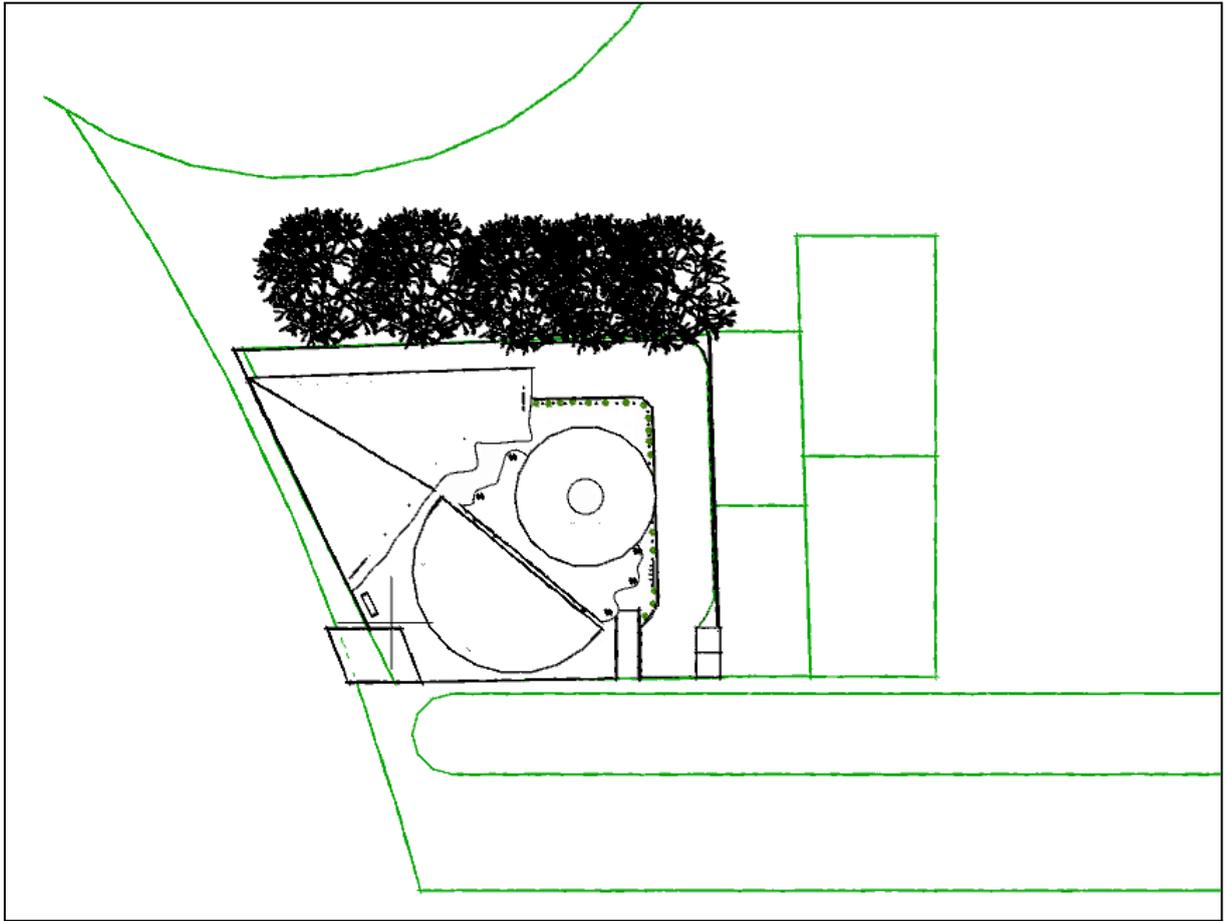


Figura 112: Planta de Telhado  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figura 113: Fachada Principal  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

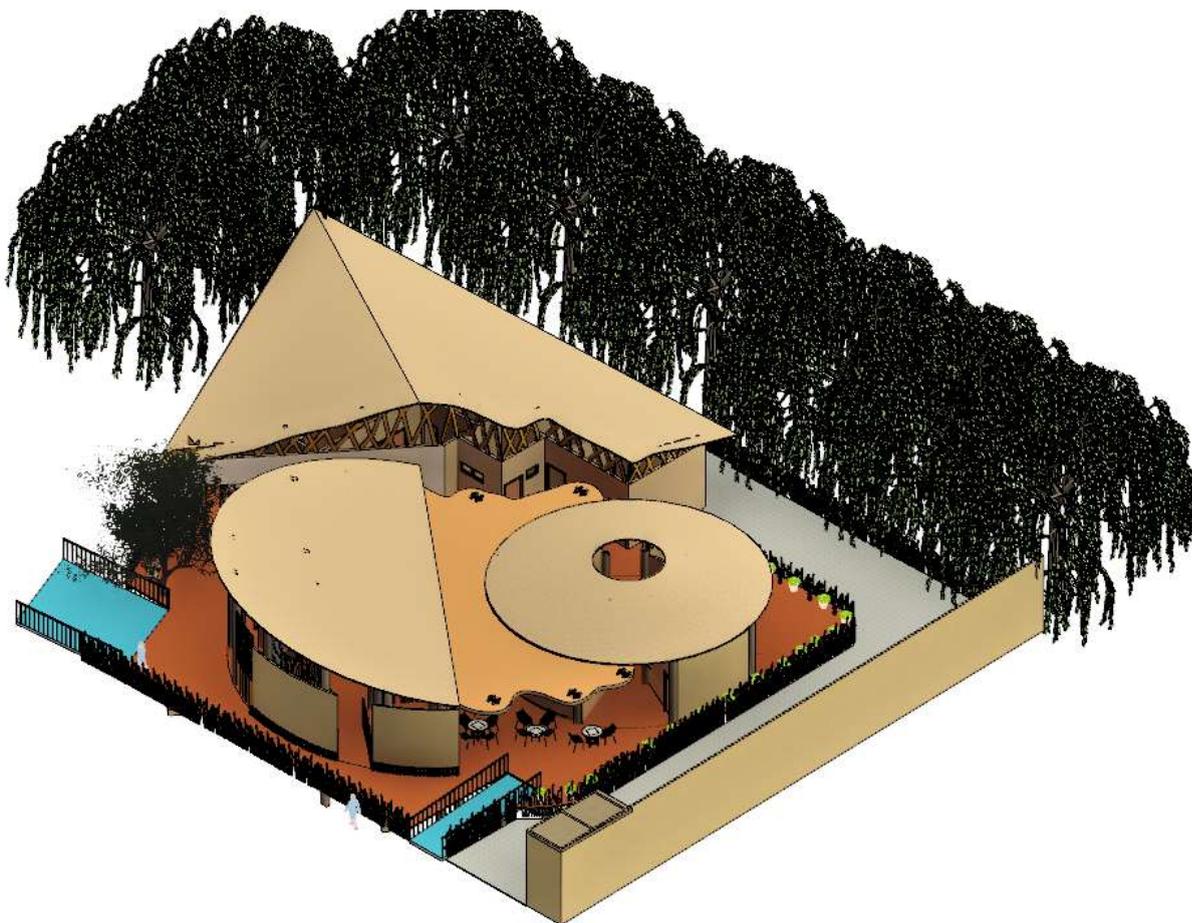


Figura 114: Vista Aérea do Sudeste para o Nordeste.  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

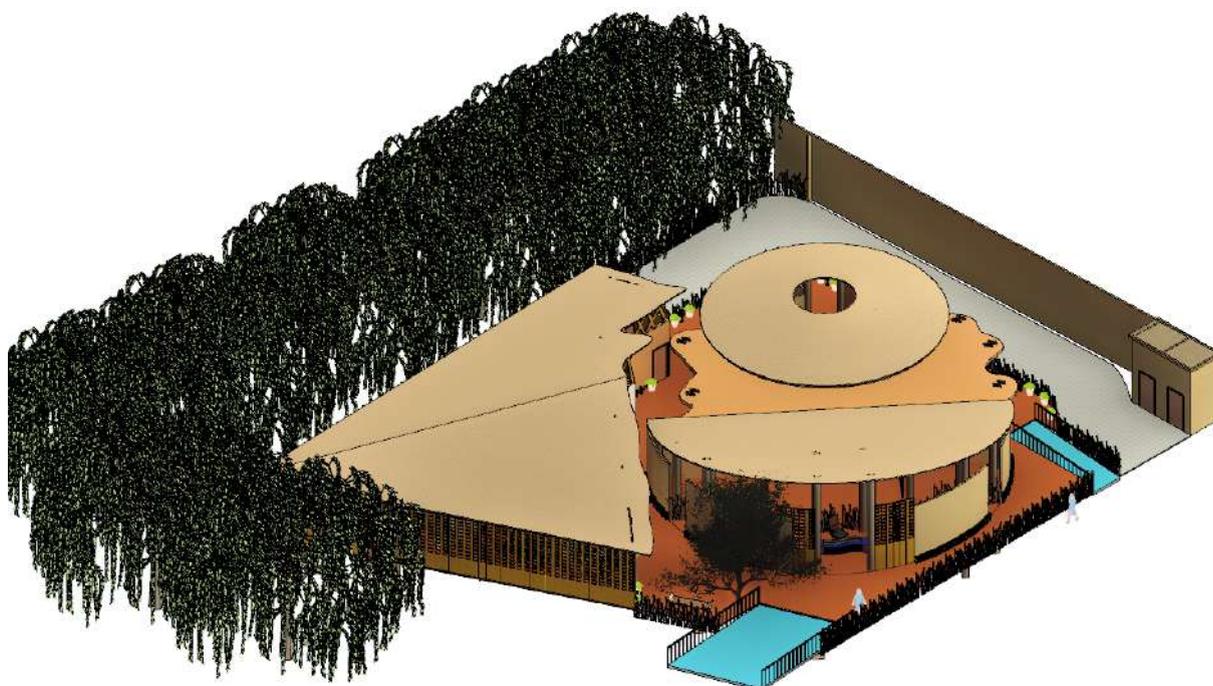


Figura 115: Vista Aérea do Sudoeste para Nordeste  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

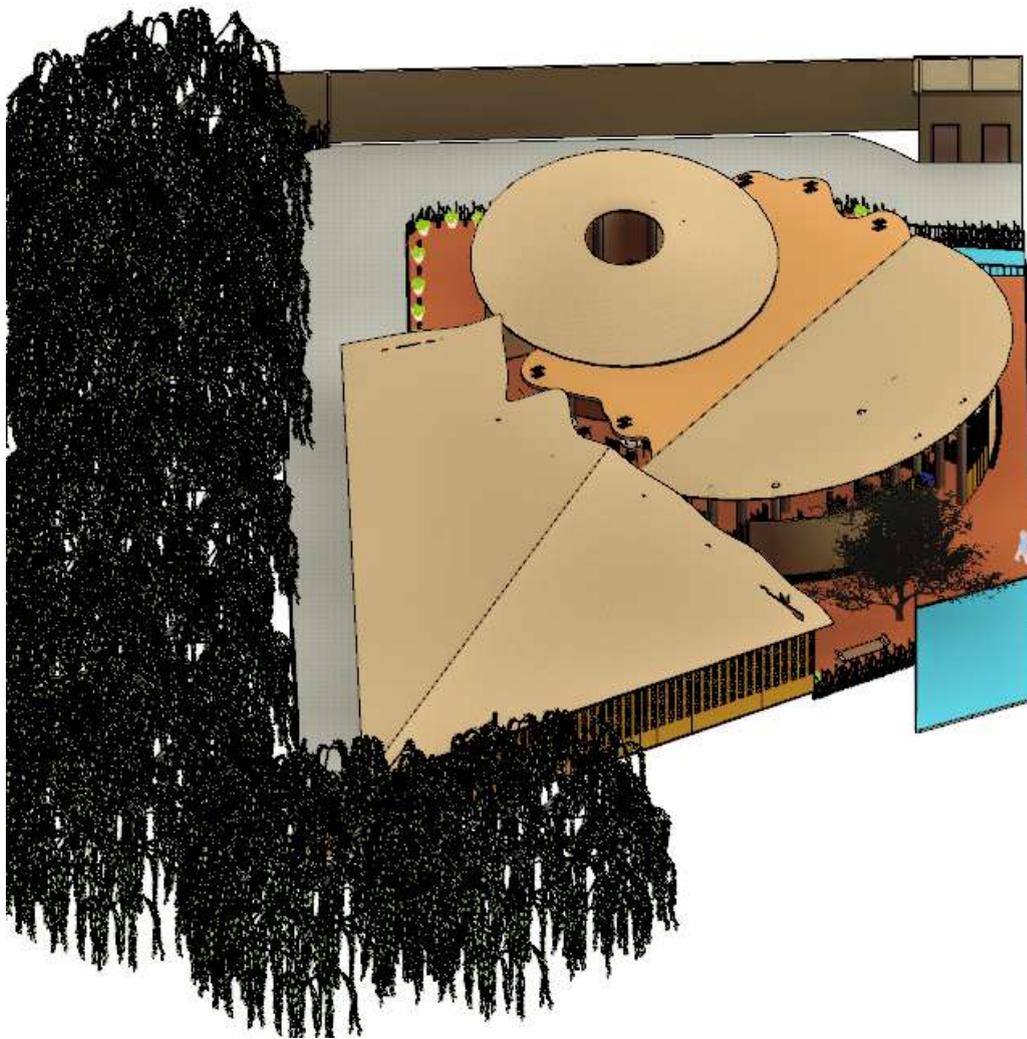


Figura 116: Vista Aérea do Sul para Norte  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023

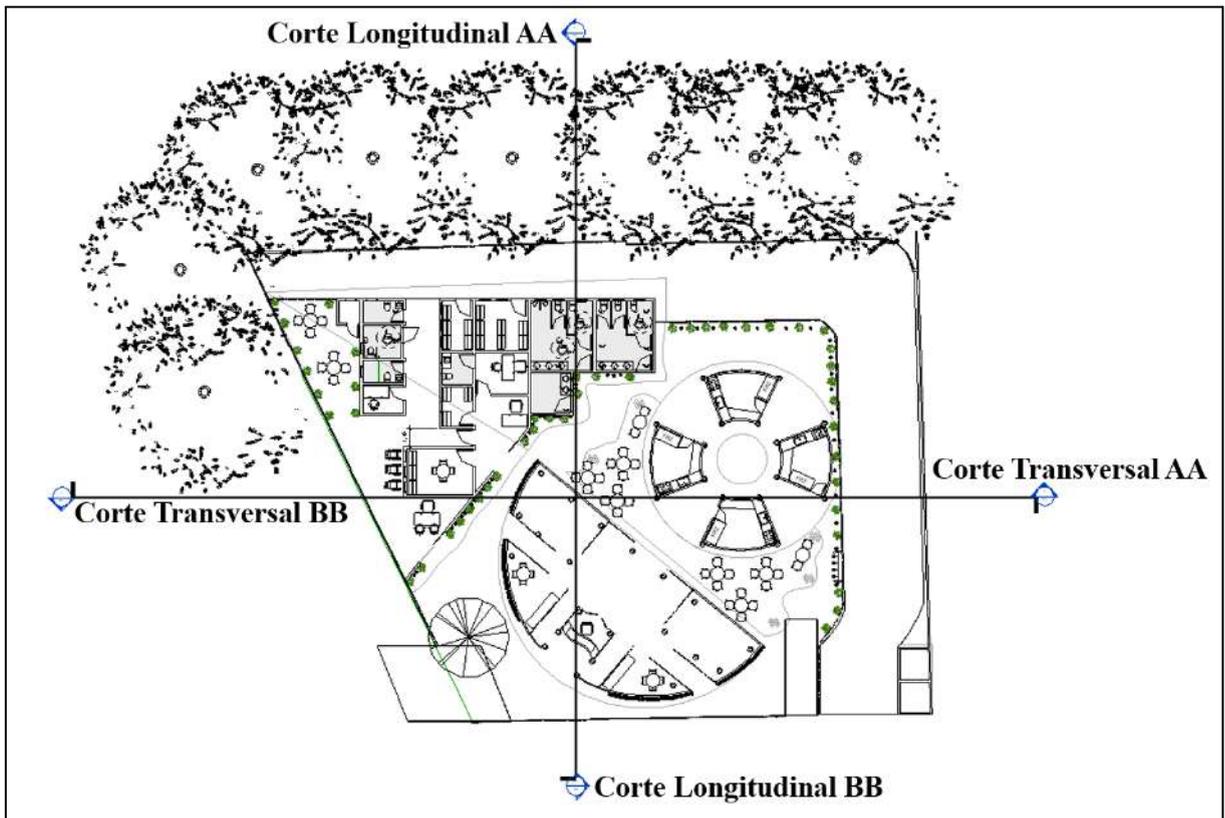
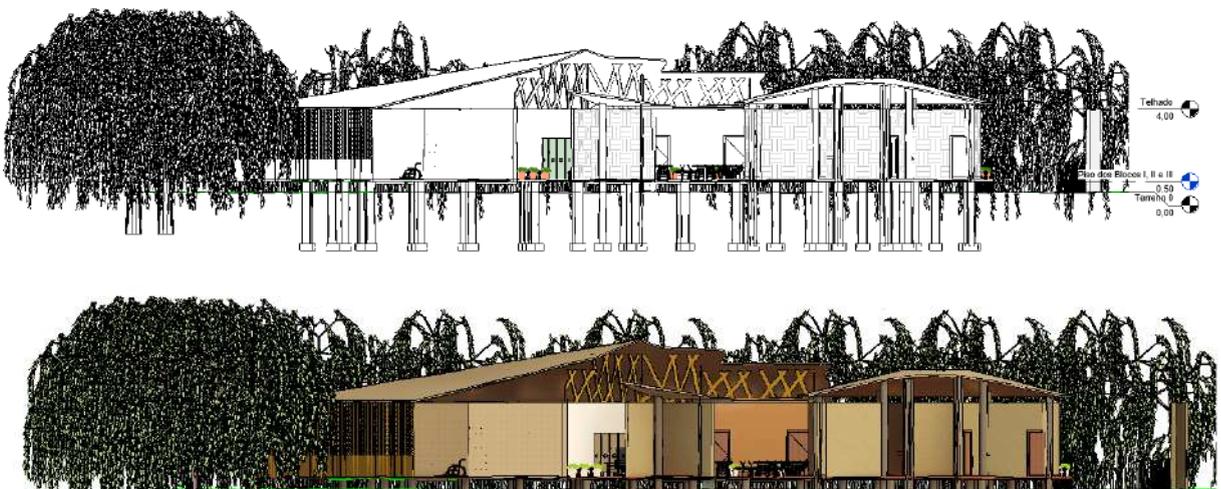
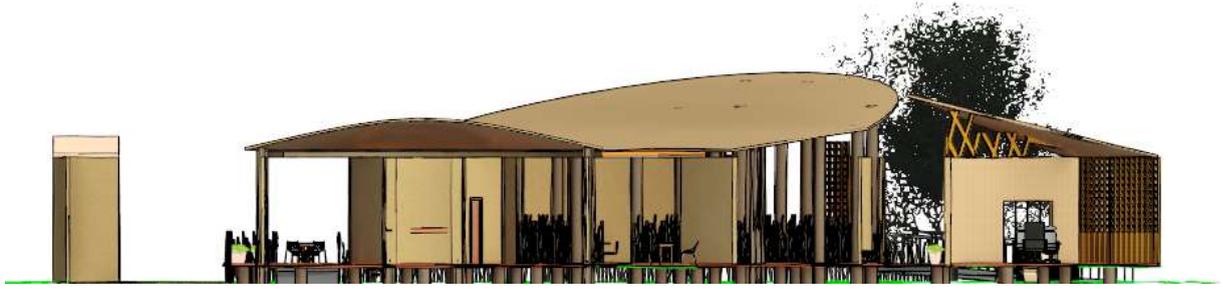
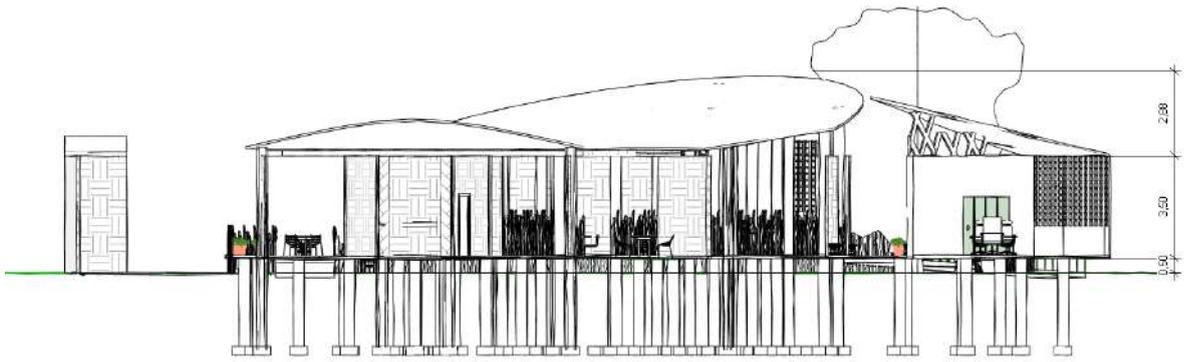


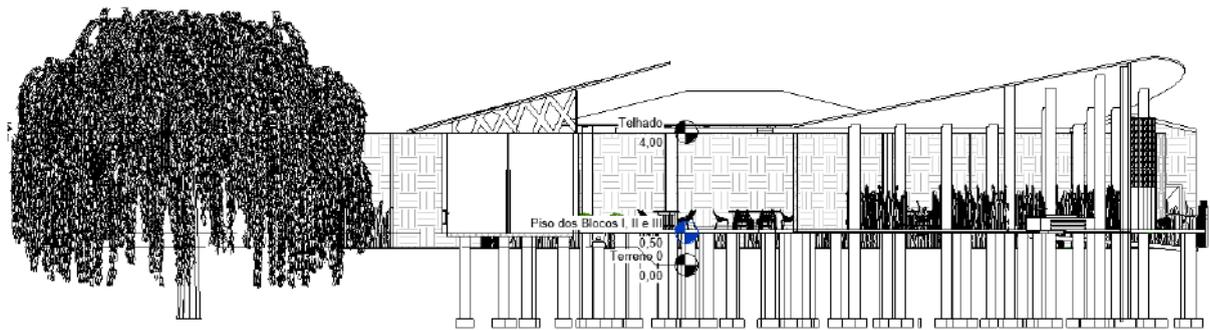
Figura 117: Implantação com as representações de cortes do Centro.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figuras 118 e 119: Corte Transversal AA.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



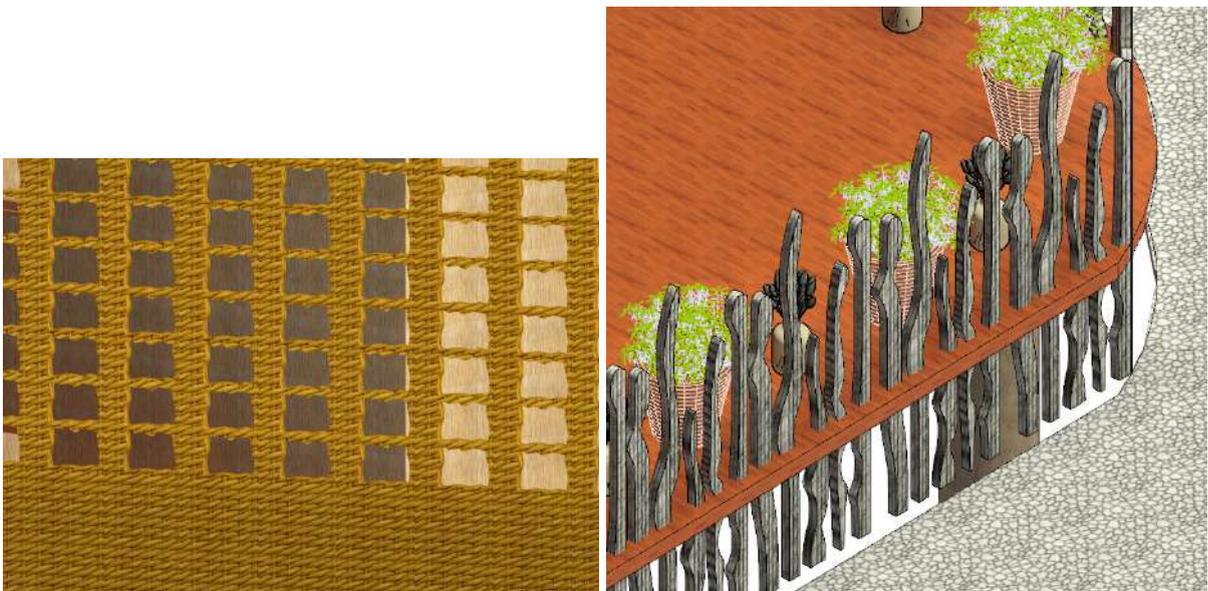
Figuras 120 e 121: E Corte Transversal BB.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figuras 122 e 123: Corte Longitudinal AA.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figuras 124 e 125: Corte Longitudinal BB.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figuras 126 e 127: Detalhes da parede de tramas de madeira e do cercado.  
 Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figuras 128: vista térrea do Norte para o Sul  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figuras 129: Vista térrea da fachada do bloco I  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.



Figuras 130: Vista térrea da fachada do bloco III  
Fonte: Cleisy Silva, novembro de 2023.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado estudou o Povoado Crasto, localizado em Santa Luzia do Itanhy - Sergipe, onde foi proposta a etapa de um estudo preliminar de um Centro de Tradições, para valorização da cultura e tradições locais. A partir dos estudos de campo foi possível identificar e conhecer o cotidiano e modos de vida das pessoas que ali vivem, bem como, perceber que trata-se de um lugar com pouca atração turística.

O capítulo I apresentou informações de construção histórica do município e desenvolvimento atual, com apresentação de dados e informações de índices humanos, educacionais, trabalhistas e suas informações geoespaciais, bem como, o seu desenvolvimento com relação ao setor turístico. Ainda neste capítulo, é frisado que o Crasto faz parte da comunidade é remanescente de quilombo, intitulada de Território Quilombola Luzienses, que se forma e passa por um longo processo até o reconhecimento pelo INCRA e Fundação de Palmares, fazendo com que o auto reconhecimento seja tímido entre seus residentes. São comunidades que, de acordo com Vaz (2016, s/p), “permaneceram em seus territórios no período pós-abolição – invisibilizadas pelo Estado e sofrendo expropriações e violências de diferentes ordens (...)”, e por isso são “portadores de direitos etnicamente diferenciados”.

O capítulo 2 apresentou o núcleo do Povoado Crasto tanto a partir da percepção da autora deste trabalho, como no reconhecimento das falas dos moradores. Foram identificados os métodos construtivos, as tradições culturais, a relação com a natureza, a proximidade com o rio e principalmente a consciência coletiva de preservação da comunidade, percepções que somente foram possíveis obter através dos próprios relatos dos moradores.

O capítulo 3 apresentou os estudos com relação ao projeto referencial que compartilhar de semelhanças culturais, históricas e técnicas arquitetônicas que trazem base para o centro de tradições.

O capítulo 4 o foco é direcionado a análises que direcionaram para a elaboração de um espaço que representasse e possibilitasse replicar os saberes e cultura secular desse povo. Considerando dados referentes à legislação municipal, clima, taxas e outros dados técnicos para a implantação.

Por fim, o capítulo 5 trouxe (disposição dos blocos), reflexão sobre os fluxos e acessos, bem como a valorização da paisagem existente. O Centro de Tradições apresenta características que conformam o Crasto, através de suas tramas, gravetos, pilotis, elevações, palha e barro, criando uma paleta vernacular e sustentável. Além disso, se auto sustenta fazendo uso da iluminação e ventilação natural em todos os seus blocos, tornando-se um

espaço agradável, ventilado e iluminado, contando a história da comunidade através de suas paredes, cercas, culinárias, exposições e artes.

É possível observar que todos os capítulos apresentados foram costurados num único resultado e intencionalidade, a ideia de valorização da cultura de uma comunidade ainda invisibilizada, apesar dos reconhecimentos e incentivos de ONGs. A proposta do Centro de Tradições é uma forma de empreender economicamente, de valorizar turisticamente, demonstrar a importância dos saberes seculares e que possa influenciar na replicação desses conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

ABNT. **Associação brasileira de normas técnicas - NBR 9050**. 2020.

ABNT. **Associação brasileira de normas técnicas - NBR 6492**. 1994.

AGÊNCIA GOV. **Iphan assina portaria de tombamento dos quilombos no dia da consciência negra**. Informação disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202311/iphan-assina-portaria-de-tombamento-dos-quilombos-no-dia-da-consciencia-negra-1>. Acesso em novembro de 2023.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis: Vozes, 1984.

ANTONIO, Edna Maria Matos. **A independência do solo que habitamos: poder, autonomia e cultura política na construção do império brasileiro - Sergipe (1750-1831)**. Coleção PROPG Digital - UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ARCHDAILY. **Centro Comunitário, Centro Cultural Nacajuca, México**. Projeto do Escritório Colectivo C733, 2021. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/991063/casa-de-musica-colectivo-c733?ad\\_source=search&ad\\_medium=projects\\_tab](https://www.archdaily.com.br/br/991063/casa-de-musica-colectivo-c733?ad_source=search&ad_medium=projects_tab). Acesso em 31 de outubro de 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica: Arte e Política**. Ed. Brasiliense, 1987.

BLOGREBOB. **Saiba porque os manguezais são tão importantes**. Texto de 28 de março de 2022. Informação disponível em: <https://www.rebob.org.br/post/2017/08/09/saiba-porque-os-manguezais-s%C3%A3o-t%C3%A3o-importantes#:~:text=Os%20manguezais%20t%C3%AAm%20um%20cheiro,similar%20ao%20de%20ovo%20podre>. Acesso em novembro de 2023.

BLOGSPOT. **Sergipe – 75 maravilhas: Santa Luzia do Itanhy**. 2019. Disponível em: <https://sergipe-75-maravilhas.blogspot.com/2019/01/santa-luzia-do-itanhy-sergipe-brasil.html>. Acesso em outubro de 2023.

BLOGSPOT. **Bem-vindo à Sergipe**. Acervo pessoal de Jorge Nascimento Carvalho. 2015. Disponível em: <https://bemvindoasergipe.blogspot.com/search/label/MUNIC%C3%8DPIO%20DE%20S.%20LUZIA%20ITANHY>. Acesso em outubro de 2023.

BOLETIM COVID-19. **Governo do Estado de Sergipe, Santa Luzia do Itanhy, 2021**. Disponível em: <https://santaluziadoitanhi.se.gov.br/2021/06/14/boletim-covid-19-14-de-junho-de-2021/>. Acesso em 12 de outubro de 2023.

BRAGHINI, Claudio R.; PICANÇO, Cristiane S.; VILAR, José W. C.; VIEIRA, Lício V. L.(orgs). **Turismo de base comunitária: reflexões e práticas na Ilha Mem de Sá**. Aracaju, 2020. Disponível em: <http://www.ifs.edu.br/images/EDIFS/ebooks/2020/turismo-de-base-comunitaria.pdf>. Acesso em 16 de outubro de 2023.

BRASIL. **Comunidades Certificadas pela Fundação Cultural Palmares**. 2023/b. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos-menu-departamentos/dpa/comunidades-ce>

rtificadas/tabela-crq-completa-certificadas-14-03-2023.pdf/view. Acesso em setembro de 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 06 de setembro de 2023.

BRASIL. 2022. **NORMA REGULAMENTADORA - NR 24 - Instalações Sanitárias e de Conforto nos Locais de Trabalho**. 2022/b. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/comissao-tripartite-partitaria-permanente/arquivos/normas-regulamentadoras/nr-24-atualizada-2022.pdf>. Acesso em novembro de 2023.

BRASIL. **Mata atlântica**. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/ecossistemas-1/biomas/mata-atlantica>. 2022/a. Acesso em outubro de 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação - MEC, 2023**. InepData Catálogo de Escolas, Disponível em: [https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?Dashboard&PortalPath=%2Fshared%2FCenso%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%2F\\_portal%2FCat%C3%A1logo%20de%20Escolas&Page=Lista%20das%20Escolas&P1=dashboard&Action=Navigate&ViewState=alihmtm3scd066ml746189k7m6&P16=NavRule\\_Default&NavFromViewID=d%3Adashboard~p%3Asf156n9k0qs70741](https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?Dashboard&PortalPath=%2Fshared%2FCenso%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%2F_portal%2FCat%C3%A1logo%20de%20Escolas&Page=Lista%20das%20Escolas&P1=dashboard&Action=Navigate&ViewState=alihmtm3scd066ml746189k7m6&P16=NavRule_Default&NavFromViewID=d%3Adashboard~p%3Asf156n9k0qs70741). 2023/c. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

BRASIL. **Ministério do Trabalho e Emprego**. 2023/d. Disponível em: [https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/inspecao-do-trabalho/areas-de-atuacao/potencial\\_municipio.pdf](https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/inspecao-do-trabalho/areas-de-atuacao/potencial_municipio.pdf). pág. 87 Acesso em outubro de 2023.

BRASIL. **Pesquisa aponta que 74% dos turistas escolhem o turismo rural pela proximidade com a natureza**. Ministério do Turismo, 2023/a. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/pesquisa-aponta-que-74-dos-turistas-escolhem-o-turismo-rural-pela-proximidade-com-a-natureza>. Acesso em outubro de 2023.

BRASIL. **Pesquisa feita no segundo semestre de 2022 pela META**. Ministério do Turismo, 2022/b. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/viajar-esta-no-topo-da-lista-de-desejos-dos-brasileiros-no-pos-pandemia>. Acesso em setembro de 2023.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1965.

COSTA, VANESSA DOS ANJOS, 2019. **Coração de Negro: Complexo Escolar Quilombola**, 102 pag. Trabalho Final de Graduação (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Tiradentes - UNIT - Sergipe, 2019.

DATE AND TIME INFO. **Nascer e pôr do Sol, duração do dia em Santa Luzia do Itanhy**. Brasil. 2023. Disponível em: <https://dateandtime.info/pt/citysunrisesunset.php?id=3450119&month=8&year=2023>. acesso em novembro de 2023.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: Princípios e práticas**. 9. ed. - São Paulo: Gaia, 2004.

DOU. **Portaria nº 135 de 20 de novembro de 2023**. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-iphan-n-135-de-20-de-novembro-de-2023-524245835>. Acesso em novembro de 2023.

DOU. **Portaria nº 107, de 1º de junho de 2023**. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-107-de-1-de-junho-de-2023-487670854>. Acesso em 30 de agosto de 2023.

CHUEKE, Gabriel V.; LIMA, Manolita C. **Pesquisa qualitativa: evolução e critérios**. Revista Espaço Acadêmico, n.128, p.63-69, jan.2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/279664207\\_Pesquisa\\_Qualitativa\\_Evolucao\\_e\\_Criterios](https://www.researchgate.net/publication/279664207_Pesquisa_Qualitativa_Evolucao_e_Criterios). Acesso em 31 de outubro de 2023.

EAMB. **A Bandeira do Elefante e da Arara: Tupinambás**. Disponível em: <https://www.eamb.org/brasil/tupinambas/>. Acesso em: 06 de setembro de 2023. 2015.

FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. **História Territorial de Sergipe**. Sociedade Editorial de Sergipe, Secretaria de Estado da Cultura - FUNDEPAH, 1995.

FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. **História de Sergipe**. Coleção Biblioteca Casa de Sergipe. 3ª ed. - São Cristóvão: Editora UFS; IHGSE, 2013.

FNDE. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Disponível em: [https://www.fnde.gov.br/pls/simad/internet\\_fnde.LIBERACOES\\_01\\_PC?p\\_ano=2023&p\\_programa=&p\\_uf=SE&p\\_municipio=280630](https://www.fnde.gov.br/pls/simad/internet_fnde.LIBERACOES_01_PC?p_ano=2023&p_programa=&p_uf=SE&p_municipio=280630). Acesso em 31 de outubro de 2023.

GALOTE, LUANA. 2018. **Centro Educacional de Arte e Cultura**. 156 pág. Trabalho Final de Graduação (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Paulista - UNIP - São Paulo. 2018.

GLOBOPLAY. **Combinado conta a história do pequeno John Rykelvy, beneficiado pelo Criança Esperança**. Programa de 05 de agosto de 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11839644/>. Acesso em outubro de 2023.

GLOBOPLAY. **Giro Sergipe conhece a enorme riqueza do Povoado Crasto**. Programa de 05 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10273577/>. Acesso em outubro de 2023.HELLER, Agnes. **Cotidiano e a História**. Editora: Paz e Terra, 2011.

GRAÇA, Alessandra Santos. **As marisqueiras do Povoado Crasto em Santa Luzia do Itanhy-SE: tempo, espaço e memórias do mangue**. Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2014. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/3174/1/ALESSANDRA\\_SANTOS\\_GRACA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/3174/1/ALESSANDRA_SANTOS_GRACA.pdf). Acesso em novembro de 2023.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11º ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. p. 18, grifo nosso). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B-uKLH1YmxZGSmY2c0hOeU11dTQ/view?resourcekey=0-XZsGZZXAcTy1DfJFNAfjqA> Acesso em: 25 de setembro de 2023.

IBGE. **Dados do Censo**. Disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/santa-luzia-do-itanhy/panorama>. Acesso em 14 de setembro de 2023.

ICMBIO. **Manual Caçara de Ecoturismo de Base Comunitária**. Publicado pelo Instituto Bio Atlântica, s/d. Disponível em:

<https://www.icmbio.gov.br/cairucu/component/content/article/17-botoes-extras/60-praticas-sustentaveis.html>. Acesso em outubro de 2023.

INMET. **Instituto Nacional de Meteorologia**. 2023. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/>. Acesso em novembro de 2023.

INCRA. **Governança fundiária - quilombolas**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/quilombolas>. Acesso em setembro de 2023.

INCRA/QGIS. **Acervo Fundiário**. Disponível em: <https://acervofundiario.incra.gov.br/i3geo/interface/incra.htm>. Acesso em agosto de 2023.

INFONET. **Engenho São Félix: relíquia do Brasil colônia em Sergipe**. 2016. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/engenho-sao-felix-reliquia-do-brasil-colonia-em-sergipe/>

IPTI. **Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação**. 2022/a. Disponível em: <https://www.ipti.org.br/sobre/>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

IPTI. **Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação**. 2022/b. Projeto Ploc. Disponível em: <https://vimeo.com/261650694>. Acesso em 1º de dezembro de 2023.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro. 2004, p. 251 – 290. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6871/7327>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

MARCON, Frank; BOMFIM, Wellington. **Processos Identitários e a Comunidade Quilombola Luzienses**. Revista Ambivalências, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/51754306/Processos\\_Identit%C3%A1rios\\_e\\_a\\_Comunidade\\_Quilombola\\_Luzienses](https://www.academia.edu/51754306/Processos_Identit%C3%A1rios_e_a_Comunidade_Quilombola_Luzienses). Acesso em outubro de 2023.

MUSEU VIVO DA CIDADE. **Engenho de São Félix**. s/d. Disponível em: <http://www.museuvivonacidade.com.br/search?q=ENGENHO+S%C3%83O+F%C3%89LIX>. Acesso em outubro de 2023.

NACAJUCA. **Concórdia para o Progresso**. Disponível em: <https://www.nacajuca.gob.mx/>. Acesso em novembro de 2023.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial I**. Universidade Federal de Sergipe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

PÁSSARO. **Uru: características, alimentação, hábitat, curiosidade e reprodução**. Por Alan Costa em 16/05/2022 (atualizado em 04/08/2023). Disponível em: <https://www.passaro.org/uru/>. Acesso em outubro de 2023.

PAULILO, Maria A. S. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Artigo publicado no Serviço Social Revista, vol. 2, n. 2 – ISSN 1516-3091. Londrina: Ed. UEL, 1999, p. 135-148. disponível em: \*n1v2 (uel.br) Acesso em: 31 de outubro de 2023.

PDDU. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do município de Santa Luzia do Itanhy**. 2008. Disponível em: <https://santaluziadoitanhi.se.gov.br/leis-e-decretos/>. Acesso em novembro de 2023.

QUEIROZ, D.T.; VALL, J. SOUZA, A.M.A.; VIEIRA, N.F.C. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod\\_resource/content/1/Observa%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod_resource/content/1/Observa%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf). Acesso em novembro de 2023.

SERGIPE. **A cidade de Santa Luzia do Itanhy**. S/d. Disponível em: <https://santaluziadoitanhi.se.gov.br/a-cidade/>. Acesso em setembro de 2023.

SERGIPE. **Governador inaugura rodovia do Crasto nesta quinta, 09 de março de 2017**. Disponível em: <https://www.se.gov.br/index.php/noticias/governo/governador-inaugura-rodovia-do-crasto-nes-ta-quinta-dia-09>. Acesso em novembro de 2023.

SERGIPE. **Mapa do turismo**: Cartilha de Orientação. 2021/a. Disponível em: [https://www.se.gov.br/anexos/uploads/download/filename\\_novo/3484/ae4e7bacc5694a920965bea58d7df1ff.pdf](https://www.se.gov.br/anexos/uploads/download/filename_novo/3484/ae4e7bacc5694a920965bea58d7df1ff.pdf). Acesso em novembro de 2023.

SERGIPE. **Prefeitura de Santa Luzia do Itanhy inicia a 2ª etapa de distribuição de cesta básica**. 2020. Disponível em: <https://santaluziadoitanhi.se.gov.br/2020/07/24/prefeitura-de-santa-luzia-do-itanhi-inicia-a-2a-etapa-de-distribuicao-de-cesta-basica/>. Acesso em outubro de 2023.

SERGIPE. **Secretaria de educação disponibiliza II bloco de atividades não presenciais**. 2021/b. Disponível em: <https://santaluziadoitanhi.se.gov.br/2021/02/19/secretaria-de-educacao-disponibiliza-ii-bloco-de-atividades-nao-presenciais/>. Acesso em outubro de 2023.

SERGIPE. **Sergipe Turismo**: Ilha Mem de Sá. 2019. Disponível em: <https://www.sergipeturismo.com/ilha-mem-de-sa/ilha-mem-de-sa/>. Acesso em novembro de 2023.

SICSÚ, João; CASTELAR, Armando. **Sociedade e economia : estratégias de crescimento e desenvolvimento**. Brasília : Ipea, 2009.

SILVA, Fernanda Cristina de Oliveira. **Comunidade remanescente de quilombos do território Luziense**. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/luziense.pdf>. Acesso em setembro de 2023.

SOUSA, Carlos Ângelo de M.; CAVALCANTE, Maria J. M. (orgs). **Os jesuítas no Brasil: entre a Colônia e a República**. Brasília: Liber Livro, 2016.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil (1587)**. Rio de Janeiro, 1879.

SOUZA, Antônio Lindvaldo. **Tupinambá e Tapuia**: modos de ser indígenas? Aula 5, 2021. Disponível em: [https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17281124022014Temas\\_de\\_Historia\\_de\\_Sergipe\\_I\\_aula\\_05.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17281124022014Temas_de_Historia_de_Sergipe_I_aula_05.pdf). Acesso em outubro de 2023.

SUN EARTH TOOLS. **Ferramentas para Designer e consumidores de energia solar**. 2023. Disponível em: [https://www.sunearthtools.com/dp/tools/pos\\_sun.php?lang=pt#top](https://www.sunearthtools.com/dp/tools/pos_sun.php?lang=pt#top). Acesso em novembro de 2023.

UFBA. **Manguezais**. Zona Costeira: texto por Camilla Caricchio. s/d. Informações disponíveis em: <http://zonacosteira.bio.ufba.br/Manguezais.html#:~:text=O%20manguezal%20recebe%20esse%20nome,%C3%A1rvores%20abrigo%2C%20prote%C3%A7%C3%A3o%20e%20alimento>. Acesso em novembro de 2023.

UNEP. **Relatório PNUMA:** Discurso proferido por Antônio Guterres no relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. 2021. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/comunicado-de-imprensa/crises-de-clima-biodiversidade-e-poluicao-devem-ser> Acesso em setembro de 2023.

URRY, Jhon. **O olhar do turista:** Lazer e viagem na sociedade contemporânea. Studio Nobel: SESC. São Paulo, 2001.

VAZ, Beatriz Accioly. Quilombos. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). Informação disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/81/quilombo>. Acesso em novembro de 2023.

WORDPRESS. **Gramática Tupinambá.** Blog de Luís Paixão, s/d. Informação disponível em: <https://luispaixao.wordpress.com/gramatica-tupinamba/>. Acesso em outubro de 2023.

YOUTUBE. **Casa de Música:** Coletivo 733. Canal de Silva Barbosa, produzido por Fernando León Nájera e Silvia Barbosa Estrada. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NDi-4JFL7hA>. Acesso em novembro de 2023.

## ANEXOS

### Crasto, 1º de outubro de 2023

Cheguei fazendo aquele percurso que já descrevi aqui no trabalho, observando o lugar em todos os aspectos. Mata, construções, barracas, pessoas, animais, comidas, etc. Quando já estava lá, no Povoado Crasto, iniciei um diálogo com os senhores Gilson leite (representado por “G”), José Raimundo (representado por “J”) e Risomário (representado por “R”):

Eu - O senhor mora há quantos anos aqui no Crasto?

G - Eu sou filho daqui<sup>45</sup>.

Eu - Seu pai e sua mãe também eram moradores.

G - A minha mãe e o meu pai, era desse dessa cidade<sup>46</sup> aí, mas já faleceu.

Eu - Há quantos anos o senhor trabalha nesta área<sup>47</sup>?

G - Rapaz, eu comecei criança com 12 anos.

Eu - 12 anos de idade, já estava nessa luta antes de entrar no Rio.

Nesse momento, senti o peso de como pode ter sido difícil a vida dessas pessoas, que tão jovens deixaram sua infância, brincadeiras, outros aprendizados, estudos, para ajudar no sustento das suas famílias.

Eu - Como é que o senhor conhece esse Rio? Qual é o nome que vocês dão a ele?

R - É o Rio Piauí.

Eu - Estou perguntando, porque em algumas pesquisas que eu fiz consta que aqui o nome é rio jacaré. Outros mostram que o nome é Rio Real

J - Rio Real é que pega de mangue seco<sup>48</sup> até em Indiaroba<sup>49</sup>.

Nesse trecho pude perceber que eles têm a consciência de orientar como de fato devemos nomear o rio e prova que os mesmo tem o conhecimento da história.

Eu - Qual o nome do senhor?

R - O apelido é come doce, o nome é Risomário Santos!

---

<sup>45</sup> Referindo-se ao povoado Castro.

<sup>46</sup> Referindo-se a Santa Luzia do Itanhy.

<sup>47</sup> Referi-me à pesca.

<sup>48</sup> Povoado vizinho.

<sup>49</sup> Cidade vizinha.

Rosimario estava revitalizando seu barco, colorindo com cores vibrantes. Uma pincelada de amarelo, outras azuis. Tinha nos olhos o orgulho de estar ali caprichando no seu meio de transporte do qual tira seu sustento.

Eu - E o do senhor?

J - José Raimundo Barbosa

Eu - O senhor trabalha aqui, tem quanto tempo?

J - Assim? Tem uns 50 e poucos anos, vou falar assim, né? Eu comecei com 10 anos, né?

Fiquei ainda mais perplexa diante disso. Com 10 anos já entravam no rio. Fiquei pensando sobre os perigos pelos quais eles passavam. Pensei em mim também, que com meus 29 anos, ainda não sei nadar e em como sinto medo de entrar rio para um simples passeio.

Eu - Vocês fazem parte da associação?

G - Não, eu não faço, não faço parte da colônia de pesca.

Eu - E o senhor?

J – Sou Aposentado, não posso mais!

Eu - Mas o senhor ainda entra para pegar peixe para comer?

J – “Pra” comer sim, né?

Eu - O que vocês acham que aqui no Crasto poderia melhorar para ajudar a vida de vocês?

J - Aqui, uma fábrica para ajudar a gente, né?

Eu - Vocês acham que nesses últimos anos os jovens que são daqui estão saindo muito ou muitos ainda continuam aqui?

G- Não, tem muitos jovens que estão saindo!

J -Vão pra fora, né?

R- Para trabalhar fora, em São Paulo, né?

J - Meus filhos foram tudo embora pra Santa Catarina só tem uma que mora em Santa Luzia e uma que mora em Aracaju. Os outros foram tudo embora, a oportunidade é pouca, nem na cidade vizinha assim é fácil de achar emprego.

Senti um pouco de tristeza na fala de Seu José. Isso abalou um pouco. Fiquei emocionada ao perceber como a necessidade os tirou do aconchego do seu lar.

Eu - A única renda que tem mesmo é o Rio.

G - A gente vive daí do Rio é de dia à noite que nós trabalhamos, faça chuva que faça sol!

Atordoada e com olhos arregalados com a informação, perguntei:

Eu - À noite, também, vocês entram?

Sorrindo seu José me respondeu:

J - Qualquer hora a gente sai, onze da noite e volta de manhã. Agora mais não, já estou aposentado, não estou mais nessa luta mais!

Eu - Vocês sentiram diferença de antigamente para hoje, a quantidade de peixes que pega no Rio ou continuam a mesma quantidade?

J - Tem as quantidades de dia né? Tem dias que pega 100 kg e não é sempre, às vezes menos, 20 kg para baixo.

G - Hoje nós pegamos 20kg, e deu graças a Deus

Quando contou isso, eu senti um alívio e felicidade por terem conseguido tanto.

Eu - Quando vocês pegam essa quantidade, vocês vendem, e ficam para se alimentar?

R - É, aqui, na verdade é pegando e entregando ao cambista<sup>50</sup>, né? Quando chega, entrega logo.

Eu - Geralmente eles já estão esperando?

Fiquei curiosa para saber como funcionava.

J - Sim e já leva para feira de Estância

Eu - Vocês pegam somente peixe ou tem outro marisco que vocês conseguem, por exemplo, camarão?

R - Ali ele só pega camarão<sup>51</sup> Ele colocou umas boias e pega a sardinha também.

Nessa hora, Seu Gilson apontou para o rio me explicando.

G - A gente pesca e às vezes vende para os turistas, né?

---

<sup>50</sup> Pessoa responsável pelos recolhimentos dos peixes e marisco e entrega nas feiras das cidades vizinhas.

<sup>51</sup> Referindo-se a uma boia no meio do rio.

Percebi nessa fala, nos gestos, que poderia ser melhor essa venda ao turista se houvesse um local adequado de vendas.

Em quase uma hora de conversa, surgiram histórias sobre crenças e culturas populares. Sr. José me contou que sua esposa é muito religiosa e faz questão de ir à igreja sempre, e ela o ajudava na pescaria quando podia. Falou com entusiasmo sobre seu passatempo, pois costuma fazer corridas de barcos. Contou que ama viajar para competir com seu barco, apelidado carinhosamente de FBI. Conta com orgulho sobre os títulos e sobre o dinheiro que ganhou competindo. Relembrou os perigos que viveu nos rios quando o seu barco virava.

Falou com emoção e orgulho de seus filhos, que se tornaram boas pessoas e que agora vão cuidar dele e de sua esposa. Relembrou de momentos da infância e juventude, quando brincava de bola com os amigos. Contou sobre as experiências e alegrias que teve em sua vida. Narrou com carinho sobre o lugar que mora e diz que dali não sai, somente quando Deus o chamar.

Depois de aproximadamente uma hora ali na roda de conversa chegou seu Zé de Aniba<sup>52</sup>, (que será representado no diálogo com a letras ZA) vendedor de Moqueca de Aratu<sup>53</sup> na palha muito afamada na região, o mesmo pedindo licença se apresentou e falou sobre seu produto.

Eu atenta a boa narrativa expressada por ele perguntei sobre o que ele sentia de pertencer aquele lugar tão rico em histórias e belezas

Eu - Qual o nome do senhor?

ZA - Meu nome é Zé de Aníba.

Eu - O que o senhor sabe da história do Crasto?

ZA - Na verdade, Crasto era o porto de importação por ser o lugar onde todos os produtos da região sul do Sergipe passavam por aqui.

Nesse momento senti que ele conhecia a importância do lugar.

Eu - O senhor sempre morou aqui no Crasto?

ZA - Desde que nasci, na verdade meu pai era muito conhecido na região, ele comprava e vendia barcos, ia pra bahia cortando a mata a pé, se vestia com uma roupa velha pra ninguém roubar o dinheiro e saia e só voltava com o barco. quando ele saia eu que ficava responsável de trazer o sustento pra casa foi quando eu comecei a entrar no mangue.

---

<sup>52</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por José de Aníba em 1º de outubro de 2023.

<sup>53</sup> Iguaria feita com a carne do Aratu e temperos envoltos na palha da bananeira.

Nesse momento eu imaginei um garoto entrando no mangue.

Ele continuou.

ZA - A história aqui do crasto eu conheço, tá vendo aquela igreja ali.(apontou para a ruína da igreja velha) cheguei a assistir uma missa em italiano quando ainda era criança e hoje ela está assim. tá vendo aquele trapiche. (apontando para a ruína do antigo trapiche ) era ali que os barcos atracavam para descarregar e carregar.

Percebi que ele sentia orgulho em falar do local.

ZA - muitas pessoas não conhecem a história do crasto, mas, aonde eu chego eu conto pra pessoas entenderem que quando eu entro no mangue eu tenho propriedade de entrar.

EU - Como assim seu Zé de Aniba? (questionei curiosa)

ZA - A minha moqueca é a melhor porque eu vou até o mangue, atravesso ao rio escolho a dedo o Aratu, limpo e trato com higiene e meu tempero é só com produtos frescos.

Questiono.

EU - Todos os dias você vai até o mangue como funciona?

ZA - Eu saio cedinho, atravesso o rio no barco e vou procurar o Aratu, eu vendo aqui e também na região eu preparo o aratu e vou falar pra você que a melhor que você vai provar.

Nesse momentos rimos e me encorajei a experimentar aquela iguaria nunca provada antes. Assim que experimentei a explosão de sabor tomou conta e me trouxe memórias que jamais esquecerei, era algo que trazia nuances da carne do caranguejo tradicional com tempero adocicados e levemente apimentado, realmente fiquei maravilhada quase não falava enquanto comia, não foi 10 minutos eu já tinha acabado com porção. A partir dali a nossa prosa durou mais alguns minutos e nos despedimos e o mesmo foi chamado por populares para comprar seus Aratus na palha.

Na segunda imersão ao campo tive a grata surpresa de encontrar com o senhor Alberto<sup>54</sup> (que será representado pela letra A)pescador e morador da região e me contou um pouco do processo da construção de casas de taipa próximas aos mangues para dar suporte aos pescadores.

---

<sup>54</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por Alberto em 15 de novembro de 2023.

**Crasto, 15 de novembro de 2023**

Me aproximei de um grupo de pescadores que estava sentado às margens da rodovia que dá acesso ao Crasto, é um local que fica após a ponte, em uma ribanceira, a baixo fica uma antiga casa de taipa e uma outra com as tramas prontas para iniciar o processo de encher as paredes de barro, me apresentei e iniciei o diálogo.

Eu - Essa casa é do senhor?

Questionei o senhor Alberto que estava debruçado na porta da casa.

A - É de todo mundo.

Eu - Quem fez essa casa o senhor sabe?

A - A gente mesmo.

Eu - Pra morar?

A - Não, aqui a gente faz pra quando a gente vem pescar ter onde ficar.

Eu - Vocês costumam ficar muito tempo?

A - Às vezes o dia, a noite, depende, aqui ficam sempre a disposição, tem um fogão a lenha mesa a gente fica por aqui, pode entrar pra ver.

Assim que fui convidada a entrar rapidamente o fiz, com os olhos atentos a todos os detalhes, observei o que me parecia uma sala, de cara notei uma rede de pesca pendurada no caibro principal da casa, uma cadeira e uma mesa coberta por agulhas e linhas, facas de cozinha, isqueiros, alguns mantimentos e um rádio a pilha. no canto algumas armadilhas de pegar caranguejo feita de arame liso. o cheiro de fumaça ficava cada vez mais forte e após uma pequena divisão entre as parede cheguei ao que poderia ser a cozinha e avistei o fogão a lenha, com uma panela ao fogo, voltei até onde estava seu Alberto e retomei a conversa.

Eu - Seu Alberto, como vocês fazem pra construir essas casas?

A - aqui é assim, se reuni todo mundo, levanta com as varas e depois a gente enche as paredes com barro.

Eu - E esse material vocês conseguem aonde?

A - as vara nos matos e os barro é daqui mesmo, todo mundo ajuda porque todo mundo vai usar.

Agradei a seu Alberto e segui em direção ao Crasto.

Chegando ao Crasto e andando pelas ruas estreita sair em uma área de pastagem que dava fundos da casa de dona Teresinha<sup>55</sup> (que será representada pela letra DT) marisqueira que estava a beneficiar peixes para secar na esteira.

Assim que fui me aproximando ela logo veio em minha direção, trouxe em suas mãos uma faquinha pequena, o seu instrumento de trabalho, com algumas escamas grudadas em seu corpo e sorridente já iniciou a conversa me explicando como funcionava o tratamento e secagem dos peixes.

DT - Esses são peixes que colocamos para secar e vender nas feiras, quando ele (referindo-se ao peixe) é graúdo colocamos com a barriga pra baixo.

Eu - Vocês vão para o rio pescar?

DT - Às vezes, quem vai mais é o homem, agente é mais camarão de mão, e em rede de nylon.

Ali ela me explicou sobre sua preocupação referente a higienização e forma de transportar seus produtos até o cliente.

Em meios as prosas que seguiram por mais alguns minutos, sentir preocupação na fala de dona terezinha com relação às crianças e suas atividades extracurriculares, expressou em forma de desabafo como ela se sentia em ver tantas crianças expostas a situações de insegurança e como sentia falta de um lugar onde elas poderiam de fato está protegidas e aprendendo.

Esse e outros relatos me deram o *start* do quanto aquela comunidade precisava de um espaço, fazendo com que chegasse a conclusão de um centro de tradições que obtivesse salas de oficinas, artesanatos e exposições.

---

<sup>55</sup> Entrevista concedida, gravada e autorizada por dona Teresinha em 15 de novembro de 2023



## Relatório do Software Anti-plágio CopySpider

Para mais detalhes sobre o CopySpider, acesse: <https://copyspider.com.br>

### Instruções

Este relatório apresenta na próxima página uma tabela na qual cada linha associa o conteúdo do arquivo de entrada com um documento encontrado na Internet (para "Busca em arquivos da Internet") ou do arquivo de entrada com outro arquivo em seu computador (para "Pesquisa em arquivos locais"). A quantidade de termos comuns representa um fator utilizado no cálculo de Similaridade dos arquivos sendo comparados. Quanto maior a quantidade de termos comuns, maior a similaridade entre os arquivos. É importante destacar que o limite de 3% representa uma estatística de semelhança e não um "índice de plágio". Por exemplo, documentos que citam de forma direta (transcrição) outros documentos, podem ter uma similaridade maior do que 3% e ainda assim não podem ser caracterizados como plágio. Há sempre a necessidade do avaliador fazer uma análise para decidir se as semelhanças encontradas caracterizam ou não o problema de plágio ou mesmo de erro de formatação ou adequação às normas de referências bibliográficas. Para cada par de arquivos, apresenta-se uma comparação dos termos semelhantes, os quais aparecem em vermelho.

Veja também:

[Analisando o resultado do CopySpider](#)

[Qual o percentual aceitável para ser considerado plágio?](#)



Versão do CopySpider: 2.2.2

Relatório gerado por: [cleisysilvaarquitectaurbanista@gmail.com](mailto:cleisysilvaarquitectaurbanista@gmail.com)

Modo: web / normal

Arquivos	Termos comuns	Similaridade
<a href="#">ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES_ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf X</a> <a href="https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/pescadores-artesanais-conheca-o-trabalho-desses-profissionais-que-vivem-da-pesca-e-mantem-uma-relacao-de-carinho-com-a-natureza">https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/pescadores-artesanais-conheca-o-trabalho-desses-profissionais-que-vivem-da-pesca-e-mantem-uma-relacao-de-carinho-com-a-natureza</a>	25	0,14
<a href="#">ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES_ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf X</a> <a href="https://www.letras.muș.br/blog/musica-cidadao-ze-ramalho-significado">https://www.letras.muș.br/blog/musica-cidadao-ze-ramalho-significado</a>	20	0,11
<a href="#">ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES_ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf X</a> <a href="https://www.ipti.org.br">https://www.ipti.org.br</a>	12	0,07
<a href="#">ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES_ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf X</a> <a href="https://www.bbc.com/portuguese/geral-54517943">https://www.bbc.com/portuguese/geral-54517943</a>	8	0,04
<a href="#">ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES_ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf X</a> <a href="https://www.bible.com/pt/bible/211/JHN.21.3-23.NTLH">https://www.bible.com/pt/bible/211/JHN.21.3-23.NTLH</a>	6	0,03
<a href="#">ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES_ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf X</a> <a href="https://www.letras.com.br/ze-ramalho/cidadao">https://www.letras.com.br/ze-ramalho/cidadao</a>	6	0,03
<a href="#">ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES_ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf X</a> <a href="https://www.cifraclub.com.br/ze-ramalho/cidadao">https://www.cifraclub.com.br/ze-ramalho/cidadao</a>	5	0,02
<a href="#">ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES_ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf X</a> <a href="http://www.google.com.br/url?esrc=s">http://www.google.com.br/url?esrc=s</a>	0	0,00



=====

**Arquivo 1:** ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES\_ ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO\_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf (16192 termos)

**Arquivo 2:** <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/pescadores-artesanais-conheca-o-trabalho-desses-profissionais-que-vivem-da-pesca-e-mantem-uma-relacao-de-carinho-com-a-natureza> (1547 termos)

**Termos comuns:** 25

**Similaridade:** 0,14%

O texto abaixo é o conteúdo do documento ENCONTROS NAS MEMÓRIAS LUZIENSES\_ ESTUDO PRELIMINAR DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES PARA O POVOADO CRASTO\_SE. CLEISY SILVA.docx (5).pdf (16192 termos)

Os termos em vermelho foram encontrados no documento <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/pescadores-artesanais-conheca-o-trabalho-desses-profissionais-que-vivem-da-pesca-e-mantem-uma-relacao-de-carinho-com-a-natureza> (1547 termos)

=====